# Universidade de São Paulo Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" Centro de Energia Nuclear na Agricultura

# Ecologia dos convívios comensais de jovens órfãos pela AIDS em São Paulo

# Sueli Aparecida Moreira

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Ciências. Área de concentração: Ecologia Aplicada

# Sueli Aparecida Moreira Nutricionista

# Ecologia dos convívios comensais de jovens órfãos pela AIDS em São Paulo

Orientador:
Profa. Dra.**LAURA ALVES MARTIRANI** 

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Ciências. Área de concentração: Ecologia Aplicada

# Dados Internacionais de Catalogação na Publicação DIVISÃO DE BIBLIOTECA - DIBD/ESALQ/USP

Moreira, Sueli Aparecida

Ecologia dos convívios comensais de jovens órfãos pela AIDS em São Paulo / Sueli Aparecida Moreira. - - Piracicaba, 2014.

150 p. : il.

Tese (Doutorado) - - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" . Centro de Energia Nuclear na Agricultura, 2014.

1. Refeições familiares 2. Comportamento alimentar 3. Práticas alimentares 4. Comensalidade I. Título

CDD 363.8 M838e

"Permitida a cópia total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte - O autor"

"No domingo, com efeito, chegou Rebeca. Não tinha mais de onze anos. Toda a sua bagagem era composta de um bauzinho de roupa, uma pequena cadeira de balanço de madeira com florezinhas coloridas pintadas a mão e um saco de lona que fazia um eterno ruído de cloc cloc cloc, onde trazia os ossos de seus pais".

Gabriel Garcia Marques (Cem anos de Solidão)

# SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	9
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Apresentação	11
1.2 Objetivos	13
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1 História da alimentação e da família	15
2.2 Tecnologias nos espaços domésticos e autonomia do comensal moderno	19
2.3 Comensalidade e individualização do comer contemporâneo	21
2.4 Sincronia dos convívios comensais no contexto urbano	26
2.5 A família, o jovem e a orfandade pelo HIV/AIDS	27
2.6 Conceito de padrão aplicado à alimentação	33
2.7 Espaço e tempo das relações comensais	39
2.8 Construção metodológica interdisciplinar	42
3 MATERIAIS E MÉTODOS	51
3.1 Metodologia da abordagem qualitativa	51
3.2 Metodologia da abordagem quantitativa	55
3.3 Referências instrumentais para o estudo de refeições	61
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	65
4.1 Resultados e discussão da abordagem qualitativa	65
4.1.1 O contexto da periferia urbana paulistana	65
4.1.2 Sentidos atribuídos à orfandade	66
4.1.3 Trajetórias dos convívios comensais	71
4.1.4 Sincronias espaciais de refeições com jovens órfãos pela AIDS	72
4.1.5 Ritmos temporais de refeições com jovens órfãos pela AIDS	78
4.1.6 Adaptabilidade aplicada ao estudo de convívios comensais	84
4.1.7 Percepção de risco e estratégias comensais em contexto do HIV/AIDS	89
4.1.8 Meninas órfãs herdeiras do cuidado	95
4.1.9 Meninas órfãs guardiãs da memória culinária	101
4.2 Resultados e discussão da abordagem quantitativa	103
4.2.1 Perfil sócio demográfico da amostra de jovens	103

4.2.2 Padrão de convívio comensal dos jovens órfãos pela AIDS	106
4.2.4 Aspectos condicionantes das refeições de jovens com seus familiares	113
4.2.5 Frequências de refeições familiares e benefícios para o jovem	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICES	147

#### **RESUMO**

# Ecologia dos convívios comensais de jovens órfãos pela AIDS em São Paulo

A refeição familiar desempenha uma função estruturante das relações sociais, mas os convívios comensais de jovens órfãos com suas famílias podem ser afetados no contexto da orfandade pelo HIV/AIDS. Como parte de um projeto de pesquisa temático sobre Estigma e Discriminação relacionados ao HIV/AIDS, realizou-se um estudo para apreender os aspectos condicionantes das refeições familiares e caracterizar os convívios comensais de jovens órfãos pela AIDS em São Paulo. Portanto, realizou-se um estudo transversal com abordagem qualitativa e quantitativa a partir de perspectiva interdisciplinar entre antropologia da alimentação, saúde pública e ecologia cultural. Na fase qualitativa, foram utilizadas 19 entrevistas com jovens órfãos pela AIDS. As narrativas foram percorridas em busca de categorias contextuais e da sincronia de convívios espaciais e temporais para refeições. Na abordagem quantitativa, utilizou-se amostra com 276 jovens órfãos pela AIDS. Foram realizadas análises descritivas dos dados com distribuição de frequências e posteriormente foi aplicado o teste de Rao Scott. Os testes foram conduzidos em nível de significância de 5% e poder de teste de 80%. Para realização destas análises utilizou-se do programa STATA 10.0. As metodologias foram consideradas complementares e o processo de construção da análise foi desenvolvido a partir da ideia de artesanato intelectual proposta por Wright Mills (2009). Os resultados demonstraram que (1) a refeição familiar reflete a estrutura familiar; (2) a refeição atua como eixo da sincronia familiar em ritmos temporais e espaciais, e (3) as refeições refletem as mudanças nos convívios contemporâneos e os compromissos temporais com a família favorecem a adaptabilidade do jovem órfão em contexto urbano.

Palavras-chave: Refeições familiares; Comportamento alimentar; Práticas alimentares; Comensalidade

#### **ABSTRACT**

# Ecology of commensals gatherings of young people orphaned by AIDS in São Paulo

The family meal plays a structuring role in social relations, but commensal gatherings of young orphans and their families might be affected in the context of orphaned by HIV/AIDS. As part of a themed research project on Stigma and Discrimination Related to HIV/AIDS, this study was conducted in order to understand all conditioning aspects of family meals and to characterize commensal gatherings of young people orphaned by AIDS in São Paulo. For such, we performed a crosssectional study with qualitative and quantitative approaches from an interdisciplinary perspective between food anthropology, public health and cultural ecology. In the qualitative phase, interviews with 19 young people orphaned by AIDS were used. The narratives were covered in search of contextual categories and synchrony of spatial and temporal gatherings for meals. The quantitative approach was used to sample 276 young people orphaned by AIDS. Descriptive analyzes of the data with frequency distribution were performed and then the Rao Scott test used. Tests were conducted at a significance level of 5% and power of 80%. For these analyzes we used the STATA 10.0 software. The methodologies were complementary and stemmed from the idea of intellectual craft proposed by Wright Mills (2009). The results showed that (1) the family meal reflects the family structure; (2) the meal acts as an axis of family synchrony in spatial and temporal rhythms, and (3) meals reflect changes in contemporary gatherings and family time commitments promote the adaptability of the young orphan in an urban context.

Keywords: Family meals; Feeding behavior; Feeding practices; Edibility

# 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Apresentação

O presente estudo compreende uma investigação transversal sobre as sincronias temporais e espaciais que configuram a ecologia dos convívios de jovens que ficaram órfãos em decorrência do adoecimento e morte dos pais pelo HIV/AIDS em São Paulo. É fruto da minha participação na equipe da pesquisa Estigma e discriminação relacionados ao HIV/AIDS de autoria de França Junior (2005) junto a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP). O projeto maior contempla temáticas sobre os diversos impactos na qualidade de vida de crianças e jovens órfãos pela AIDS em São Paulo, inclusive a comensalidade, cuja temática motivou minha participação no período de 2005 a 2010.

Os convívios comensais dos jovens órfãos foram percorridos sob a perspectiva da ecologia cultural, para análise das relações estabelecidas entre o ambiente urbano e o grupo social no qual os jovens convivem. Entendendo a Refeição Familiar como uma das práticas que promove a adaptabilidade porque – motiva a estrutura e ao mesmo tempo converte-se na própria estrutura do grupo familiar.

Foi realizado com base na ideia de complementariedade de metodologia qualitativa e quantitativa. A análise dessa natureza demandou um trabalho de *bricoleur*, de artesão intelectual, na organização dos dados (MILLS, 2009, p. 15). *Bricoleur*, para Lévi-Strauss (2010, p. 33), é aquele que trabalha com as mãos. Trabalhar com a bricolagem seria produzir um artefato novo a partir de fragmentos de outros objetos. A bricolagem (re)liga objetos e conceitos, fornecendo material para um olhar complexo: aquele que procura "sempre as relações e inter-retroreações entre cada fenômeno e seu contexto" (MORIN, 1999, p. 21).

Alterações na estrutura das famílias, como morte e separações, bem como mudanças do *status* social devido à perda ou troca de determinada ocupação laboral do arrimo, resulta numa separação dos elementos familiares, repercutindo no número, estrutura e composição dos elementos da família (REICHEMBACH, 2004, p. 53).

Esta perspectiva de abordagem é contemplada na Ecologia porque parte do princípio que as relações entre ambiente e núcleo cultural são bilaterais e que, indiretamente, o ambiente também age sobre a organização social e ideologia dos

povos ali viventes (KORMONDY E BROWN, 2002, p. 47). As refeições familiares repousam na sociedade em uma interação dinâmica de informações entre natureza e cultura.

Trata-se de um objeto de estudo que repousa em domínio interdisciplinar entre saúde coletiva e ciências humanas e ou sociais, em relação às temáticas juventude, orfandade devido ao adoecimento e morte dos pais pela AIDS em contexto urbano. A motivação inicial se fundamentava na compreensão de aspectos fundamentais que afetam a vida dos jovens.

Ampla revisão da literatura foi necessária para aproximação dos conceitos de orfandade, família, juventude e para contextualizar os convívios urbanos contemporâneos, com profundas modificações do comer e conviver, com base na história da alimentação. Tudo isso, sem perder de vista a complexidade que envolve a AIDS e seus efeitos sociais, particularmente sobre os elementos que perpassam a refeição do jovem com suas famílias foram percorridos aspectos considerados relevantes para a descrição dos dados e do perfil dos jovens: o contexto urbano; sentidos atribuídos à orfandade e trajetórias dos convívios comensais; Enquanto que os resultados com análises foram ordenados em sincronias espaciais dos convívios comensais; ritmos temporais dos convívios comensais; a discriminação foi documentada em percepção de risco e estratégias comensais em contexto do HIV/AIDS e as subjetividades do contexto feminino em convívios retratados com meninas órfãs herdeiras do cuidado e meninas órfãs guardiãs da memória culinária das mães falecidas.

Convém considerar, ainda, que para análise quantitativa trata-se da primeira experiência de quantificação de um fenômeno social empreendido no Brasil, com base populacional para entender o papel das refeições familiares e o impacto social dos convívios urbanos de jovens órfãos pela AIDS. Os resultados contemplaram as descrições do perfil sócio demográfico da amostra de jovens. Também subsidiaram a identificação do padrão de convívio comensal dos jovens órfãos pela AIDS. E, as análises, consonantes às categorias qualitativas, verificação de como os ritmos temporais atuam de forma estruturante da refeição na família por meio de seus convívios diários. Outras análises compreenderam a verificação de associação entre os aspectos condicionantes das refeições de jovens com seus familiares e as frequências de refeições familiares e os consequentes benefícios para a qualidade de vida do jovem.

Tudo isso, sem deixar de considerar que em tempos de globalização, o comer a sós e o pulo de refeições dão a tônica do comensal jovem contemporâneo e, portanto, o empreendimento de estudo nessa temática demanda criatividade para pensarmos novas formas de abordagem na apreensão de diferentes modos de convívios comensais para a trajetória do ser jovem.

## 1.2 Objetivos

O objetivo geral é o de apreender os convívios comensais a partir da sincronia espacial e dos ritmos temporais para refeições familiares com jovens órfãos pela AIDS na cidade de São Paulo; para analisar os aspectos condicionantes das refeições em família e caracterizar os convívios comensais entre eles.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 História da alimentação e da família

A refeição é o momento de sincronismo espacial e temporal que as famílias se reúnem para comer juntas. Tudo indica que a partilha de alimentos tenha dado origem à família. Standage (2010, p. 45) afirma que bandos de caçadores e coletores cujas ferramentas eram partilhadas teriam sido mais flexíveis e teriam tido mais probabilidade de sobreviver do que aqueles em que esses itens eram individuais. Assim, proliferaram os bandos em que havia pressão social para partilhar as coisas. A obrigação de partilhar estendia-se à comida. A partilha de comida assegurava que a provisão fosse equilibrada e, portanto, tiveram mais probabilidade de sobreviver do que aqueles que não o faziam (STANDAGE, 2010, p.45).

A partilha de alimentos corresponde a uma necessidade primitiva de segurança. A reciprocidade dos relacionamentos em torno do alimento pode ter fundamento no que Lévi-Strauss identificou na construção arcaica como:

Necessidade extrema de segurança, que faz não nos empenharmos nunca excessivamente com relação ao outro, e que estejamos prontos a dar tudo para ganhar a certeza de não perder tudo, e de receber, quando for a vez (LÉVI-STRAUSS, 2003, p.126).

Se damos as coisas e as retribuímos é porque nos damos e nos retribuímos "respeitos" — dizemos ainda "delicadezas" (MAUSS, 2001, p.140). Está na natureza do alimento ser partilhado; não o partilhar com o outro é "matar a sua essência", destruí-lo para si e para os outros (MAUSS, 2001, p.162).

As primeiras partilhas de alimentos em torno do fogo podem ter dado origem a família. Quanto mais remoto na antiguidade, mais o sentido da palavra família denota as res (as coisas) que dela fazem parte até designar mesmo os víveres e os meios de vida da família. A melhor etimologia da palavra família é proveniente do sânscrito dhaman, casa (MAUSS, 2001 p.147). Além da possível origem indoeuropeia, a palavra casa imediatamente remete ao sentido de lar. Lar deriva do latim lare, que por sua vez significa a parte da cozinha onde se acende o fogo. Ou seja, trata-se do espaço onde ocorre o preparo de alimentos, a culinária, que, para Lévi-Strauss (2006, p. 448), revela a estrutura da sociedade.

O domínio do fogo, que pode ter ocorrido há cerca de 500 mil anos, para cocção de alimentos não apenas modificou o paladar humano pelo cozido, mas também representou o principal salto para a organização social do homem (FLANDRIN E MONTANARI, 1998, p. 30). No entanto, segundo Fernández-Armesto, as verdadeiras origens da domesticação do fogo são desconhecidas:

Na maioria das culturas, as origens do cozimento remontam a um presente divino, o fogo de Prometeu, ou à sorte de um herói cultural. [...] 'Todos têm seu próprio Prometeu', e o mesmo ocorre com quase todas as culturas (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2004, p. 28)

Sentar-se e olhar o fogo continua sendo uma atitude permanente para o homem. Meditação à luz da lâmpada. Lucubração. Impressão de segurança, tranquilidade, convivência invisível com auxílios propícios. [...] Fogo morto, casa morta (CASCUDO, 2004, p.84)

Assim que o fogo passou a ser administrável, ele logo uniu as comunidades no cuidado das chamas, motivando a divisão de trabalho e esforços compartilhados. O fogo funcionava como um foco, antes mesmo ou além de sua adaptação para o cozimento de alimentos, graças às outras funções que fazem com que as pessoas se reúnam ao redor: luz e calor, proteção contra pragas e predadores. O cozimento aperfeiçoou o poder de magnetismo social do fogo ao acrescentar uma nutrição melhor a estas funções. Ele socializou o ato de comer ao transformá-lo em uma atividade praticada em local e momento determinados, por uma comunidade de comensais (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2004, p.33).

Há indícios de que o gosto pelo consumo de alimentos aquecidos remonta a datas anteriores, inclusive à descoberta ou domínio do fogo. Paleontólogos acham provável que o proto-homem, mesmo antes de descobrir o fogo, tenha associado o calor proveniente de fontes termais e gêiseres ao de seus próprios corpos e presas. Então, numa tentativa bem-sucedida de devolver-lhe temperatura e o sabor de presa recém-abatida, teria cozido alimentos antes de descobrir o fogo (SARAMAGO, 2005, p.168).

A capacidade de gerar ignição representou para os grupos humanos um importante salto cultural e o gosto em muito se alterou ao longo da história humana. A guerra pode ter influenciado o consumo de alimentos frios. Até mesmo em razão dos avanços tecnológicos, das viagens espaciais e do advento da pasteurização que permitiu a produção e conservação de embutidos e laticínios e seu consumo a frio, influenciaram a composição da dieta ao longo da história.

A industrialização de alimentos atenta a nova rotina da mulher, que durante a Revolução Industrial, passa a atuar também no cenário público, do mercado de trabalho, disponibiliza prontamente uma série de alimentos semi prontos e congelados e inúmeros eletrodomésticos facilitadores do preparo de alimentos. Então, além da profissionalização das mulheres, a elevação do nível de vida e de educação, a generalização do uso do carro, o acesso mais amplo da população ao lazer, férias e viagens também facilitaram a transferência das refeições para fora de casa (FISCHLER, 1998, p. 850).

Simultaneamente, as migrações campo-cidade também favoreceram a individualização do consumo e do ritmo de trabalho; surgiram novos valores, como a capacidade de escolha orientando a organização do consumo e das festividades com menor controle do grupo familiar (CARRASCO, 2005, p.105).

Comensalidade deriva do latim "mensa", que significa conviver à mesa (MOREIRA, 2010, p. 24). A mesa é, por excelência, o lugar da sociabilidade. O uso da mesa foi registrado no decorrer do século XV, a mesa sobre cavaletes era montada perto da lareira e quando havia poucos convivas, a mesa sobre cavaletes podia ser substituída por uma mesa "de quatro pés" (ROMAGNOLI, 1998, p.496).

A partilha da comida à mesa detém uma carga simbólica como instrumento de sobrevivência diária, delimita um universo simbólico de grande riqueza, que configura a mesa como metáfora da vida. A própria etimologia da palavra "convívio" sugere isso, identificando o viver junto (*cum-vivere*) com o comer junto. Em todos os níveis sociais, a participação na mesa comum é o primeiro sinal de pertencimento ao grupo (MONTANARI, 2008, p.159). A comensalidade deixa de ser considerada uma consequência de fenômenos biológicos ou ecológicos para tornar-se um dos fatores estruturantes da organização social (POULAIN, 2004 p.19).

"A alimentação revela a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e mais compartilhado [...]. A convivialidade manifesta-se sempre na comida compartida" (CARNEIRO, 2003 p. 5). O símbolo da partilha é grandemente significativo, constituindo-se a comensalidade uma das expressões da solidariedade básica do grupo familiar. É na partilha que se funda a família (MOREIRA, 2012, p.652).

A palavra família deriva do latim "famulus" e significa "que serve" ou "escravo doméstico". Teve origem na Roma Antiga para designar um novo grupo social que

surgia entre as tribos latinas, introduzidas na agricultura e também na escravidão legalizada (ENGELS, 1984, p. 61). A família pode ser compreendida como sendo uma relação social plena que – direta ou indiretamente, explicita ou implicitamente – implica em todas as dimensões da experiência humana, desde as biológicas até as psicológicas, econômicas, sociais, jurídicas, políticas e religiosas (D'AGOSTINO, 2006, p. 20).

A família configura diferentes respostas sócio culturais, disponíveis a homens e mulheres em contextos históricos específicos e, portanto, o modelo de família ancorado numa unidade biológica constituída segundo leis da "natureza" não se coaduna a mudanças e padrões difusos de relacionamentos. "Com seus laços esgarçados, torna-se cada vez mais difícil definir os contornos que a delimitam" (SARTI, 2008, p. 23).

Historiadores da família apontam para as origens do sistema que nos é mais familiar no Ocidente: um homem e uma mulher reunidos em torno da lareira doméstica, companheiros iguais, dedicados à educação dos filhos e ao lar. Uma das razões para isso talvez seja a de que os lares podem ser mais facilmente estudados, pois aparecem nos registros históricos como unidades identificáveis, enquanto os agrupamentos familiares diversificam-se em arranjos possíveis para dormir, comer e compartilhar o trabalho (CASEY, 1992, p. 13).

A família enquanto estrutura compõe-se de um conjunto de indivíduos com condições e em posições socialmente reconhecidas, com uma interação regular, recorrente e socialmente aprovada. A família assume uma estrutura nuclear, que consiste num homem, numa mulher e nos seus filhos, biológicos ou adotados, habitando num ambiente familiar comum.

A família ampliada ou extensa (também dita consanguínea) é uma estrutura mais ampla, que consiste na família nuclear e se estende aos parentes que geralmente não vivem na mesma casa. Existem também famílias com uma estrutura de pais únicos ou monoparentais, tratando-se de uma variação da estrutura nuclear tradicional devido a fenômenos sociais, como o divórcio, óbito, abandono de lar e adoção de crianças por uma só pessoa (CASEY, 1992, p. 15).

A abordagem da família pela perspectiva de classe social ressalta, entre as famílias pobres, uma configuração em rede, sobretudo na fase de criação dos filhos. As dificuldades enfrentadas para realização dos papéis familiares no núcleo conjugal, diante de uniões instáveis e empregos incertos, desencadeiam arranjos

que envolvem a rede de parentesco como um todo, a fim de viabilizar a existência da família (SARTI, 2003, p. 210; 2008, p.233).

Também é possível observar a estruturação familiar em torno da relação homem e mulher. Em "As estruturas elementares do parentesco", Lévi-Strauss apontou o papel da esposa como base da estrutura social. As relações do indivíduo eram definidas pelas categorias de pessoas com as quais deveria, poderia ou não poderia ocorrer o matrimônio (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 451).

# 2.2 Tecnologias nos espaços domésticos e autonomia do comensal moderno

A evolução do processo de cocção tem uma longa e dinâmica história e acompanha a própria evolução do homem em sociedade. Os primeiros fornos rudimentares datam do neolítico e do início do terceiro milênio a.C. Surgiram entre os Egípcios, em forma de cilindro. Na base, era acesa uma fogueira debaixo de uma laje de pedras, sobre as quais sistematizavam para assar pão. Os gregos herdaram dos egípcios esse método de cozimento. E mais tarde os romanos adotaram-no, melhoraram-no e criaram o forno de cúpula que, construído com tijolos, aquecia e arrefecia muito lentamente, permitindo depois de assar o pão, cozinhar assados, legumes e sobremesas. Desde os tempos romanos não houve mudanças significativas na construção dos fornos (CASCUDO, 2004, p.88).

A cúpula do forno teve, durante séculos, até mesmo uma função social importante. A panificação ocorria uma vez por semana. Homens e mulheres se reuniam para esperar assar o pão. Assim, o ritual do pão tornava-se um momento de espera, de comunidade e de paladar conforme ilustra a obra de Shakespeare (JACOB, 2003, p.53):

Sim, esperaste pela levedação. Mas da palavra "depois" faz parte ainda tender, dar forma ao bolo, aquecer o forno e fazer a cozedura. E mais, tens ainda de esperar pelo arrefecimento, ou corres o risco de queimar os lábios.

A sabedoria conferida em esperar, em ver os ciclos, em acompanhar, em cuidar, em ter tempo para fazer amizades, para depois voltar a encontrá-las foi substituída pelo *fast*; pelo rápido, pelo efêmero, pelo fácil, pela pressa, pelo conhecimento virtual, que substituiu todo o processo de observar e construir o conhecimento, o gosto e a prática culinária que, antes, era passada de geração em

geração, se confinou a um pressionar de teclas que resume em funções automáticas e se configura numa solidão que Fernández-Armesto (2004, p.45) denomina de "incivilizada." Ele acrescenta que: "não podemos subestimar o poder do microondas, cuja expansão foi surpreendentemente rápida, como instrumento de mudança social. [...] O micro-ondas é parte daquilo que poderia ser chamado de cultura da papa".

A indústria posterior à guerra também foi decisiva para as mudanças na alimentação contemporânea e se deu através de técnicas de conservação dos alimentos, pelas conquistas da microbiologia, pela liofilização e demais avanços tecnológicos decorrentes das viagens espaciais moldaram o gosto pela papa. Para Fernández-Armesto (2004, p.45), a comida transportável alimenta os valores da pressa. [...] As pessoas comem enquanto estão fazendo outras coisas, evitando trocar olhares com os que estejam por perto. Comem enquanto estão na rua, correndo entre compromissos ou dando uma voltinha entre diversões. (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2004, p.45). Micro-ondas, lanchonetes e petiscos tomam lugar à mesa e com isso a refeição perde seu caráter social, afirma Carneiro (2003, p. 101):

A desestruturação da alimentação tem sido mencionada como um importante fator de mudança na alimentação. Principalmente nos dias de semana quando a televisão centraliza a atenção durante o jantar. Em casa é a programação quem faz companhia aos comensais (REICHEMBACH, 2004, p. 53).

Um dos fatores que pode contribuir para a "autonomia" do comensal contemporâneo se deve aos avanços tecnológicos que facilitaram a "automação" dos meios de cocção. De acordo com Fernández-Armesto (2004, p.46) "os comensais podem decidir aquecer seja lá que pratos prontos tenham à mão — o que, nas cidades ocidentais modernas, significa uma imensa escolha. Não há necessidade de qualquer tipo de consenso sobre gostos e de nenhum controle familiar sobre o que deve ser consumido". Além disso, ninguém precisa comer com qualquer outra pessoa na mesma mesa ou ao mesmo tempo. Mas a nova forma de cozinhar, que condena a cozinha caseira, reverte a revolução culinária, que tornou o ato de comer sociável e nos leva de volta a uma fase pré-social da evolução (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2004, p.47). A cozinha que designava:

a arte simples de preparar as iguarias para satisfazer as necessidades da vida" incrementou-se para atender a outros sentidos: "considerando-se que a delicadeza e a volúpia presidem as cozinhas, é a arte penosa de fornecer

às iguarias, pelos diferentes preparos, um sabor mais agradável, estimular o apetite e levar a comer além do necessário" (FLANDRIN, 1998, p.680).

A cozinha aperfeiçoou-se com o gênio dos povos e tornou-se mais delicada à medida que estes vieram a ser mais polidos e fez parte do processo civilizatório do homem conforme a obra de Darcy Ribeiro (1968) ou de processo civilizador conforme a obra de Norbert Elias (1994). Na transição biológico-cultural, ou para os primeiros processos civilizatórios, o ato de cozinhar, assar ou grelhar é classificado como cultural ou civilizado, conclui Fernández-Armesto (2004, p.43).

No Brasil, há pouco tempo, mesmo depois da chegada do forno horizontal, trazido pela colonização portuguesa, com chapa de ferro e disposição para várias panelas (CASCUDO, 2004, p.88), era comum a fornalha de barro arquitetada sobre um estrado de varas, onde eram assados os pães sobre tenras folhas de bananeira. A cocção caseira não resistiu à ecologia do novo habitat urbano, onde as vitrines reluzentes representam outras possibilidades de consumo a sós e a configuração em linha reta revela a individualização das filas para comprar pão em supermercados e padarias, em contraposição à disposição de antes, com os grupos ao redor, em sentido circular ao fogo, dos fornos e das mesas.

#### 2.3 Comensalidade e individualização do comer contemporâneo

Na contemporaneidade, a globalização tem contribuído cada vez mais para a padronização das culturas alimentares e consequente individualização do comportamento alimentar. De fato, o *fast food* é um dos exemplos de como um fenômeno local se torna globalizado com sucesso (SANTOS, 2005, p.65). O localismo globalizado ocasiona sérios impactos ecológicos, econômicos, históricos, sociais e culturais, principalmente para os países em desenvolvimento (SANTOS, 2005, p.66). Este modelo produtivo, com padronização da produção em massa, acompanhado da industrialização agrícola, ocasionou uma perda da visão global do produto na cadeia alimentar e a perda das raízes familiares e daquelas ligadas a terra ou a um lugar de vida (BOVÉ e DUFOUR, 2001, p.85). Nós, os comensais pósmodernos, nos mantivemos na condição de coletores em busca de novos produtos nos corredores dos supermercados.

Um dos efeitos da globalização é a abreviação dos rituais comensais (HERPIN E VERGER, 1991). As práticas alimentares estão se dispersando para outros ambientes, sem um lugar e nem um tempo próprio destinado a ela. O comer foi espalhado para além da casa, e, quando não, avançou para além da mesa, invadido por outras atividades, resumida em volume, mas não em concentração calórica — realiza-se de forma dispersa e com pressa e ao diluir a concentração no ato de se alimentar ocorre o consumo calórico excessivo, sem que o jovem se dê conta disso (GARCIA, 1999, p. 52).

Em Saber Ambiental, Leff (2001) discute sobre a lógica de abastecimento do padrão alimentar urbano, cujo modo de consumo requer uma nova racionalidade, pois se baseia na exploração de recursos e energia de seu meio rural (LEFF, 2001, p.251). Enquanto em países em desenvolvimento, como o Brasil, a temática de Segurança Alimentar se restringe à garantia de acesso da população aos alimentos, em termos de valorização do produtor rural e soberania alimentar, com o efeito da globalização, em países desenvolvidos onde o abastecimento de alimentos é pontual, a pauta da Segurança Alimentar se dá em relação a qualidade criteriosa em isenção de riscos para a saúde. Os anseios em relação à Segurança Alimentar têm inspirado vários estudos sobre a percepção de risco mediante a comida. Segundo Contreras e Gracia-Arnáiz (2005, p. 373):

A crescente intensificação da ansiedade em torno da saúde e do meio ambiente são efeitos negativos da modernização e industrialização intensivas. A percepção de riscos é uma resposta racional às preocupações que os indivíduos têm sobre novas incertezas e perigos. A sociedade moderna não apenas se caracteriza por sua capacidade de produzir riquezas mas, também, pelas possibilidades de criar/fabricar riscos (manufactured risks) através do seu sistema produtivo (CONTRERAS E GRACIA-ARNÁIZ, 2005, p. 373, tradução livre).

A opinião dos experts não é válida, já que tendem a opinar em função dos interesses que representam e, por conta disso, os comensais urbanos perdem as referências de natureza e origem da vida. Como exemplos, Claude Fischler (1995) atribuiu o termo "paradoxo do onívoro" e Michael Pollan (2006) denominou de "o dilema do onívoro".

Em "Saber Ambiental", Leff, (2001, p.295), questionou a urbanização como símbolo de progresso, como via inelutável do processo de civilização, como constructo social sustentável. Segundo ele:

O progresso implicará passar do habitat como território-suporte ao habitat como um potencial produtivo, suporte de significações culturais e valores

estéticos. Isto significa pensar o habitat como projeto transformador do meio, como um processo de apropriação social das condições de habitabilidade do planeta, regido pelos princípios de racionalidade ambiental, sustentabilidade ecológica, diversidade cultural e equidade social (LEFF, 2001, p.295).

A comensalidade, o comer e o beber juntos, é uma das quatro virtudes para uma nova ética da sustentabilidade, de acordo com a Agenda 21 do Ministério do Meio Ambiente, (MMA, 2006, p.14). No conceito de sustentabilidade está implícito uma relação de equilíbrio entre ambiente e sociedade. Do ponto de vista social, realizar refeições com a família, fazer piqueniques, forma consideradas atividades que despertam a solidariedade em jovens (HERTZLER E VAUGHAN, (1979 p. 23). Solidariedade é sinônimo de fraternidade, um dos princípios sobre os quais foram consolidados os Direitos Humanos. No entanto, na contemporaneidade:

A tendência do isolamento do ato de comer é concomitante ao enfraquecimento do espaço familiar como unidade social, sendo tal comportamento induzido pelo mercado, com o uso de embalagens e utensílios descartáveis e de métodos de oferta que os dispensem, permitindo comer vendo televisão ou na frente do computador, em pé ou até mesmo andando (DIEZ-GARCIA, 1999, p. 52).

É provável que este comportamento tenha surgido junto dos *drive-thrus* nos Estados Unidos, a partir dos anos 50, inicialmente inaugurados na Califórnia pelos irmãos McDonalds, que se expandiram rapidamente desde então. A juventude que ali trabalhava teria incorporado o hábito do *fast food* e colaborado para instituir o costume de comer fora (CARNEIRO, 2003, p.106). A inovação ocorreu pela introdução do conceito de "rapidez", uma refeição completa em "quinze segundos" (CARNEIRO, 2003, p.106), aliada a um intenso apelo publicitário, segundo Collaço (2003, p.3), que levou famílias inteiras a terem sua refeição ali, a título de passeio ou lazer.

A indústria e os serviços de alimentos propiciam à vida do comensal contemporâneo uma infraestrutura cuja lógica é pautada pela racionalização do tempo e trabalho, pois, na curta pausa que as pessoas dispõem para comer, a pressa é um dos traços mais visíveis nos centros urbanos, com abreviamento do ritual alimentar em suas diferentes fases, da preparação ao consumo (DIEZ-GARCIA, 1999, p.50).

A comida é *fast*, rápida, está imediatamente pronta para ser consumida e também pode ser engolida depressa. Deve haver, ainda, uma renúncia puritana ao prazer que se encontra em saborear a comida ou uma exaustão

decorrente do excesso de solicitações à nossa atenção — ou ambas as coisas — para nos levar a preferir comer depressa; precisamos querer aceitar menos. Houve um tempo em que ter que comer rápido era considerado uma infelicidade (VISSER, 1998, p.354).

Além disso, a alimentação foi transferida para o espaço público, modificando a relação do homem com a comida em outros espaços e no próprio âmbito doméstico (DIEZ-GARCIA, 1999 p.54), principalmente no horário do almoço. "Os comensais urbanos preferem alimentar-se no almoço de algo que seja consumido de modo mais rápido, ficando a comensalidade restrita à noite, ao 'jantar com calma' ou nas refeições em fins de semana" (COLLAÇO, 2003, p.74). Franco (2004, p.247) prevê, em consequência disso, que

a cozinha materna e os hábitos alimentares da família perderão importância na formação do gosto. Nos grandes centros urbanos, a refeição familiar, símbolo da vida doméstica, tenderá a ser semanal, provavelmente a sincronização familiar da refeição deverá ocorrer no final de semana e diariamente, quando a família se reunir para comer, será provavelmente para jantar (FRANCO, 2004, p.247).

O modo de alimentação contemporâneo, além da ingestão rápida e pouco nutritiva, para o jovem, a escolha é regulada ainda pelo consumo de símbolos, além de que comer fora é símbolo de independência (FRANCO, 2004, p.240). Os prazeres emocionais do consumo não se findam na satisfação pelo produto, mas também pelo que representa em termos de diferenciação social (GARCIA, 1999, p.59). Por conta disso, "os jovens são um dos alvos constantes da publicidade dos estabelecimentos de *fast food*, mais do que isso, constituem em grande parte, a mão-de-obra dessas empresas que os transformam em seus próprios atores" (FRANCO, 2004, p. 247).

Entre jovens, o consumo da moda é uma forma de identificação e pertencimento do grupo de convívio. Dessa forma, "a comida também pode ser usada como prova de prestígio, pois 'ser visto comendo em determinado lugar' também diferencia o comensal em sua busca de *status*" (COLLAÇO, 2003, p.39). Dessa forma, o ato de comer é utilizado como veículo para relacionamentos sociais: "a satisfação da mais individual das necessidades torna-se um meio de criar uma comunidade" (VISSER, 1998, p.ix).

A origem da palavra companhia, deriva da palavra latina *companion* significa: "uma pessoa com quem partilhamos o pão". Partir o pão e partilhá-lo com amigos significa a própria amizade, e também confiança, prazer e gratidão pela partilha

(VISSER, 1998, p.3). Da mesma forma que, etimologicamente a palavra colega deriva de *collectio* que significa colecionar, cuja matriz semântica *leg* reverbera-se em sua origem proto-indo-europeia quadrimilenar um sentido ordenador de reunir (MARSHALL, 2005, p.13).

No entanto, a cozinha tende a se individualizar e, nas próximas décadas, cada membro da família se alimentará a seu gosto, por motivos dietéticos, convicções filosóficas ou mera docilidade à publicidade" (FRANCO, 2004, p. 247). "Entre os jovens, é comum que gradativamente ocorra uma generalização de refeições domésticas calcadas no modelo *fast food*, até mesmo em ocasiões festivas" (FRANCO, 2004 p.242).

Com isso, "o companheirismo ao lado da fogueira, do caldeirão e da mesa comunitária, que ajudou a unir os seres humanos em uma vida cooperativa por pelo menos 150.000 anos, pode estar sendo estilhaçado" (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2002, p.324). O mesmo autor fala sobre as ondas de erosão das refeições devido ao individualismo tecnológico em concomitância às mudanças na família. Nos lares, a tecnologia facilita a autonomia e passa a interferir nos espaços de convívios. Para Franco, (2004, p.247), "a dessacralização da refeição familiar é concomitante ao enfraquecimento funcional do espaço familiar como unidade social". Ele aponta que:

Adolescentes cada vez mais consumirão alimentos que caracterizam o gosto de sua faixa etária e terão em casa maior autonomia na decisão alimentar; e também, em casa, que suas preferências serão levadas em conta no momento das compras e do preparo de refeições (FRANCO, 2004, p. 247).

Nos domicílios do micro-ondas, a cozinha caseira está condenada (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2002, p.45). O micro-ondas possibilita o fim do cozinhar e do comer como atos sociais (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2002, p.324). Facilita aos jovens comerem a sós, contribuindo para o fim das refeições em família, com sérios prejuízos para a qualidade de vida, principalmente, de jovens.

A realização de refeições com a família assegura vários benefícios aos jovens comensais, tais como a melhoria do estado nutricional e relacional. Estudos sobre o processo de socialização entre jovens, como aquele desenvolvido por Hertzler e colaboradores (1976, p. 92) utilizando-se da frequência de refeições que jovens estudantes realizaram junto com toda a família como escala da comensalidade familiar, comparando qualidade e atratividade da comida, apetite dos estudantes e o membro da família que cozinhou, constatou que, o grau de comensalidade da família

pôde ser positivamente relacionado à interação dos pais na tomada de decisão, percepção do quanto se é amado, desempenho do papel familiar e notas do estudante na escola. Os resultados obtidos sugerem que elementos da percepção dos jovens do horário das refeições com a família explicam o desempenho escolar e o sentimento positivo sobre os papéis na família (HERTZLER et al., 1976, p. 92).

#### 2.4 Sincronia dos convívios comensais no contexto urbano

A falta de companhia para comer ou o comer a sós tem sido relacionado ao consumo *junk food* (comida lixo) e obesidade entre jovens. Em estudo realizado na Grã-Bretanha com 1 mil jovens foi observado que, um em cada três jovens, com idade entre 15 e 24 anos, recorriam ao consumo de *junk food* como consolo para problemas na vida amorosa. Mais de 60% da amostra disseram ter comido chocolate para aliviar a desilusão com relacionamentos e 43% deles disseram ter visitado mais as redes de *fast food* ao enfrentar problemas de estresse e depressão. "Mais de 11 milhões de adultos têm 'problemas' com alimentos, mas é a geração mais jovem, que tem a relação mais insalubre com a alimentação" concluiu o estudo realizado pelo Priory Group (2005, p.1).

A relação entre solidão e a falta de sincronismos familiar para realização de refeições aliado ao *fast food* reflete o cenário perfeito para aquilo que os próprios jovens denominam de *eating my feelings*, expressão em inglês, que retrata o comportamento compulsivo de comer a sós da juventude urbana contemporânea.

No Reino Unido e nos EUA, refeições em horários regulares são cada vez menos comuns durante os dias úteis da semana. O hábito do almoço foi substituído pelo hábito de comer aos poucos durante períodos prolongados. As pessoas comem ao mesmo tempo em que fazem outras coisas, desviando seus olhares das outras pessoas. Os comensais urbanos saem em busca de sanduíches impessoais, agarram pratos prontos de prateleiras refrigeradas e os consomem às pressas, sozinhos. Ainda nas palavras de Fernández-Armesto (2004, p. 45): "antes de sair de casa, não tomam o café da manhã com os demais membros da família".

A despeito de tal comportamento, a 'casa' ainda se mostra o espaço ideal nas referências alimentares, assim como o tempo ali situado. Na casa, a pessoa é alguém, enquanto que a rua é o mundo da impessoalidade, da ausência de vínculos. Então, o indivíduo recorre a casa para articular ideias a respeito de limpeza, de

adequação do espaço e tempo à refeição para evitar os riscos de tomar uma refeição em um evento desagradável (COLLAÇO, 2003, p. 42).

Assim, surgem as denominações: comida de casa e comida da rua. A presença da casa é refletida no alimento, que é feito por alguém, direcionado para alguém, atribuindo o que Collaço (2003, p. 115) denominou de pessoalidade. No comer fora, ela sugere que essa pessoalidade poderá ser legitimada pela presença de um profissional especializado para a elaboração, cujo conhecimento foi adquirido através do estudo e do aprimoramento de técnicas (COLLAÇO, 2003, p. 115).

## 2.5 A família, o jovem e a orfandade pelo HIV/AIDS

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) é um fenômeno biológico e cultural, prevalente sobretudo na África subsaariana (HELMAN, 2009, p.346). O modo de transmissão e o comportamento do vírus no organismo humano no sistema imunológico, modificou o pensamento a respeito de doenças infecciosas desde 1980 (KORMONDY E BROWN, 2002, p. 220). A AIDS é uma das doenças mais mortais da era moderna e representa uma grande ameaça à saúde global especialmente nos países em desenvolvimento, devido ao tratamento (HELMAN, 2009, p. 346).

Qualquer medida de enfrentamento deve levar em consideração os complexos ambientes sociais, culturais e econômicos em que a doença está inserida e que podem facilitar ou dificultar a sua disseminação (HELMAN, 2009, p. 347). Hoje, uma pandemia global, cujos desafios de enfrentamentos, para França-Júnior (2005), dizem respeito principalmente aos processos de Estigma e Discriminação aos quais são submetidos crianças e jovens em decorrência do adoecimento e morte dos pais pelo HIV/AIDS. Ayres em "Sobre o Risco" (2002), propôs referências para instrumentalizar o estudo da vulnerabilidade social, cuja aplicabilidade permitiu o entendimento contextual de grupos vulneráveis ao HIV/AIDS.

No Brasil, no início da epidemia, a AIDS foi sendo concebida como algo distante, algo que poderia ocorrer somente no continente africano. Desde o início da epidemia, de 1980 até meados de 2012, o Brasil tem 656.701 casos registrados de AIDS, de acordo com o último Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde de 2013. Em 2011, foram notificados 38.776 casos da doença e a taxa de incidência de AIDS no Brasil foi de 20,2 casos por 100 mil habitantes (MS, 2013, p.24).

Atualmente, o maior número de casos acumulados está concentrado na região Sudeste (56%). Ainda há mais casos de AIDS entre os homens do que entre as mulheres. Em relação aos jovens, os dados apontam que, embora eles tenham elevado conhecimento sobre prevenção da AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, há tendência de crescimento do HIV (MS, 2013, p.24).

O impacto da mortalidade sobre a demografia pode ser muito mais grave quanto a morte de adultos se deve ao HIV/AIDS do que com outras causas de morte. A literatura aponta que na África ocorre uma dinâmica diferente sobre as famílias em decorrência da morte dos pais por AIDS, com a ocorrência de famílias chefiadas pelos filhos menores (GILLESPIE et al., 2001, p. 4; GILLESPIE E KADIYALA, 2005).

Na África, com a morte dos pais pelo HIV/AIDS, as redes de solidariedade tornam-se tensas a ponto de exclusão dos membros remanescentes culminando na fragmentação da família (GILLESPIE et al. 2001, p. 6). Em alguns países, quando uma mulher morre, os filhos são enviados para viver com parentes, como ocorre no Quênia. Quando o chefe da família era o pai e este morre, os filhos permanecem no antigo lar (YAMANO E JAYNE, 2004, p. 91). Em Moçambique, por exemplo, após a morte da mãe em idade ativa, os filhos são obrigados a irem viver com familiares da mãe, para que uma nova mulher possa assumir o lar (MATHER et al., 2004, p. 19).

No Brasil, ainda não se tem muitas informações sobre o que se passa quando a causa da morte se deve ao HIV/AIDS. Em geral, no caso da morte dos pais, a família extensiva tende a assumir a função de amparo social, e assim, a responsabilidade dos pais é transferida para toda uma rede de sociabilidade em que a família esteja envolvida (SARTI, 2008, p. 23). A visão de família funcional enquanto rede de obrigações morais estabelecidas configura, assim, a noção de família articulada em torno de um eixo moral. Suas fronteiras sociológicas são traçadas segundo o princípio da obrigação, que lhe dá fundamento, estruturando as relações (SARTI, 2008, p. 23). Ou, de certa forma a realidade dessas diferenças funcionais:

A história da família, a partir das origens, nada mais é que um movimento ininterrupto de dissociação, no curso do qual essas diversas funções, a princípio indivisas e confundidas umas com as outras, separam-se pouco a pouco, segundo seu sexo, sua idade, suas relações de dependência, de maneira a fazer de cada um deles um funcionário especial da sociedade doméstica. Longe de não ser mais que um fenômeno acessório e secundário, essa divisão do trabalho familiar domina, ao contrário, todo o desenvolvimento da família (DURKHEIM, 2010, p. 99).

A reciprocidade em relação às obrigações morais é o que define a pertinência ao grupo familiar. A relação entre pais e filhos constitui o único grupo em que as obrigações são dadas, que não se escolhem. As outras relações podem ser seletivas, dependendo de como se estabeleçam as obrigações mútuas dentro da rede de sociabilidade. Não há relações com parentes de sangue, se com eles não for possível dar, receber e retribuir, enfim, confiar (WOORTMANN, 1987, p. 108; SARTI, 2008, p. 23).

As novas configurações das famílias passam a assumir formas desconhecidas para integrar outros aspectos: a família já não é o único prestador de cuidados, mas desempenha uma importante posição. Em paralelo se desenvolve uma rede de solidariedade, com base em afinidades eletivas. As atividades da família não são mais as únicas ocupações. A solidariedade se estende além dos limites do núcleo tradicional e são orientadas para novas formas e estruturas, às vezes desconhecidas, mas certamente outras formas criativas de estilos de vida (LELEU, 2000, p. 6). Ainda assim, há a possibilidade de se falar da configuração da família em forma de "mosaico", ou seja, integrar de forma saudável aspectos múltiplos e abertos à mudança.

A partir dos anos oitenta, observa-se uma valorização das virtudes familiares burguesas, quando o amplo debate confirma a suposta crise da família como instituição. Essa crise que se configura em mudanças nos convívios familiares tem repercussões sobre os hábitos alimentares das pessoas. E, desde então, a maioria das discussões sobre a crise da modernidade são remetidas, em relação de causalidade, à instabilidade da família. E como resposta, a família passa a ser vista como uma comunidade de amor e solidariedade:

Uma comunidade que encontra a sua justificação na lei, com características próprias (em si misteriosas, mas certamente típicas do ser humano), como o amor incondicional, encontrado nesta comunidade de vida. Em suma, o amor de sua família assume toda a verdade meta-empírica, do princípio bíblico de que "não é bom que o homem esteja só" (D'AGOSTINO, 2006, p. 29).

Por outro lado, a organização familiar contemporânea é apenas uma das modalidades possíveis no universo das culturas, afirma Segalen (2004); no universo da cultura é onde estão localizadas, as trocas, o comércio, o consumo de símbolos. E, de acordo a Segalen (2004), se a história permite concentrar a crise da família ao

longo do tempo, a antropologia relativiza-a em relação a outras culturas, impedindo considerar a família apenas como um objeto subordinado, determinado a partir do exterior, e considerá-la como uma instituição capaz de resistir e agir (SEGALEN, 2004, p. 21).

A família é formada por pessoas relacionadas umas às outras e formando um grupo que permite uma unidade de análise pode ser caracterizada pelo número de membros, pelas características especiais e com a forma que seu grupo adota: assim, pode-se falar de um "espírito de família", um "sentimento de família" ou de uma "tradição familiar", que destacam alguns aspectos de semelhança e continuidade que transcendem a diversidade dos indivíduos de uma família (BESTARD E CONTRERAS, 1995, p.77)

A família que atuava para satisfazer uma variedade de funções sociais, conforme descreve D'Agostino (2006, p. 20), em decorrência da globalização vem enfrentando vários fenômenos que interferem na própria estrutura de valores tradicionais. O consumo acelerado e o individualismo impactam os valores tradicionais (FERRY, 2008, p. 62). Essas mudanças profundas nas relações familiares ocorreram simultaneamente à industrialização (SEGALEN, 2004 p.21). A lógica de consumo desnorteou os jovens em referências éticas, culturais e o respeito com relação aos demais e às tradições (FERRY, 2008, p. 64), reforçando o modo de vida individualista, satisfação de caprichos instantâneos, inconsequentes com a própria saúde e com o meio ambiente.

Conteúdos e significados sociais do processo de juventude modificam-se de sociedade para sociedade e, numa mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas (PAIS, 1993, p. 60; ABRAMO, 1994 apud ALMEIDA, 2009, p. 91). As definições de juventude não são consensuais, assim, não há um único conceito de juventude que possa abranger os diferentes significados que lhe são atribuídos. Parece haver, pelo menos, duas grandes perspectivas conceituais de juventude. Geracional, como uma fase da vida na qual os jovens teriam características uniformes e homogêneas. E há a classista, que toma a juventude como um conjunto social diversificado pela cultura, pelas variadas situações econômicas, por diferentes interesses e diversas oportunidades ocupacionais, condições e possibilidades de acesso ao mercado de trabalho e ao sistema educativo.

O entendimento de juventude diferencia-se em função do contexto. Segundo Almeida (2009, p. 91), o período que compreende a faixa etária que identifica os jovens em sociedade agrária apresentará duração de tempo, conteúdos e

significados diferentes daquele de uma sociedade industrial. Aspectos culturais influenciam a formação dos jovens através das relações sociais em que se inserem; e são esses aspectos que definem as trajetórias juvenis, que podem ser tanto individuais quanto coletivas. Como trajetória, a juventude é vista a um só tempo como um movimento – passagem da infância à vida adulta– e como processo – de produção e reprodução social inerentes à socialização.

Socialização, de acordo com Berger e Berger (1977, p. 204), é o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade, e constitui parte essencial do processo de humanização integral e plena realização do potencial do indivíduo. Trata-se de um processo de iniciação num mundo social, em suas formas de interação e nos seus numerosos significados; o mecanismo fundamental da socialização consiste num processo de interação e identificação com os outros (BERGER EBERGER, 1977, p. 204).

As trajetórias dos jovens são movimentos organizados ao longo do tempo que, simultaneamente, refletem o processo de socialização de indivíduos e o gosto de uma geração. Na delimitação de juventude está incorporada a influência dinâmica dos jovens sobre a sociedade. Pelas articulações desses dois processos ocorre a diversidade de comportamentos entre os jovens, uma vez que eles se movem por diferentes contextos sociais. Assim, acabam por partilhar linguagens, valores, símbolos e signos igualmente diferentes (PAIS, 1993, p.60 apud ALMEIDA, 2009, p.91).

Processos sociais que afetam os jovens não podem ser compreendidos como exclusivamente resultantes de determinações sociais ou posicionamentos de classe, mas também não seria correto pensar que o principal atributo da juventude seja pertencer a uma determinada "fase de vida" (ALMEIDA, 2009, p. 92).

A abordagem de juventude envolve situações culturalmente diversas em determinada fase da vida e também diz respeito aos diferentes percursos experimentados pelos jovens. Portanto, referir-se à situação juvenil é falar de riscos, de transgressões, de aventuras, da busca do novo, da violência, seja como vítimas, seja como protagonistas (ABAD, 2003, p. 25).

A situação de ser jovem, de acordo com Paugam (2003, p. 94), é a mais desprotegida socialmente. A delimitação de juventude como um período de privações e de pouca autonomia, onde os jovens são constrangidos pelas convenções sociais, tende a valorizar a juventude como uma etapa de transição da infância para a maturidade. Em tempos de globalização e da valorização das

relações de consumo, a situação do jovem atual caracteriza-se por uma forte autonomia individual no uso do tempo e por uma emancipação mais precoce nos aspectos emocionais e afetivos (ABAD, 2003, p. 25).

A abordagem de jovem pretendida para este estudo se orienta a partir da ideia de trajetória em convívios familiares modificados pela orfandade. Historicamente, os órfãos sempre estiveram vinculados à pobreza e situações de exploração social, implicadas com a violação de direitos humanos (HUBERMAN, 1986, p. 168). Até recentemente, o conceito de órfão estava vinculado apenas à morte da mãe (DORING, 2004, p. 5; MORELL et al., 2004, p.12). A orfandade tem sido documentada pela ótica da exclusão social e sob a perspectiva infantil, não é muito comum relacionar orfandade à juventude e até pouco o termo órfão se aplicava apenas até os 15 anos de idade.

Mediante a perda permanente na vida do jovem, novas configurações familiares devem representar o 'cuidado'. Embora seja frequente o emprego da categoria órfãos na literatura sobre o impacto da AIDS, observa-se que emprego da terminologia se limita apenas às estimativas ou projeções de números de órfãos e essa falta de atenção à construção de definições claras dos órfãos, pode gerar conclusões questionáveis (MEINTJESS E GIESE, 2006, p. 415).

A noção de um órfão em vários países da África baseia-se na morte de um ou ambos os pais biológicos de uma criança. Estimativa atual e projeções futuras do número de órfãos gerados pela UNAIDS são baseadas na orfandade segundo categorias: órfão de mãe, órfão de pai e órfão duplo. Tais estudos normalmente incluem apenas as crianças menores de 15 anos de idade, embora haja o modelo da UNAIDS com a definição para menores de 18 anos. Monk (2002, p. 10) também se utiliza da expressão "órfão de fato" para se referir aos filhos cujos pais ainda estejam vivos, porém impossibilitados de sustentá-los e cuidá-los em razão do HIV/AIDS.

Constantemente agrega-se ao conceito de órfão à separação da família, ou isolamento a apenas um ambiente de casa, com ausência de adultos na sua socialização, mas, em termos de definição internacional, o termo órfão está relacionado a viver sem a presença do adulto, assistência, apoio, supervisão ou de socialização, ou necessariamente sem modelos positivos de adultos (MEINTJESS E GIESE, 2006, p. 415).

Dentre os aspectos que caracterizam a vulnerabilidade, a aplicação da terminologia "órfão" parece reiterar a desvantagem e negativamente tende a tipificar

a identidade órfão como causalidade social, desconsiderando o contexto propenso. Problemas enfrentados pelos órfãos são aqueles relativos à educação, alimentação, vestimentas, saúde e falta de afeto, todavia, sem observarem que mesmo crianças que vivem em regiões pobres, por mais que ainda tenham seus pais, também são afetadas pela fome (MEINTJESS E GIESE, 2006, p. 415).

Órfãos no contexto de HIV/AIDS "têm necessidades econômicas e psicológicas diferentes dos demais" (KELLY, 2000, p.41). Por conta disso, a antropologia pode desempenhar um papel importante na compreensão dos contextos sociais, culturais e econômicos em que ela ocorre, ajudando no planejamento de estratégias para a prevenção e o manejo da pandemia (HELMAN, 2009, p.345). Além do referencial teórico que privilegia a refeição familiar, considerando os aspectos sociais e ambientais envolvidos na alimentação, admitimos que a refeição familiar é uma proteção social que sustenta a adaptabilidade do jovem órfão no contexto urbano. A refeição em família é uma tendência secular, um ponto de retomada da sociabilidade quando são transmitidos elementos estruturantes que dão segurança para os jovens que ficaram órfãos. A refeição familiar motiva o diálogo no grupo familiar, contribui para a qualidade de vida nas famílias de um modo geral e, inclusive, de jovens que ficaram órfãos pela AIDS.

#### 2.6 Conceito de padrão aplicado à alimentação

Para compreender a relação entre refeição em família e padrão de convívio comensal, em termos de socialização e individualismo, convém esclarecer que não existe consenso na literatura sobre o conceito de padrão, principalmente quando se aplica aos estudos sobre alimentação. Contudo, parece que o padrão envolve não somente a composição da refeição consumida, mas o grau de sociabilidade que este estimula.

O emprego do termo padrão ocorre deliberadamente como sinônimo de algo que foi igualado, modelado com o propósito de se tornar globalizado com as mesmas características ou semelhantes. O termo padrão quando empregado em estudos sobre alimentação geralmente ocorre como referência ou exemplificação.

Estudos que se referem aos padrões alimentares utilizam-se do *fast food*, padrão americano de comer, pautado no individualismo como um exemplo do que seja prejudicial à saúde e apontam a dieta do mediterrâneo como exemplo de padrão saudável e o *slow food*, movimento originário da região próxima ao mediterrâneo como um padrão de preservação dos rituais de uma refeição e que se fundamenta em valores morais e ecologicamente sustentáveis. Na ideia de padrão está incutida sempre uma reprodução de uma cultura, incorporação de uma origem justificada pela ideia de otimização temporal que prevalece sobre outras coisas a fazer inclusive costumes tradicionais locais.

Inúmeros fatores são destacados na construção de um padrão alimentar e na desconstrução do mesmo. Padrão alimentar é utilizado como sinônimo de estandardização por Franco (2004) e associado à era do marketing por Carneiro (2003). Enquanto Fischler (1998) fala em "McDonaldização dos costumes", Ritzer (2013, p. 13) aponta que a "McDonaldização é uma reelaboração do conceito de racionalidade". Ritzer destaca a padronização em componentes fundamentais da McDonaldização, e essa padronização abrange o uso do método mais eficaz para se cumprir uma tarefa; ênfase na quantificação com menos enfoque aos aspectos qualitativos-subjetivos que envolvam o gosto e a normalização dos serviços assim como maior controle dos recursos humanos. Em consequência dessa nova racionalidade influenciada pelo *fast food*, ocorre a tendência a padronização das culturas, predominante adoção de tecnologias não-humanas e ameaça às tradições locais. Tudo isso em função de se adaptar às exigências do trabalho distante do lar.

Quando relacionado à segurança alimentar e nutricional para medir "padrão de consumo"; estudos como o de Sichieri et al. (2003, p. 47) utilizam-se do padrão para se referirem às formas de associações de populações às cadeias alimentares, visto que o padrão de consumo de alimentos expressa a disponibilidade de alimentos e a inserção social de determinada população.

Diez-Garcia (2003, p. 488), ao analisar o movimento de padronização pela ótica da sócio antropologia da alimentação concluiu que:

Os processos de produção, estilização e pasteurização transformam a mercadoria em produto desejável para diferentes nacionalidades. Passa a existir no padrão uma instância de caráter homogêneo que se aplica à alimentação: há uma nova tradução dos pratos típicos, os quais sofrem metamorfoses até adequarem-se ao consumidor global.

A antropologia da alimentação aplica-se precisamente ao esclarecimento dos condicionantes culturais e sociais do comportamento alimentar, com base na reconstrução de cada sistema alimentar. Dedica-se a analisar o que os indivíduos e grupos fazem com os/a partir dos alimentos converte-se, em contrapartida, em uma forma de compreender processos sociais e culturais, considerando os alimentos não tanto como portadores de nutrientes, mas como modelos ou mecanismos para estudar a cultura (CARRASCO, 2005, p. 103).

Então, no estudo das práticas alimentares contemporâneas, destacam-se a fenomenologia do corpo, principalmente, a obra de Merleau-Ponty, que se pauta pela corporeidade, na qual a percepção está relacionada à atitude corpórea e tem como ponto de apoio fundamental o movimento. Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo do mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, onde se dá a criação, com novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais (MERLEAU-PONTY, 1994), inclusive o movimento de individualismo contemporâneo.

Enquanto que, a antropologia da alimentação mantém a ênfase nos valores culturais. Então, para apreender a percepção de risco no contexto do HIV/AIDS inicialmente, cogitamos o uso da expressão ideia de risco e optamos pelo emprego da expressão percepção de risco, enquanto "a experiência do corpo como campo criador de sentidos, não apenas uma representação mentalista, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência" (NÓBREGA, 2000, p. 95).

Para Contreras e Gracia-Arnáiz (2005, p. 373), todos os conceitos sócio antropológicos elaborados sobre o risco, nas últimas duas décadas, compartilham de uma ideia principal, a de que "o risco é socialmente construído". O que algumas sociedades consideram como um objeto de medo e incerteza não é necessariamente verdadeiro para outras. Os seres humanos lidam com o mundo através de lentes de percepção, filtrando-o através de significados culturais e sociais.

O termo: práticas alimentares, para Diez-Garcia (1999, p.12), refere-se apenas aos aspectos concretos da alimentação, empiricamente observáveis, como preparo e consumo, não abrangendo o que se entende por comportamento alimentar. Comportamento alimentar, segundo ela, além de deter procedimentos

relacionados às práticas alimentares de grupos humanos, também compreende aspectos associados a atributos sócio culturais e aspectos subjetivos individuais e coletivos relacionados ao comer e à comida (DIEZ-GARCIA, 1999, p.12). Diez-Garcia (2005, p. 278) fez uma observação pertinente às práticas alimentares:

O estudo das práticas alimentares implica voltar-se aos procedimentos relacionados à alimentação de grupos humanos (o que se come, quanto, como, quando, onde e com quem se come; a seleção de alimentos e os aspectos referentes ao preparo da comida) associados a atributos sócio culturais, ou seja, aos aspectos subjetivos coletivos e individuais associados ao comer e à comida (alimentos e preparações apropriados para situações diversas, escolhas alimentares, combinação de alimentos, comida desejada e apreciada, valores atribuídos a alimentos e preparação e aquilo que pensamos que comemos ou que gostaríamos de ter comido). Portanto, o estudo das práticas alimentares envolve as dimensões sócio culturais, cognitiva e afetiva, conformadas com a dimensão biológica e presentes no desempenho das operações relacionadas à alimentação (DIEZ-GARCIA, 2005, p. 278).

Nesse sentido, Carrasco (2005, p. 108) em seu estudo da alimentação sob perspectiva antropológica:

Considera sempre o ser humano em uma escala social, não decompõe os alimentos em substâncias nutritivas, mas em propriedades de uma ordem social e material, atribuídas por um determinado grupo humano. Interessase, como vimos, pelas seleções culturais entre os recursos do meio e as técnicas disponíveis e pelas categorias de indivíduos que discriminam em relação aos processos alimentares. A definição do nosso campo deveria possibilitar uma expressão que unisse as atitudes normativas e as ações particulares dos indivíduos e dos grupos em torno da alimentação. De maneira simplificada, podemos afirmar que não é possível fazer uma antropologia nem uma etnografia da nutrição (CARRASCO, 2005, p.110).

Em busca de se estabelecer conceitos e termos que permitam a existência de uma linguagem comum (CARRASCO, 2005, p. 108) provisoriamente em suas pesquisas, Carrasco (2005, p. 110) optou pelo termo comportamento alimentar e utilizou-se ainda do termo experiência alimentar, sempre esperando descobrir ou criar uma expressão mais apropriada.

Comportamento alimentar abrange tanto o aspecto social inerente às práticas quanto os mecanismos biológicos orgânicos vitais ou da nutrição do corpo humano. Pensar o papel do convívio alimentar enquanto experiência social, sincronizada temporalmente e em acordo ao ambiente permite incorporar tanto o conceito de práticas sociais quanto de comportamento durante o processo de compreensão de elementos que explicam o papel estruturante da refeição familiar no padrão de convívio alimentar.

Fischler (1995, p. 65) define cozinha como "um corpo de práticas, de representações, de regras e de normas que repousam sobre classificações, estas, inseridas no campo macro da alimentação, são entendidas como integrantes de um sistema de significação e comunicação, que pode ser materializada como cultura, assim como a linguagem.

Essa analogia entre alimentação e linguagem, que segue hoje sendo usada entre os grandes teóricos da alimentação, foi uma proposta lançada, por exemplo, por Lévi-Strauss, em "A origem das maneiras à mesa", define culinária da seguinte maneira: "A culinária de uma sociedade é uma linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura, a menos que, também sem sabê-lo, limite-se a revelar nela suas contradições" (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 448).

Similar ao pensamento indígena, a lida com as operações culinárias é vista como "atividades mediadoras entre o céu e a terra, a vida e a morte, a natureza e a sociedade"(LÉVI-STRAUSS, 2004, p.89). O fogo da cozinha mediatiza a conjunção do produto cru com o consumidor humano, e por cuja operação um ser natural é, ao mesmo tempo, cozido e socializado (LÉVI-STRAUSS, 2004, p.380). Dividir a comida, "na linguagem medieval, é um modo quase técnico de dizer que se faz parte da mesma família" (MONTANARI, 2008, p. 159).

A refeição familiar é parte do *habitus* que compõe o sistema alimentar. O jovem comensal como sujeito com posição incorporada, um sujeito de ação, com capacidades criativas (BOURDIEU, 2010, p. 410). Assim como a linguagem, a sincronia familiar à refeição é um momento vivo, cambiante, dinâmico que se replica no cotidiano da vida. Com esta analogia em mente, entendemos a refeição familiar como um dos aspectos da cultura que é

"Organizada/organizadora pelo veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. [...] Contém um saber coletivo acumulado em memória social" (MORIN, 2007, p. 19).

A refeição em família além de favorecer as relações sociais, também serviu para transmitir receitas de uma geração para outra e com isso o paladar foi sendo aprimorado ao longo do tempo. A seleção de gostos "nos serviu para eleger substâncias mais adequadas para a alimentação" (BRILLAT-SAVARIN, 1999, p. 32). No entanto, o tipo de refeição contemporânea vem padronizando o gosto e encurtando os convívios em função do modelo econômico dominante:

Vamos encontrar na sociedade capitalista, em função de uma inserção diferenciada no processo produtivo, uma grande heterogeneidade sócio cultural que permeia, entre outros, os hábitos alimentares, seja no aspecto da produção, seja no da preparação e do consumo. Os hábitos alimentares não atendem apenas às necessidades fisiológicas do homem, mas têm um caráter simbólico, cujo significado se dá na trama das relações sociais (CANESQUI E GARCIA, 2005, p.61);

Num movimento em torno do individualismo, as pessoas e coisas se desvinculam da ideia de se comprometer a um lugar e a um tempo. Compactua o tempo e espaço – apressadamente, sem pertencimento. Na realidade, aponta Boaventura em "A gramática do tempo" que "o sentimento de urgência é o resultado da acumulação de múltiplas questões na mesma hora ou lugar. Sob o peso da urgência, as horas perdem minutos e os lugares comprimem-se" (SANTOS, 2006a, p.177).

Para que o desenvolvimento da identidade ocorra de forma harmoniosa, devem existir algumas condições que as possibilitem. Tempo e espaço disponíveis e outros indivíduos que possam partilhar com a pessoa esta experiência, certa flexibilidade e disponibilidade, no meio ambiente objetivo e/ou subjetivo, de recursos que permitam a expressão dos sentimentos e da experiência interior. Isto, por sua vez, exige um mínimo de espontaneidade e informalidade, tanto no nível interno como no externo (STORT, 1993, p. 83).

A racionalidade dominante, no seu uso planejado, com fins utilitaristas e imediatistas, rouba-nos impiedosamente o tempo e o espaço para ação espontânea, que satisfaça verdadeiramente as nossas necessidades, e a sua expressão: "Impõenos um ritmo e um esquema de vida que nos rouba de nós mesmos" (STORT, 1993, p. 83).

A socialização que, de acordo com Berger e Berger (1977, p. 206) diz respeito a imposição de padrões sociais à conduta individual também serão reformulados à luz dessa racionalidade utilitarista em termos de bens e de convívios. A incorporação desses padrões e a própria percepção da identidade, conforme aponta Stort (1993, p. 83) está ligada a condições históricas, sociais e de desenvolvimento do ser humano e:

Constrói-se à medida que o indivíduo, entrando em interação com o mundo e com a cultura, tem experiências de várias ordens e, simbolizando-as, é capaz de compreendê-las e integrá-las como fazendo parte de si e de sua existência. Esta simbolização é realizada pela linguagem, pelo pensamento, pela imaginação e por outras formas de expressão corporal, por exemplo, tendo como base os sentimentos que tal experiência evoca. Os sentimentos evocando estão diretamente ligados às necessidades humanas subjacentes

à situação e ao momento em que a experiência se realiza (STORT, 1993, p. 83).

O individualismo motivado pelo comer a sós é o disfarce pós-moderno da ideia de independência que se contrapõe a socialização inerente ao convívio familiar. No caso dos órfãos a tendência a terem suas refeições a sós evidencia essa tendência a individualização do ritmo das refeições, diluindo-o para outras horas – nas palavras de Diez-Garcia (1999, p. 52):

A facilidade de deslocamento das refeições e o abreviamento do ritual alimentar marcam outro ritmo para a comida. As pessoas levam sanduíches para o trabalho, comem vendo televisão ou na frente do computador, muitas vezes comem de pé ou até mesmo andando. A refeição foi dispersa para outros espaços, mas não foi realocado um lugar e nem destinado um tempo próprio para dedicar-se a ela. Ela foi espalhada para outros lugares, invadida por outras atividades, resumida em volume, mas não em concentração calórica, dispensa muitos utensílios e pode ser consumida em embalagens descartáveis. Este modo de comer, em meio a outras atividades e com pressa, dilui a concentração no ato alimentar. Podem ser situações facilitadoras do consumo calórico excessivo (DIEZ-GARCIA, 1999, p. 52).

O individualismo e o hábito de abreviar as refeições é uma tendência dos modos de vida contemporâneos. É possível inferir que a juventude órfã, universo da presente pesquisa, pode reproduzir esse modo de vida e consumo porque compartilha dos mesmos motivos históricos. Os jovens de uma geração podem apresentar comportamentos semelhantes porque são expostos aos mesmos apelos comerciais e publicitários veiculados pelas indústrias de alimentos, como a maioria dos jovens não órfãos ou órfãos por outras causas, porque também são consumidores.

#### 2.7 Espaço e tempo das relações comensais

A definição dos espaços casa e rua pelas relações que são estabelecidas para comer motivaram vários autores a definir estes espaços pelos seus contrastes. A casa é o lugar onde as pessoas "são alguém", espaço de reconhecimento, hospitalidade, repouso, recuperação, calma, "enfim, de tudo aquilo que define a nossa ideia de 'amor', 'carinho', e 'calor humano'". Enquanto a rua seria o mundo da impessoalidade, da ausência de vínculo, onde qualquer um pode circular; o local perigoso (DAMATTA, 1997, p.57).

A casa é identificada com a mulher. À mulher cabe manter a unidade do grupo. Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar (SARTI, 2003, p. 21). As mulheres são aptas em transformar os alimentos crus — produtos da natureza de domínio masculino, em cozinha, produtos da cultura, domínio feminino (BAHIA, 2006, p. 70).

Historicamente, sempre estivera a cargo de mulheres a tarefa de sincronizar os horários das refeições, estabelecerem cardápio, reservar os ingredientes, providenciar os equipamentos adequados para a produção da refeição e utensílios suficientes para o serviço. Durante muito tempo, antropólogos sociais chamaram as mulheres de "porteiras" dos abastecimentos domésticos de comida (VISSER, 1998, p.279).

A cozinha pode ser considerada um espaço de convívio. Espaço possui várias definições, diferente de lugar, ordem de como distribuir os elementos nas relações de coexistência, "o espaço é um lugar praticado", "animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram" (CERTEAU, 1998, p. 202); o mesmo autor toma como exemplo a rua, geometricamente definida pelo urbanismo, enquanto as ações dos pedestres a transformam em espaço. Poulain (2004, p. 243), propõe o termo Espaço Social, sendo este "o espaço determinado pelo conjunto dos sistemas de relações características do grupo considerado". Ele identifica o espaço social de duas formas, o físico, que os geógrafos estudam e o espaço lógico, que é o mais próximo ao que os antropólogos e sociólogos nomeiam de sistemas de representações e de estruturas do imaginário, de caráter subjetivo.

O ambiente mais próximo é a casa da família, mas a natureza e o grau desta influência são o resultado da interação pelo convívio entre os membros da família e a localização da casa, limites e proximidades influenciam a comensalidade (SOBAL et al., 2002, p. 378).

A refeição parece ser a motivação mais importante para o desencadeamento dos convívios que, supostamente, tendem a ocorrer em torno da mesa. A mesa é, por excelência, o lugar da sociabilidade assim como o espaço onde se encontram o corpo e a alma, a matéria e o espírito, a exterioridade da etiqueta e a interioridade da ética (FLANDRIN E MONTANARI, 1998, p.497). Pelo pensamento de Plutarco: nós não nos sentamos à mesa para comer, mas para comer junto (FLANDRIN E MONTANARI, 1998, p.108).

A mesa funciona não apenas como agente de agregação e de unidade, mas também de separação e de marginalização (FLANDRIN E MONTANARI, 1998 p. 109). Todavia, "comer junto é irmanar-se", afirma Cascudo, 2004, p.351). A refeição em comum tem como objetivo promover a aproximação entre as pessoas ou estreitar relações sociais. O sentar-se à mesa equivale praticamente a ser recebido na família (FERNANDES, 1997, p.13). "Desde o princípio dos tempos, sentar-se à mesa para comer tem sido um motivo de interação familiar (VILLARES E SEGOVIA, 2006, p.554).

A temporalidade medida por meio do calendário demarca o ritmo diário dos convívios comensais. Em estudos transversais, a dimensão temporal, com uso de elementos naturais permite situar histórica e culturalmente as práticas sociais. Nas sincronias espaciais, os ritmos temporais das refeições, compromissos culturais obedecem aos chamados da natureza. Isso encontra sentido nos achados propostos por Heidegger em Ser e Tempo (2009), quando ele descreve sobre a datação em relação aos fenômenos da natureza:

O sol data o tempo interpretado nas ocupações. É dessa datação que nasce a medida 'mais natural' do tempo, isto é, o dia. E por ser finita a temporalidade da presença, que deve tomar seu tempo, os seus dias já estão contados. O 'durante o dia' propicia ao aguardar nas ocupações a possibilidade de se determinar, numa ocupação prévia, os 'então' das ocupações, ou seja, de se dividir o dia. A divisão se cumpre, por sua vez, no tocante àquilo que data o tempo, a saber, o sol em seu curso. O ser lançado junto ao que está à mão funda-se na temporalidade. A temporalidade é o fundamento do relógio sugere Heidegger (2009, p. 509).

O tempo alinha acontecimentos passados, presentes e futuros. Em sua definição está implícita a questão social, o campo cultural e o próprio significado da experiência temporal (MELUCCI, 1997, p. 8). "Com a ajuda de um calendário, cada um pode determinar com precisão o ponto em que ele mesmo veio se inserir no fluxo dos processos sociais e fixos", afirma Elias (1998, p. 26). O tempo serviu para situar o homem ao longo da história, tanto para contar o passado quanto para programar o futuro.

A expressão "tempo" remete a esse relacionamento de posições ou segmentos pertencentes a duas ou mais sequências de acontecimentos em evolução contínua. Se as sequências em si são perceptíveis, relacioná-las representa a elaboração dessas percepções pelo saber humano (ELIAS, 1998, p. 13)

A sociedade moderna conhece o tempo como seu resultado, medido por máquinas, como o relógio. A máquina tira o "natural" do tempo, marcado pelo dia e noite, nascimento, morte, estações; e também o "subjetivo" dele em que há a percepção das pessoas em seus próprios tempos (MELUCCI, 1997, p. 7). Para o jovem, a percepção do tempo se amplia e os acontecimentos neste momento da vida propiciam mudanças significativas, moldando suas identidades. "A organização de eventos e sua sequência, a relação entre eventos externos e internos, o grau de investimentos emocional em várias situações - tudo se torna meio de organizar a biografia e definir a identidade" (MELUCCI, 1997, p. 9). A juventude é a idade na vida em que se começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade" (MELUCCI, 1997, p. 6).

Hoje, o tempo se torna uma questão-chave nos conflitos sociais e na mudança social. A juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um dos dilemas conflitantes básicos (MELUCCI, 1997, p. 7). Esse comportamento pode ser explicado pelos significados atribuídos aos dias festivos, como explica Montanari:

Um dos aspectos da cultura alimentar é aquele que atribui à comida um valor significativo em relação ao passar do tempo - as sociedades tradicionais vinculavam imediatamente a preparação e o consumo deste ou daquele alimento à determinada recorrência do calendário, principalmente, festivo (MONTANARI, 2008, p. 131).

Admitindo a definição de tempo proposta por Melucci (1997, p.7) em que "tempo é uma medida de quantidade que se aplica aos ritmos diários de trabalho". Os registros temporais dos jovens órfãos comensais foram ordenados em duas categorias obedecendo a ideia de calendário proposta por Montanari, (2008, p. 131): categorizados pelo contraste em semana e final de semana (sábado e domingo). Em relação aos ritmos temporais e às sincronias espaciais que deram margem a reconstrução das refeições e dos convívios.

# 2.8 Construção metodológica interdisciplinar

A tendência atual é a de recorrer à ecologia de forma generalizada para repensar a vida humana – ambiental, social e mental (GUATTARI, 1992, p. 20). Está surgindo uma nova teoria do desenvolvimento baseada nos valores do meio

ambiente. Com isso, o conceito de bem-estar tende a ser substituído por um conceito mais amplo de qualidade de vida, ressalta Leff (2009, p. 173).

A complexidade dos objetos de pesquisa, no domínio das ciências humanas e do meio ambiente, exige uma abordagem interdisciplinar. O encontro das disciplinas não basta para que sejam eliminadas as fronteiras entre as problemáticas e modos de expressão presentes. São enviados sinais de uma área a outra, sem que uma comunicação mais profunda aconteça (GUATTARI, 1992, p. 23).

Para que exista uma ação comunicativa de fato, como diria Habermas (1984, p. 286), faz-se necessário que as ações dos agentes envolvidos sejam coordenadas para alcançar o entendimento. Para Habermas (1984, p. 392), na ação comunicativa, os participantes não estão orientados para o seu próprio sucesso individual: "eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação".

A abordagem interdisciplinar não se relaciona somente com os interesses e articulações das ciências existentes, mas sim com as ideologias e teorias que produzam sentidos e mobilizem ações sociais para a construção de uma nova racionalidade social (LEFF, 2001, p.185). A interdisciplinaridade é mais ampla, pois tenta extrair dessa colaboração disciplinar um fio condutor, que seja metodológico, epistemológico ou ainda para a construção de novos campos disciplinares fronteiriços (LEFF, 2001, p.169).

A interdisciplinaridade não pretende a unificação dos saberes, e sim deseja a abertura de um espaço de mediação entre conhecimentos e articulações de saberes, no qual as disciplinas estejam em situação de mútua coordenação e cooperação, construindo um marco conceitual e metodológico comum para a compreensão de realidades complexas. O intuito da interdisciplinaridade não é a unificação dos campos disciplinares, e sim de construir conexões entre eles, para construir referenciais metodológicos consensuais e promover diálogos e trocas entre diferentes disciplinas (SILVA, 2010, p.73). Consenso metodológico equivale a considerar a influência dos aspectos sócio culturais da época; as referências; as ideias vigentes em outros campos do conhecimento e implicações políticas das ideias (CARNEIRO E GASTAL, 2005, p. 37).

Não existe uma fórmula exata de como utilizar e definir a inter, multi, trans ou pluridisciplinaridade, adverte Pombo (2005, p. 5). A autora sugere "uma proposta provisória de definição" que, de acordo com ela, é muito mais simples:

Por detrás destas quatro palavras, multi, pluri, inter e transdisciplinaridade, está uma mesma raiz – a palavra disciplina. Ela está sempre presente em cada uma delas. O que nos permite concluir que todas elas tratam de qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Disciplinas que se pretendem juntar: multi, pluri, a ideia é a mesma: juntar muitas, pô-las ao lado uma das outras. Ou então articular, pô-las inter, em inter-relação, estabelecer entre elas uma ação recíproca. O sufixo trans supõe um ir além, uma ultrapassagem daquilo que é próprio da disciplina (POMBO, 2005 p. 5).

A ciência moderna apostou na fragmentação das unidades, proposta por Galileu e Descartes, a partir do século XIX (POMBO, 2005, p. 6). Essa disciplinaridade permitiu o aprofundamento que gerou um avanço tecnológico muito grande e uma melhoria para qualidade de vida das pessoas. De acordo com Morin (1997, p. 17), é evidente que, todo conhecimento, científico ou não, está arraigado, inscrito no e dependente de uma totalidade cultural, social, histórico. Dessa forma:

Cultura e sociedade estão em relação geradora mútua; nessa relação, não podemos esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura (MORIN, 1997 p. 19).

De acordo com Pombo (2005, p. 10), quanto mais detalhada é a análise, maior a complexidade que se ascende à nossa frente, e, consequentemente: "o todo não é a soma das partes". Esta é, segundo a mesma, uma das chaves fundamentais para o entendimento da questão interdisciplinar.

A construção metodológica interdisciplinar tem como vantagem a contextualização dos dados. A ideia de contexto foi adotada no sentido de situar todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente — cultural, social, econômico, político e, é claro, natural. Não só leva a situar um acontecimento em seu contexto, mas também incita a perceber como este o modifica ou explica de outra maneira. Considerando a proposta de Morin (2008, p. 37), no sentido de reconhecer a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais. Para seguir esse caminho, o problema não é bem abrir as fronteiras entre as disciplinas, mas transformar o que gera essas fronteiras (MORIN, 2008, p. 37).

A interdisciplinaridade é efetiva quando se considera a cultura em consonância à natureza. Morin em "Ciência com consciência" (2005) preconiza: "É

necessário enraizar o conhecimento físico e igualmente biológico, numa cultura, numa sociedade, numa história, numa humanidade. A partir daí, cria-se a possibilidade de comunicação entre as ciências" (MORIN, 2005, p. 139). Ainda que a cultura esteja apta para a abertura e para a contextualização, conforme aponta Morin (2005), também se faz necessário reconhecer na cultura um sentido de natureza.

A evolução cultural foi tão intensa que ocasionou uma dissociação da cultura em relação ao natural. Contudo, para estudar o sistema onde se vive, a Ecologia recorre a múltiplas disciplinas (físicas, biológicas) e às ciências humanas para analisar as interações entre o mundo humano e a biosfera. Assim, disciplinas extremamente distintas são associadas e orquestradas na ciência ecológica (MORIN, 2008, p. 27). O meio ambiente com todo o conjunto de componentes físicos, químicos, biológicos e sociais e seus efeitos diretos e indiretos, em dado tempo sobre os seres vivos passa e as atividades humanas ganham um novo sentido na ecologia. A ideia de natural antes pejorativa e reducionista passa a fundamentar o discurso ecológico. Elementos naturais revestidos de cultura fomentam o contexto interdisciplinar.

Natureza aqui, porém, não deve ser compreendida como algo simplesmente dado e nem tampouco como poder da natureza. A mata é reserva florestal, a montanha é pedreira, o rio é represa, o vento é vento 'nas velas'. Com a descoberta do 'mundo circundante', a 'natureza' assim descoberta vem ao encontro. Pode-se prescindir de seu modo de ser à mão e determiná-la e descobri-la apenas em seu modo de ser simplesmente dado. Nesse modo de descobrir, porém, a natureza se vela enquanto aquilo que 'tece e acontece', que se precipita sobre nós, que nos fascina com sua paisagem. As plantas do botânico não são flores no campo, o 'jorrar' de um rio, constatado geograficamente, não é 'fonte no solo', explica Heidegger (2009, p. 119).

Nossa biologia não determina o que sucede em nossas vidas individuais porque tudo surge em nosso viver com o passar do tempo, num processo histórico de co-participação da constituição genética, e o fluir das interações no meio ambiente, numa dinâmica sistêmica. À medida que compartilhamos alimentos, pertencemos a uma história de conservação do partilhar como uma maneira de viver que guiou nosso devir biológico (MATURANA, 2001, p.92). Em algum ponto comum ou mesmo nas fronteiras de concepções biológico e sociais, a cultura é a grande coincidência interdisciplinar. De acordo com Stort (1993), é na cultura que estão contidos os "instrumentos mentais" de uma sociedade; Esses instrumentos correspondem "a linguagem, os sistemas lógicos, matemáticos e todas as teorias

que materializam a aquisição e o progresso dos conhecimentos". Acrescidos, segundo a mesma, de elementos místicos, crenças, sistemas de caráter metafísico, conhecimentos empíricos, pré-científicos e elementos de natureza ideológica (STORT,1993, p.70).

A cultura é o meio pelo qual o indivíduo tem acesso ao mundo exterior e à sociedade em que vive. Ela lhe fornece os elementos de compreensão de sua situação no mundo e na sociedade e também princípios orientadores para sua conduta e adaptação às diversas situações que vivencia. Estes princípios de explicação e de orientação devem formar um sistema integrado e coerente que permita ao indivíduo sentir-se e atuar de modo consistente (STORT, 1993, p.26). A cultura é organizada/organizadora pelo veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Contém um saber coletivo acumulado em memória social (MORIN, 1997, p.19).

Memória social ou devir histórico? A tarefa de contextualizar implica recorrer à história. História não significa apenas o "passado" no sentido do que passou, mas também a sua proveniência. O que "tem história" encontra-se inserido num devir. História significa, aqui, um

Conjunto de acontecimentos e influências" que atravessa "passado", "presente" e "futuro". História significa, ademais, por oposição a natureza, que também se move "no tempo", os entes passageiros "do tempo", isto é, as transformações e destinos dos homens, dos grupos humanos e de sua "cultura", explica Heidegger (2009, p. 513).

Nesse caso, história significa tanto o acontecer enquanto modo de ser, mas o lugar que se distingue da natureza, no que respeita a determinação essencial da existência do homem como "espírito" e "cultura", embora a natureza, de certo modo, pertença à história assim entendida. História é o acontecer específico da presença existente que se dá no tempo. É esse acontecer que vale, como história, em sentido forte, tanto o "passado" como também o "legado" que ainda influi na convivência (HEIDEGGER, 2009, p. 460).

A comensalidade que outrora nos fez humanos continua a humanizar-nos na medida em que repartimos os bens da natureza de forma solidária e responsável (MMA, 2006, p.14). Nesse contexto ético, Leff (2009, p. 124) sugeriu que cultura seja entendida como forma de organização simbólica do gênero humano, que remete a um conjunto de valores, formações ideológicas e sistemas de significação, que

orientam o desenvolvimento técnico e as práticas produtivas, e que definem os diversos estilos de vida das populações humanas no processo de assimilação e transformação da natureza.

Pela obra de Maturana, (2002a, p. 23) a história dos seres humanos segue o curso das emoções como determinantes dos espaços relacionais. A emoção estaria na base dessa orientação ética. A ética revela a preocupação com o que acontece aos outros. A preocupação pelo outro não tem fundamentos racionais. A preocupação ética não se funda na razão, funda-se no amor. E com isso dá legitimidade ao outro em convivência com alguém (MATURANA, 2002a, p.23). Contudo, para Maturana (2002a, p. 26) "nem todas as relações humanas são sociais, tampouco o são todas as comunidades humanas, porque nem todas se fundam na operacionalidade da aceitação mútua".

A trajetória ética do compartilhamento de comida compõe-se de elementos do plano das emoções atrelada a uma nova racionalidade. Emoção e razão coexistem nessa nova ordem. Para Leff (2009, p. 228), a nova racionalidade fundamenta-se na crítica aos padrões de produção e consumo induzidos pelo processo de crescimento acumulativo e pela lógica do lucro no curto prazo. A isso se soma uma crítica à homogeneização dos padrões produtivos e de consumo, reivindicando os valores da diversidade cultural e a preservação das identidades étnicas dos povos, como um princípio ético e como meio eficaz para conseguir os objetivos do desenvolvimento sustentável. A construção de uma nova racionalidade social se fundamenta na participação direta da população na gestão e manejo de seus recursos ambientais (LEFF, 2009, p. 228).

A capacidade do ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras. Respeitar o ser humano, para que este possa respeitar a natureza, parece ser a premissa mais importante para se lidar com a natureza. De acordo com Leff (2009, p.228), o ser humano ainda ocupa o lugar mais importante do meio ambiente, mas é convidado a uma nova racionalidade. A crise ambiental não só se manifesta na destruição do meio físico e biológico, mas também na degradação da qualidade de vida, tanto no âmbito rural como no urbano (LEFF, 2009, p. 47).

A pesquisa interdisciplinar se impõe para se pensar a legitimidade social e a consistência cultural do modo de vida alcançado. Ocorre uma tendência de recorrer

à ecologia de forma generalizada para repensar a vida humana: ambiental, social e mental (GUATTARI, 1992, p.20). Está surgindo uma nova teoria do desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica. Com isso, o conceito de bem-estar tende a ser substituído por um conceito mais amplo de qualidade de vida, ressalta Leff (2009, p. 174).

Pensando a Ecologia como objeto de estudo em comum, tentativas dialógicas de saberes são propostas. Ao sugerir uma Ecologia das ideias, Morin, (1997, p. 72) identifica que

A ciência não é apenas uma micro sociedade original dotada de regras, normas, valores, tendo as suas solidariedades, concorrências, conflitos, e enfrentando somente limitações ou influências sociais externas. É também uma parte da sociedade que carrega em si hologramaticamente o conjunto da sociedade.

Uma formidável dialógica recursiva opera, contraditória e ambivalente, entre a ciência e a sociedade. Oriunda da sociedade, enraizada na sociedade, a ciência impõe-se cada vez mais na e sobre a sociedade, a qual se impõe cada vez mais na e sobre a ciência. Essa determina a realidade, a verdade e a certeza nas civilizações tecnicistas, ao mesmo tempo em que se submete às realidades, verdades e certezas dessa civilização (MORIN, 1997, p.73).

A perspectiva ecológica também subsidia a discussão intitulada Ecologia de Saberes, na qual Boaventura questiona a possibilidade de integração do conhecimento. Ele faz o convite não apenas a superar a monocultura do saber científico, como instiga a ideia de que os saberes não científicos são alternativos ao saber científico (SANTOS, 2007, p. 17). Boaventura faz as seguintes considerações em relação ao diálogo de saberes:

A ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no quotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido à nossa vida (SANTOS, 2006b, p. 88).

O princípio de incompletude de todos os saberes decorre a possibilidade de diálogo e de disputa epistemológica entre os diferentes saberes. O que cada saber contribui para esse diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma certa ignorância. O confronto e o diálogo entre os saberes é um confronto e diálogo entre diferentes processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias (SANTOS, 2007, p. 16).

Ainda sobre o assunto da interdisciplinaridade, Guattari, (1992, p. 19), afirma que o encontro das disciplinas não basta para que sejam eliminadas as fronteiras

entre as problemáticas e modos de expressão presentes. Segundo o mesmo, são enviados sinais de uma área a outra, sem que uma comunicação mais profunda aconteça. Como diria Habermas (1984, p. 99), para que uma a ação comunicativa ocorra de fato faz-se necessário que as ações dos agentes envolvidos sejam coordenadas para alcançar o entendimento. Para Habermas (1984, p. 99), na ação comunicativa, os participantes não estão orientados para o seu próprio sucesso individual: "eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação".

A complexidade dos objetos de pesquisa, no domínio das ciências humanas e do meio ambiente, exige uma abordagem interdisciplinar. A abordagem interdisciplinar não se relaciona somente com os interesses e articulações das ciências existentes, mas sim com as ideologias e teorias que produzam sentidos e mobilizem ações sociais para a construção de uma nova racionalidade social (LEFF, 2001, p.185 – Saber Ambiental). A interdisciplinaridade é mais ampla, pois tenta extrair dessa colaboração disciplinar um fio condutor, que seja metodológico, epistemológico ou ainda para a construção de novos campos disciplinares fronteiriços (LEFF, 2001, p.169).

A interdisciplinaridade não pretende a unificação dos saberes, e sim deseja a abertura de um espaço de mediação entre conhecimentos e articulações de saberes, no qual as disciplinas estejam em situação de mútua coordenação e cooperação, construindo um marco conceitual e metodológico comum para a compreensão de realidades complexas (SILVA, 2010 p.73). O intuito da interdisciplinaridade não é a unificação dos campos disciplinares, e sim de constituir conexões entre eles, para construir referenciais conceituais e metodológicos consensuais e promover diálogos e trocas entre disciplinas (SILVA, 2010 p.73).

Consenso metodológico equivale a considerar a influência dos aspectos sócio culturais da época; as referências vigentes em outros campos do conhecimento e implicações políticas das ideias (CARNEIRO E GASTAL, 2005, p.6).

Nesse caso, a realização do projeto de estudo com abordagem qualitativa e quantitativa deve levar em consideração a inferência de Minayo e Sanches, (1993, p. 2) de que ambas são necessárias, porém, em muitas circunstâncias, insuficientes

para abarcar toda a realidade observada. Durante a análise dos dados optou-se pela lida com essas abordagens de modo a considerá-los complementares.

Em 1992, Ellen Woortmann, lidou com o conceito de complementaridade durante estudo etnográfico envolvendo o papel de mulheres em comunidades pesqueiras no litoral do Rio Grande do Norte. Segundo ela, a noção de complementaridade é sempre contextual. É no contexto dos grupos que se dá o entendimento entre a complementaridade considerada equilibrada para uma dependência vista como subordinada (WOORTMANN, 1992, p. 32). Portanto, as metodologias podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade (MINAYO E SANCHES, 1993, p. 2).

A construção da metodologia às vezes demanda uma manipulação criativa dos dados. A essa habilidade de manusear os dados, Claude Lévi-Strauss (2010, p. 33) chamou de *bricoleur*, "aquele que executa um trabalho utilizando fragmentos sem um plano pré-estabelecido". Esta postura admite a ideia de estratégia de Edgar Morin, onde, diferentemente do programa, as finalidades são determinadas e não as operações (MORIN, 1999, p.57).

O pensamento unificador deve ser uma necessidade em projetos de caráter multiforme, nos quais componentes biológicos, emocionais ou afetivos, sociais, culturais e ambientais coabitam e se comunicam. Embora seja impossível o encontro de instrumento capaz de aferir as múltiplas funções da alimentação enquanto objeto de estudo. Por enquanto, é essencial reafirmar a função sócio vital da alimentação em intercambio dinâmico que transita entre natureza e cultura.

Por último, convém considerar que o método é fruto da dinâmica do planejamento e da experiência inusitada exigida durante os usos instrumentais. Heidegger (2009, p.117) concluiu que "é a obra que sustenta a totalidade das referências na qual o instrumento vem ao encontro". O objeto de estudo e ação de pesquisar encontram ancoradouros na pessoa do pesquisador. Todos esses elementos foram empregados para apreender aspectos concretos e subjetivos da refeição em família.

# **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

### 3.1 Metodologia da abordagem qualitativa

Os dados foram coletados como parte de uma Pesquisa Temática realizada junto à Faculdade de Saúde Pública — FSP/USP. O estudo qualitativo envolveu 19 jovens, com idade entre 15 a 24 anos, que ficaram órfãos na cidade de São Paulo.

Os sujeitos foram selecionados a partir de contato com os Serviços de Assistência Especializada (SAEs) em DST/AIDS do município de São Paulo, localizados nas zonas oeste, leste e norte da cidade. Os SAEs facilitaram o contato com escolas, creches e Organizações não-Governamentais (ONGs), que auxiliaram na seleção de jovens, que foram convidados a participar do estudo.

Para obtenção dos dados da fase qualitativa envolvendo os 19 jovens foi utilizado um roteiro guia, como instrumento, para nortear os eixos temáticos da entrevista semi-estruturada. As questões pertinentes ao convívio comensal em refeições foram abordadas no eixo temático sobre o cotidiano do jovem.

Para obtenção dos dados, utilizou-se um pequeno roteiro-guia que incluíam eixos temáticos, tais como: cenas do cotidiano; planos para o futuro; contrastes com a orfandade e simbolismos das AIDS (Apêndice A).

As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada da Universidade de São Paulo. Em algumas situações, todavia, os sujeitos solicitaram que as entrevistas fossem realizadas em suas casas. Nestes casos, atenção especial foi dirigida à questão da privacidade para que as entrevistas fossem conduzidas em locais privativos, nos quais permaneceram somente o jovem e o entrevistador.

Posteriormente, essas entrevistas foram transcritas e supervisionadas pelo coordenador da pesquisa e pelos próprios pesquisadores envolvidos. Para o presente estudo, para contextualizar a questão dos convívios comensais foram transcritas por uma equipe de pesquisadores e resultaram em um material composto por 522 páginas. Esse material foi a fonte de dados de onde foi extraído o *corpus* sobre o qual foi realizada a categorização dos dados e as análises do presente estudo. Todo o material utilizado na pesquisa, como parte do compromisso ético por tratar-se da temática do HIV/AIDS, tem como protocolo de pesquisa o sigilo e somente os pesquisadores da equipe tem acesso aos arquivos. Não há permissão para reprodução das entrevistas, tampouco é permitida a consulta a esse material por parte de pessoas que não fizeram parte da equipe de pesquisa maior.

As entrevistas foram gravadas em mídia analógica. Uma conversão foi operada para mídia digital, visando a uma melhoria na qualidade do som (diminuição de ruídos externos e nitidez da voz dos narradores).

As relações comensais foram investigadas no eixo temático que versava sobre o cotidiano e foram apreendidas com auxílio de um roteiro contendo dimensões temporais e espaciais que possibilitaram as categorias de análise. Então, para obter uma ecologia dos convívios comensais com base na descrição das sincronias em espaços e dos compromissos rítmicos temporais de jovens órfãos pela AIDS com seus familiares no contexto urbano e isso demandou a leitura e categorização de 19 entrevistas em profundidade, além das anotações de campo realizadas pela própria pesquisadora. Essas anotações subsidiaram a descrição dos contextos onde foram realizadas as entrevistas.

Para fins da análise qualitativa foram selecionados o discurso de 19 jovens com idade entre 15 e 22 anos, conforme o QUADRO 1.

Identificação	Nome fictício	Sexo	Idade	Sorologia	Orfandade
5	Antonieta	F	15	positiva	Materna
1507-A	Adelmo	М	19	negativa	Paterna
31	Benjamin	М	16	positiva	Dupla
32	Celina	F	16	negativa	Materna
23	Diana	F	15	negativa	Materna
805	Elis	F	16	negativa	Dupla
37	Fátima	F	17	negativa	Materna
2906-B	Gabriel	М	18	negativa	Dupla
30	Giovane	М	18	negativa	Materna
41	Humberto	М	19	positiva	Dupla
44	Isabel	F	19	positiva	Dupla
1684	Joana	F	19	negativa	Dupla
3995	Letícia	F	20	negativa	Dupla
4122-C	Luiza	F	22	negativa	Materna
42	Marina	F	21	negativa	Materna
1168	Norberto	М	21	negativa	Dupla
914-A	Olga	F	21	negativa	Paterna
271-A	Paulo	М	20	negativa	Materna
43	Penélope	F	16	negativa	Materna

Quadro 1 - Caracterização dos jovens depoentes em São Paulo, SP (2009)

De acordo ao Quadro 1, observa-se que a maioria dos depoentes era do sexo feminino. A orfandade por morte materna era a mais frequente. Os jovens tinham a cor da pele morena clara ou parda, conforme eles próprios disseram. Apenas 4 deles apresentavam sorologia positiva para o HIV/AIDS, mas tinham aparências saudáveis no momento da entrevista. Eles haviam parado de estudar por volta da oitava série, atual nono ano do ensino fundamental. Durante a execução das entrevistas, as jovens do sexo feminino se mostraram mais acessíveis com o estudo, e seus depoimentos são mais numerosos e extensos, o que justifica sua maior participação na pesquisa, em relação aos jovens do sexo masculino. As jovens do sexo feminino se ocupavam mais com as tarefas domésticas e no cuidado dos filhos. Os jovens do sexo masculino geralmente se ocupavam com outras tarefas fora da casa, inclusive o trabalho.

O cenário onde vivem os jovens órfãos da pesquisa corresponde ao da periferia da capital paulistana onde, na maioria das vezes, as entrevistas foram realizadas em residências de único cômodo conjugando dormitório, fogão e televisão. Ou, então, moravam junto das avós ou tias, dividindo as pequenas instalações e as despesas. O quintal, como um núcleo comum às casas adjacentes, complementava o cenário de acesso e convivência nos bairros da periferia.

A maioria investia precocemente no casamento e mesmo quando se casa cedo ainda prefere continuar vivendo nos cômodos construídos no mesmo quintal do familiar. A coabitação ou o vínculo de moradia parece ser a representação mais segura de cuidado familiar. Eles sentem necessidade de manter o vínculo de moradia por perto.

Em relação aos ritmos temporais e às sincronias espaciais que deram margem a reconstrução das refeições e dos convívios, os registros temporais dos jovens órfãos comensais foram ordenados em duas categorias obedecendo a ideia de calendário proposta por Montanari, (2008, p. 131): categorizados pelo contraste em dias da semana e do final de semana e os ritmos diários foram estruturados em café da manhã, almoço e jantar.

Trata-se de um retrato dos convívios dos jovens com suas famílias, um recorte temporal e espacial que possibilitou certa aproximação do conhecimento que reside no senso comum. Os fragmentos encontrados foram ordenados pela proposta do

artesanato intelectual, conforme Wright Mills (2009, p. 59). O artesão intelectual é livre para desenvolver seu trabalho e usar plenamente suas capacidades na execução dele. Evita todo conjunto rígido de procedimentos para uma compreensão completa das estruturas sociais em que os ambientes estão organizados. Faz uso de perspectivas e materiais, ideias, métodos e de quaisquer outras fontes que sejam pertinentes. Compreende o homem como ator histórico-social que participa da construção do conhecimento do senso comum e não como objeto ou fragmento isolado sem contexto.

O artesanato intelectual (re)liga objetos e conceitos, fornecendo material para um olhar complexo: aquele que procura "sempre as relações e inter-retro-reações entre cada fenômeno e seu contexto" (MORIN, 1999, p.24). A ideia do artesanato intelectual complementa-se com a bricolage. *Bricoleur*, para Lévi-Strauss (2010, p. 33), é aquele que trabalha com as mãos. Trabalhar com a bricolagem seria produzir um objeto novo a partir de fragmentos de outros objetos. Opera-se uma união de partes. O pensamento unificador deve ser uma necessidade em projetos de caráter multiforme, nos quais componentes biológicos, psicológicos, sociais, culturais e ambientais coabitam. Essa foi uma preocupação durante os diálogos da pesquisa: escuta, análise e discussão.

A categorização dos resultados qualitativos, com o objetivo de demonstrar como a sincronia dos convívios comensais – encontro no tempo e no espaço dos convívios familiares – refletem as relações familiares e, de certa forma, os ritmos foram convertidos nas estruturas de apresentação dos dados. Portanto, as transcrições foram revisadas uma a uma e impressas e depois foram lidas minuciosamente em busca de eixos categóricos que resultaram nos seguintes tópicos:

O contexto urbano:

Sentidos atribuídos à orfandade;

Trajetórias dos convívios comensais;

Sincronias espaciais dos convívios comensais;

Ritmos temporais dos convívios comensais;

Adaptabilidade aplicada ao estudo de convívios comensais;

Percepção de risco e estratégias comensais em contexto do HIV/AIDS;

Meninas órfãs herdeiras do cuidado:

Meninas órfãs guardiãs da memória culinária.

### 3.2 Metodologia da abordagem quantitativa

A questão do padrão de convívio comensal foi investigada por meio de estudo transversal que utilizou dados da Pesquisa Temática intitulada "Estigma e discriminação relacionados ao HIV/AIDS" conduzido por França-Jr, (2005) junto a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP). O projeto de pesquisa maior (Estigma e Discriminação) foi financiado com recursos públicos através do CNPq/Processo nº 476210/2004-6 e pela FAPESP/Processo nº 2003/10883-5.

A equipe de pesquisa foi composta por pesquisadores da Universidade de São Paulo (Faculdade de Saúde Pública, da Faculdade de Medicina, do Departamento de Nutrição, do Instituto de Psicologia, do Departamento de Epidemiologia) e da Harvard School of Public Health.

O estudo maior foi realizado com crianças e jovens que perderam os pais em decorrência do adoecimento e morte pelo HIV/AIDS em São Paulo. Para o estudo do padrão de convívio foram utilizados apenas os dados coletados com jovens de 15 a 24 anos.

O estudo foi executado em duas fases, sendo a primeira abordagem de natureza qualitativa e a segunda de natureza quantitativa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da FSP/USP através do Ofício COEP/089 – R/07 – Protocolo 1649. Enquanto que, o projeto temático sobre padrão de convívio comensal ou comensalidade contou com Bolsa de estudo CNPq/Processo nº 140845/2007/0 durante o ano de 2007 a 2008 e recebeu o prêmio Santander/USP em 2007 para estagiar sob tutoria do Dr. Jesús Contreras no "Observatorio de La Alimentación" da Faculdade de Geografia e História na Universidade de Barcelona.

Para utilização do banco de dados e do corpus da pesquisa qualitativa, a pesquisadora possui um documento de autorização assinado pelo Coordenador da Pesquisa, Dr. Ivan França Junior, membro do Comitê de Orientação do presente estudo.

Para o estudo quantitativo, elaborou-se dentro do formulário sócio demográfico da Pesquisa Temática, um conjunto de questões pertinentes ao padrão alimentar dos jovens órfãos, incluindo as práticas de comensalidade familiar de

modo que permitisse medir as frequências dos eventos identificados na fase qualitativa (Apêndice B).

A população de estudo foi composta por 276 jovens órfãos menores de 24 anos, residentes no município de São Paulo, cujo pai ou mãe faleceu por AIDS. Uma das grandes dificuldades no planejamento dessa amostra foi a ausência de cadastro e informações de números oficiais desses órfãos. A estratégia adotada para encontrar a população de estudo foi utilizar o endereço do óbito, no mínimo 18 anos, disponível na base de dados do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) para rastrear os órfãos do município. Por meio de cruzamento com a base de endereço e bairro dos Correios foi possível determinar o CEP para 96% dos óbitos por AIDS.

Foi adotado o Plano Complexo de Amostragem (SILVA, 2000) que envolve a estratificação geográfica de conglomerados. Os quatro primeiros dígitos do CEP foram agrupados de acordo com a proximidade geográfica, formando assim os conglomerados. Dessa maneira, a unidade primária de amostragem foi composta por grupos de CEP para fins de sorteio.

A base de dados do Sistema de Informação de Mortalidade do Município de São Paulo, no período de 2000 a 2004, constituiu o cadastro de elementos para o sorteio da amostra. Nesta base foram selecionados os óbitos maiores de 18 anos cuja causa de morte tenha sido por AIDS, formando assim um arquivo de cadastros. A informação do CEP foi incorporada a esses arquivos de dados por meio de cruzamento da base de endereços dos Correios, sendo encontrados 96% dos CEPS dos falecidos por AIDS.

A unidade primária de amostragem (UPA) é composta por um conjunto de CEP formado pelos quatro primeiros dígitos. Nesse estágio os óbitos por AIDS (5.850) estão distribuídos em 124 UPAs. E cada UPA era composta em média de 45 óbitos por AIDS. O resultado de campo apresentou perdas devido a endereço não localizado, desconhecimento do falecido (a) e do fato de ter deixado filhos, ocasionando 26% das perdas. A amostra final totalizou 2.071 endereços.

O procedimento usual no tratamento de ausência de resposta é o ajuste da distribuição dos respondentes para população total do estudo por meio de utilização de peso, denominado peso de não resposta. Este peso é construído a partir de uma ou mais variáveis disponíveis para os respondentes e não respondentes, e que sejam correlacionadas com as variáveis investigadas (KISH, 1992; KALTON, 1983; KORN, 1999).

A variável localidade geográfica, traduzida pelos quatro primeiros dígitos do CEP, mostrou-se correlacionada com outras variáveis investigadas no estudo maior. Assim, os nove estratos de não resposta foram construídos a partir do agrupamento do CEP em 9 regiões do município de São Paulo, conforme ilustra a Figura 1.

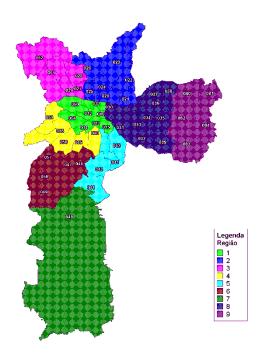


Figura 1 - Distribuição dos endereços segundo os 4 primeiros dígitos do CEP

O peso de não resposta é calculado pela expressão:  $p_h = \frac{N_h}{n_h}$ , 4

O numerador é o total de órfãos na amostra do h-ésimo estrato e o denominador é número de órfãos entrevistados do h-ésimo estrato. Sendo que N h é a soma dos órfãos localizados e o número de órfãos estimados pelo modelo Poisson.

O peso final é dado pela expressão:  $w_h = \frac{1}{f} \cdot p_h$ .

Dentre os 789 endereços de falecidos que não deixaram órfãos o modelo estimou 664 (84%) corretamente. E dos 396 óbitos com pelo menos um jovem órfão, o modelo estimou 279 (71%) óbitos com pelo menos um jovem órfão. O acerto médio do modelo foi igual a 80%. E, portanto, resultou numa amostra probabilística

composta por 276 jovens, com idade entre 15 a 24 anos, com residência em São Paulo.

O rastreamento da amostra ocorreu por meio de visitas domiciliares, com uso de formulário identificado com o nome da pessoa falecida, sua data de nascimento, data de óbito e endereço. Ao identificar os domicílios, os entrevistadores de campo perguntavam aos moradores ou vizinhos se conheciam a pessoa falecida e, em caso positivo, sobre a existência de possíveis órfãos, seus nomes, idade e local de residência para aplicar o formulário estruturado contendo a parte sócio demográfica e o específico versando sobre os convívios comensais ou comensalidade.

A realização da fase domiciliar da pesquisa Estigma e Discriminação foi planejada com vistas a preservar a confidencialidade e o direito à privacidade dos sujeitos envolvidos. Assim, o processo de rastreamento e de coleta de dados tem sido cuidadoso no sentido de assegurar que somente o jovem conheça os objetivos e instrumentos da pesquisa. As equipes de campo foram orientadas a informar que se pretende estudar a "saúde de jovens" com 15 a 24 anos que perderam algum de seus pais e foram sorteados, aleatoriamente, com base em dados do IBGE. Os mesmos cuidados também foram tomados na elaboração de crachás e na confecção de adesivo usado para identificar os automóveis usados para transportar os entrevistadores durante o processo de rastreamento dos jovens. As entrevistas foram conduzidas em locais privativos, nos quais permaneciam somente o jovem e o entrevistador. Foi vedada qualquer forma de contato indireto, seja por telefone, carta ou recados com pessoas próximas ao jovem. Portanto, o contato de comunicação foi mantido diretamente com o jovem.

A forma de contato com os jovens variou em função da idade. Jovens com 18 a 24 anos de idade foram contatados diretamente sem intermediação de seus cuidadores ou responsáveis. Jovens com idade entre 15 e 18 anos foram abordados somente após a concordância do cuidador ou responsável e a verificação de que o jovem sabia da condição sorológica própria ou de seus pais. Não foram entrevistados jovens entre 15 e 18 anos que desconheciam a condição sorológica própria ou a de seus pais.

Em todos os casos, assegurou-se participação voluntária mediante concordância, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Assentimento, elaborados em conformidade à Resolução 196 do

Ministério da Saúde (1996). Assim, os participantes foram avisados que poderiam deixar o estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo assistencial ou de qualquer outra ordem, contando com reembolso pelas despesas com transporte e alimentação em razão da pesquisa.

Todos os materiais relativos aos sujeitos, formulários e bancos de dados têm sido mantidos trancados à chave no escritório da coordenação da pesquisa. Dados pessoais dos entrevistadores somente são conhecidos pelo coordenador e pelos membros da equipe. Todos os projetos de pesquisa foram submetidos e aprovados pelos Comitês de Ética da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e pelos Programas de DST/AIDS de São Paulo, do Município e do Estado.

Os dados são provenientes da pesquisa Comensalidade de jovens órfãos pela AIDS e foram obtidos durante visitação domiciliar. As questões com vistas a apreender a comensalidade encontram-se em formulário estruturado, parte integrante do instrumento sócio demográfico, cuja aplicação se deu pelos entrevistadores selecionados e, especialmente, treinados para abordar o tema em entrevista com os jovens.

Para apreender os dados da fase quantitativa foi necessário desenvolver um instrumento de coleta interdisciplinar entre saúde pública e antropologia da alimentação que permitisse apreender, inclusive o repertório de alimentos consumido pelos jovens (Apêndice B).

O repertório alimentar foi codificado a partir de adaptação do questionário de frequência alimentar de jovens desenvolvido e validado por Villar (2001, p. 39), que permitiu criar um código numérico para cada alimento facilitando a digitação. Para análise dos dados foram levados em conta aspectos da Nutrição e da Antropologia da Alimentação em relação à proveniência dos alimentos (alimentos da terra, industrializados e/ou *fast food*) e a preparação em forma de refeição completa ou abreviada.

Previamente, foram realizadas análises descritivas dos dados com distribuição de frequências. Para testes de hipóteses, foi utilizado o teste de Rao Scott para diferenças entre proporções. Os testes foram conduzidos em nível de significância de 5% e poder de teste de 80%. Para realização destas análises utilizou-se do programa STATA (2010).

O formulário contendo as questões da comensalidade foi testado quanto à clareza da linguagem e facilidade de aplicação por entrevistadores selecionados e treinados especificamente para lidar com as especificidades éticas desta pesquisa.

Os dados provenientes dos formulários foram registrados em banco de dados compatível ao programa STATA (2010). Os dados referentes à comensalidade foram codificados de modo padronizado pela própria pesquisadora fazendo uso de uma etiqueta especialmente desenvolvida para atender o rigor na hora da digitação.

A análise dos dados quantitativos serviu para descrever a população em relação aos aspectos sócio demográficos e para identificar o padrão de convívio comensal dos jovens órfãos pela AIDS, bem como para analisar os aspectos condicionantes da realização de refeições familiares com jovens. Portanto, considerou-se como variável dependente a refeição com a família. Refeição familiar era equivalente à prática de comer na presença de, pelo menos, um membro da família consanguínea ou cônjuge. As variáveis que mediram os convívios comensais incluíram, além das companhias familiares, a companhia de amigos, o comer a sós e o "pulo" de refeições era relativo ao não realizar a refeição, quando o jovem relatou alimentar-se somente no período de refeição seguinte.

Em relação à temporalidade, os convívios comensais em refeições dos jovens órfãos foram analisados em duas categorias: primeiramente obedecendo a ideia de calendário proposta por Montanari (2008, p. 131), categorizados pelo contraste em semana e final de semana (sábado e domingo) e, a segunda, em ritmos diários orquestrados em três subcategorias: o café da manhã, o almoço e o jantar.

Os locais das refeições familiares incluíram: em casa e fora de casa e a forma de apresentação das refeições em relação ao grau de elaboração ou preparo em forma de refeição completa e ou abreviada.

Tanto os ritmos temporais, quanto as sincronias espaciais que deram margem a reconstrução das refeições e dos convívios, foram reconstruídos de acordo com a ideia de subdividir o fenômeno da alimentação em certas dimensões, conforme propôs Herpin (1988, p. 503). As demais variáveis explanatórias compreenderam:

- Idade: subdivida em faixas etárias de 15 a 18 anos e de 19 a 24 anos;
- Sexo: masculino e feminino;
- Cor da pele: branca, preta e parda/amarela;
- Estado civil: solteiro e casado/unido consensualmente;

- Escolaridade: último ano de frequência escolar: 1°, 2° e 3° graus;
- Trabalho remunerado fora do lar: classificada em sim ou não;
- Religião: evangélica, católica e outras;
- Orfandade: (materna, paterna e ou dupla);
- Coabitação: morar com familiar ou sem familiar;
- Cuidador: familiar, autonomia para se cuidar e
- Autonomia para preparar alimentos: sempre/às vezes e nunca/raramente.

Posteriormente, as variáveis selecionadas subsidiaram a realização de testes estatísticos para verificar associação entre condicionantes sociais e participação do jovem em refeições familiares que subsidiaram os resultados descritivos e analíticos dos resultados quantitativos organizados da seguinte forma:

Perfil sócio demográfico da amostra de jovens;

Padrão de convívio comensal dos jovens órfãos pela AIDS;

Ritmos temporais e o papel estruturante da refeição na família;

Aspectos condicionantes das refeições de jovens com seus familiares e

Frequências de refeições familiares e benefícios para o jovem.

# 3.3 Referências instrumentais para o estudo de refeições

Refeições familiares são fontes de nutrição e oportunidades de comunicação entre os membros da família. O bom funcionamento das refeições em família é uma indicação de que a família vai bem, e vice-versa (KUSANO-TSUNOH et al., 2001, p. 121). Refeições familiares tem sido objeto de estudo interdisciplinar para apreender tanto os efeitos biológicos, quanto sociais da alimentação em contextos urbanos ou industriais e rurais.

Na década de 70, um grupo de pesquisadores utilizou-se de um questionário, numa área rural de Oklahoma, nos EUA, para obter informações de 322 jovens, em idade escolar, sobre seus pais e sobre as relações entre eles; sobre as atitudes dos alunos, direção e realização no ensino médio e sobre suas expectativas futuras (ALLEN et al., 1970). O convívio comensal em família foi medido com base na realização de refeições, preferências alimentares, percepção de saúde e

desempenho acadêmico. O grau de comensalidade familiar foi relacionado não só em relação ao aumento da preferência pelo gosto da comida e adequação da dieta, mas também para a saúde e o desempenho acadêmico. Preferência alimentar e adequação da dieta foram ambos correlacionados com habilidades acadêmicas, trabalho de avaliação, a expectativa do sucesso e na preparação para a universidade. Observou-se assim, que a refeição familiar foi o fator mais influente em relação aos demais fatores nutricionais (ALLEN et al. 1970, p. 333).

Com base nas respostas de adolescentes, um outro grupo de pesquisa desenvolveu escalas para possibilitar a quantificação desses comportamentos: (1) uma Escala de Pontuação da Atividade Alimentar com a Família, tais como alimentação, planejamento, compras, preparação e limpeza, em que as meninas e pelo menos um outro membro da família participaram, e (2) uma Escala de Pontuação da Estrutura da Família para quantificar a percepção das meninas para receber elogios, disciplina, incentivo, confidências e problemas, ou estar em acordo sobre a maioria dos assuntos com os membros da família (HERTZLER et al., 1976, p. 92). Como resultados, observou-se que, entre garotas com baixa pontuação nas atividades alimentares com a família ocorreu uma correlação com anemia e desconhecimento de alimentos contendo ferro, bem como com baixa frequência na ingestão dos mesmos. Entretanto, em relação às garotas que receberam altas pontuações no escore de atividades alimentares com a família, pequena ou nenhuma correlação anemia foi identificada (HERTZLER et al., 1976, p. 92). Estes resultados sugerem que o conhecimento nutricional e estabilidade da família, a unidade, ou comunicação, são fatores importantes nos hábitos alimentares de adolescentes (HERTZLER E VAUGHAN, 1979, p. 23).

Com objetivo de avaliar associações entre padrões das refeições da família (frequência, atmosfera de prioridade e a estrutura de refeições da família) e transtornos alimentares (comportamentos obsessivos de controle de peso, compulsão alimentar e dietas crônicas), meninos e meninas adolescentes foram entrevistadas e, ao examinar as associações entre padrões de refeições da família e transtornos alimentares, concluiu-se que, em geral, os adolescentes que relataram prioridade para as refeições da família e uma maior frequência dessas refeições, eram menos propensos a se envolver em transtornos alimentares, além de vivenciarem uma atmosfera positiva e um ambiente mais estruturado (regras,

normas da família) durante as refeições familiares (FULKERSON E NEUMARK-SZTAINER, 2006, p. 526).

Hinton et al. (1962, p. 842) utilizando-se de dados de inventário de aconselhamento familiar de Minnesota, realizaram um estudo sobre hábitos alimentares e relacionamento pessoal de meninas de doze a quatorze anos de idade pertencentes às famílias de lowa. Esses autores observaram que meninas que tiveram alta pontuação nas variáveis 'relacionamento pessoal' e 'conformidade nas relações familiares', perdiam menos as refeições com a família e tinham uma alimentação com mais qualidade. As relações familiares e o amor dos pais (mesmo quando acompanhadas de repreensões) exercem influências importantes sobre os hábitos alimentares, a maturidade do adolescente e ao ajustamento emocional.

Herpin (1988, p. 503) com objetivo de compreender a desestruturação da alimentação contemporânea na França estabeleceu cinco dimensões das tomadas alimentares que correspondem à concentração, a implantação temporal, a sincronização social, a localização e a ritualização. Para isso, foi necessário distinguir a instituição social da refeição familiar em certas dimensões, contribuindo para a objetivação do sistema de tomada alimentar (HERPIN, 1988, p.503). As principais dimensões sugeridas correspondem à concentração ou à organização das tomadas alimentares em refeições como café da manhã, almoço e jantar; sincronização social que designa os pontos de encontro, ao mesmo tempo, dos diferentes membros da família, permitindo-lhe partilhar as refeições; a localização que diz respeito aos lugares onde são realizadas as refeições, em casa ou fora de casa e a ritualização, no sentido de diferenciar refeições abreviadas ou com rituais completos (HERPIN, 1988, p. 503).

# **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

# 4.1 Resultados e discussão da abordagem qualitativa

Antes de percorrer a sincronia dos convívios comensais – encontro no tempo e no espaço – para demonstrar as relações familiares através dos ritmos das refeições, foi conveniente realizar uma breve descrição do contexto onde vivem os jovens para em seguida descrever os sentidos atribuídos por eles a questão da orfandade. Dessa forma, os resultados da análise qualitativa terão o seguinte ordenamento:

O contexto urbano

Sentidos atribuídos à orfandade;

Trajetórias dos convívios comensais;

Sincronias espaciais em refeições com jovens órfãos pela AIDS;

Ritmos temporais de refeições com jovens órfãos pela AIDS;

Adaptabilidade aplicada ao estudo de convívios comensais;

Percepção de risco e estratégias comensais em contexto do HIV/AIDS;

Meninas órfãs herdeiras do cuidado;

Meninas órfãs guardiãs da memória culinária.

### 4.1.1 O contexto da periferia urbana paulistana

Os jovens residem muito distantes das largas avenidas, onde se concentra o local de trabalho, um trajeto diário onde muitos deles balançam seus sonhos dentro de conduções lotadas, em congestionamentos de quilômetros, durante várias horas de seu dia. No bairro, são recebidos pela visão das fiações expostas e precárias, os postes recobertos de anúncios e casas ainda em processo de acabamento. Aos seus ouvidos chega o som do choro constante de crianças pequenas, das televisões vizinhas sintonizadas em novelas e, ao fundo, o latido dos cães.

A fumaça das indústrias próximas às casas torna-se um companheiro constante, impregnando o olfato tanto quanto as roupas nos varais de corda. Ao longe, é possível ouvir o som de serras elétricas, entre outras máquinas trabalhando em ritmo constante. Andando pelas ruas mal pavimentadas, o jovem chega à sua casa, muito possivelmente composta de um único cômodo conjugando o fogão, a

cama e a televisão – o quociente total das opções de lazer daquele lar e, talvez, fazendo às vezes de uma janela quando as paredes se erguem ininterruptas.

Entretanto, é possível que a casa tenha mais ambientes, ao preço de, em geral, morar junto de avós ou tios, todos dividindo as pequenas instalações e as despesas. As crianças talvez brinquem na rua, pois os quintais são raros quando há tamanha disputa pelo espaço para a construção de outro cômodo conjugado. Por conta disso, o espaço para diversão, para tomar sol é compartilhado com outras crianças em um núcleo comum às casas adjacentes.

A televisão às vezes assumia o espaço da janela e de certa forma substituía o quintal. Ora aquecendo, ora refrescando. O quintal quando existia era sempre compartilhado pelas várias casas dos familiares e cuidadores. Ruídos de pombos, cães latindo, barulho de motores, música ao fundo, chamados de parentes em busca de objetos emprestados, choro de crianças menores e goteiras da chuva pelo telhado caracterizavam o cenário onde foram realizadas as entrevistas.

Então, já dentro, irá trancar sua porta ao mundo externo. Menos uma medida de segurança e mais uma medida de privacidade, pois, na ausência da tranca, os vizinhos tendem a entrar sem cerimônia, utilizando-se do espaço e abrindo a geladeira como se o lugar fosse uma continuidade de suas próprias casas. E é nesse cenário que as sincronias de convívios se desenrolam.

#### 4.1.2 Sentidos atribuídos à orfandade

Parece existir um contexto propenso ao individualismo, em tempos de globalização onde reina a pressa e a velocidade de comunicação, bilhões de bits de informação estão dando a volta no globo a cada segundo, há uma óbvia tendência a tornar todos os eventos desagradáveis da vida efêmeros. Entretanto, a velocidade ao se lidar com algo não o torna menor. Pois, enquanto a sociedade como um todo apaga cenas desconfortáveis da memória, uma pequena parcela de jovens se torna órfã numa fase que ainda são incapazes de lidar sozinhos com seus revezes, em meio a invisibilidade pretendida pela sociedade.

Assim, tão logo os pais mortos são esquecidos, seus filhos e seu sofrimento também são. Para o conforto mental de todos, eles são inseridos numa classificação arbitrária de "órfão", e perde sua base mais importante, sua noção de família, de

identidade e, caso sejam enviadas aos abrigos, sua casa e amigos também se tornam passado. Os pais representam proteção e amparo, além de indicarem o caminho. Sem sua presença, os filhos são impelidos numa independência forçada e têm de descobrir sua identidade mais rapidamente ainda, pois se não o fizerem, os outros simplesmente decidirão por eles:

Perdeu o pai e a mãe, já era! Esse vai ser bandido'. Minha tia falava: 'Imagine essa menina sem o pai, sem a mãe, o que vai ser dela? Vai ser uma ladrona! Vai ser uma vagabunda (Elis).

Neste depoimento, a luta da órfã contra o estereótipo que a própria família lhe lançou é claramente visível. Além de definir sua personalidade, ela necessita se confrontar com a personalidade que os outros esperam dela e decidir se isso é válido ou não. No plano visível à sociedade, há a carga emocional de aprender a lidar com o luto. Trata-se de apenas uma faceta da orfandade e, entretanto, é aquela responsável por toda a atenção e ajuda que receberão, ainda que sejam de curta duração, logo antes que a situação-problema seja esquecida. E, ao fim desse curto período de tempo, surgem as dimensões mais definitivas da orfandade, tão ou mais complexas que a primeira, embora sejam ignorados pela grande maioria, obrigando os próprios jovens a descobrirem um meio de superá-las sozinhos.

Quem ajuda é só minha avó mesmo. É eu mesmo que tenho que me ajudar mesmo, entendeu? Se você não se ajudar, ninguém te ajuda (Norberto).

E, assim, muitos irão chegar à conclusão de que o sentimento gerado pela orfandade é, à sua própria maneira, insuperável. Eles são apresentados às misérias da vida cedo demais, e têm de superar isso mais cedo ainda, antes que se percam no caminho. Muitos são obrigados a serem independentes pela necessidade, pois não há mais um pai ou uma mãe para adiar esse aprendizado:

Um órfão para encontrar a felicidade é ruim. O órfão recebe a vida muito cedo. Muito cedo, a vida como ela é, relata Adelmo.

Então ser órfão não é bom, porque os medos são maiores, as inseguranças maiores ainda, porque quando temos os pais tem a orientação, tem os exemplos. Outras pessoas querem o nosso bem, mas não tanto quanto os pais, então ser órfão é difícil acrescenta Letícia.

Uma das perdas mais sentidas pode ser atribuída à falta da motivação para estudar. Ao analisar a relação desses jovens com os estudos, com o ambiente

escolar, e as diferenças percebidas entre sua vida acadêmica real e como esta poderia ser, caso ainda tivessem seus pais para encorajá-los a estudar é notória. Muitos deles moram com os avós que, muitas vezes, não tiveram acesso aos estudos por si mesmos e, assim, acabam não dando a devida importância ao assunto com os netos; para criar alguém seria necessário apenas alimentá-lo e lhe dar um teto. Se eles tiverem algum plano, algum sonho possivelmente terá de persegui-lo por sua própria conta, sem contar com o suporte emocional e financeiro que os pais poderiam lhe oferecer.

Pro meu vô, ir pra escola, tanto faz como fez... Que ele cria uma criança só dando comida. Tá bem alimentado, tá bom (Antonieta).

Fim de ano, seu pai está vivo e você está desempregado, seu pai te compra roupa. Se não tem pai, você vai ficar sem roupa (Norberto).

Recolhendo os depoimentos sobre suas aspirações para o futuro, desenhamse certos padrões. A maioria deseja conseguir um diploma do Ensino Superior, trabalhar e construir uma carreira, antes de se dedicar a qualquer outra área da vida; há um desejo geral de ter segurança profissional antes de tentar voos mais ousados.

Com vinte e nove [anos] vou tá trabalhando, ter uma namorada. Sem casar, sem filhos. Dizem que a vida começa depois dos quarenta, então vamos aproveitar (Humberto).

# Quais são os sonhos e planos para sua vida?

Nesse ínterim, alguns expressaram a vontade de viajar pelo mundo, adquirindo o conhecimento de outras culturas e idiomas. Em comum, há uma aparente preferência pelo desenvolvimento intelectual em primeiro plano, simultâneo ao descobrimento da independência – morando sozinhos, tendo um carro.

Eu quero ter uma casa, quero ser, assim, bem financeiramente... Ter uma casa, ter uma família. Mas antes disso quero morar num apartamento com minhas amigas, fazer faculdade (Antonieta).

Entretanto, eles não deixaram de mostrar o anseio por uma família, um lar – assim que considerassem suas vidas estáveis e sem necessitarem da ajuda dos familiares. Tais planos apontam para a compra de uma casa própria, um casamento e daí os filhos. Surgem então desejos específicos sobre a educação das crianças e o convívio familiar:

Pretendo com certeza montar uma família, ter uns três filhos. Ser bem sucedido com a minha esposa. Tratar ela bem. Ter minha casa mesmo, própria com meu dinheiro, do meu jeito. O meu carro. Ver meus filhos ir pra escola, levar eles pra escola (Norberto).

Na outra mão, há aqueles que, no momento da entrevista, já se encontravam casados, com filhos e tentando manter a família. Nesse caso, seus planos tornam-se mais abrangentes e são projetados para o horizonte dos filhos – lazer para toda a família, uma poupança para a segurança de todos – e os estudos passam para o segundo plano.

Hoje em dia já é diferente, meu futuro é o futuro do meu filho. Tipo: ele crescer, ele ter um bom estudo, boa carreira. Agora meu futuro virou o futuro do meu filho (Olga).

A novidade do presente, a vivencia de algo inédito parece não existir na trajetória de alguns jovens, pois o cotidiano lhes parece apenas repetitivo:

Dormir e acordar cedo amanhã e repetir tudo de novo, a mesma coisa, não muda nunca (Paulo).

Não tenho dia diferente. Só é diferente quando saio para procurar emprego (Norberto).

Por outro lado, o grupo mais afetado pela morte dos pais tende a ser o mais jovem e do sexo feminino. A rotina incansável se ajusta à tendência de querer ocupar a mente o tempo todo. Mas enquanto os meninos sentem necessidade de buscar ocupação ininterrupta, as meninas sequer precisam buscar tarefas porque parecem herdar uma rotina incansável de cuidado.

Dia especial só quando eu tive meus filhos e não tem mais nada (Luiza).

A perda de um dos pais é um evento que altera drasticamente o cotidiano daqueles que ficam, principalmente se o caso for a perda da mãe que, em geral, concentra em si o resumo da rotina de uma casa, o cuidado com a alimentação de seus habitantes; a delegação de atividades funciona em relação ao membro da família que trabalha fora. Aquele que não trabalha assume as tarefas do lar:

Como eu não 'tô' trabalhando, eu levanto, faço café todo dia, busco pão, manteiga, tudo. Eu me arrumo, arrumo a casa, porque agora eu não 'tô' trabalhando (Fátima).

As tarefas são redistribuídas e muitos jovens órfãos se tornam extremamente ocupados, beirando um estado de estresse, onde parecem nunca conseguir interromper suas atividades:

Eu levanto e toda vez que levanto eu tomo um café, depois eu tomo banho. Vou trabalhar e quando não tem movimento eu volto. Às vezes eu faço comida, ajudo minha irmã a limpar a casa. Eu vou dormir umas quatro horas da madrugada. Fico comendo e andando pelas ruas. Eu como aqui, eu brinco, jogo baralho, jogo dominó, escuto música (Gabriel).

Manter-se ocupado também é uma forma de estar em companhia e de evitar o sofrimento:

Vou trabalhar, chego e me alimento. Tomo banho, saio de casa, vou me distrair ou fazer alguma coisa, mas não fico parado. Na maioria das vezes eu durmo no computador. Eu acordo e durmo ocupado (Adelmo).

Assim, eles podem tornar-se gratos ao excesso de atividades, pois tendem a sentirem-se solitários e melancólicos ao enfrentarem o ócio; a sensação de perda e de luto parece mais distante se a vida estiver incessantemente ocupada, como relata Adelmo:

Em casa eu não paro, tem hora, de um horário para outro, eu não vejo ninguém, eu fico agoniado. A partir do momento que eu for ficar parado, que eu não for fazer alguma coisa, eu tô sofrendo. Eu achava que tinha órfão feliz. Não. Tem órfão distraído. Distraído é internauta ou, então, que se enche nos estudos.

Em contrapartida à fuga do sentimento de perda exercida por alguns, o resgate da memória mostrou-se uma atividade constante dos jovens órfãos. Esses jovens ousam sonhar e voltar a um passado em que a vida era ótima.

Minha infância sempre foi boa. Eu morava com meu pai. Morava com a minha mãe. Foi ótima (Olga).

Eh, porque tudo que eu pedia pra ela, eu era muito pequenininha, então, tudo que eu pedia ela me dava (Diana).

Mauss (2003, p. 383), empregou diferentes categorias para o conceito de pessoa. Uma delas tratava-se da pessoa enquanto categoria do espírito humano. E, de alguma forma, se pretendêssemos atribuir uma personalidade à palavra órfão,

essa estaria relacionada às possibilidades não concretizadas devido à ausência dos pais e pelas faltas sentidas e atribuídas às perdas de horizontes.

### 4.1.3 Trajetórias dos convívios comensais

Tomando a temporalidade como algo linear é possível imaginar as sincronias de convívios enquanto experiências únicas ordenadas de modo retilíneo ao longo da trajetória de vida dos jovens órfãos:

No orfanato eu ficava num quarto isolado. Era separado, era uma salinha de vídeo. Eu ficava lá dentro, dormia lá dentro, sozinho. E eles me tratavam com luva, duas luvas, máscara, toquinha (Humberto).

Tinha que comer não, eles queriam que eu comesse. Era do meio-dia até meia-noite, que eu ficava com o prato de comida, mas eu não comia. Eu olhava aquele chuchu, gente, minha barriga, argh! (Gabriel).

A trajetória representa a mudança temporal na maneira como as pessoas constroem identidades e gerenciam interações. O conceito de trajetória pode ser usado para descrever padrões temporais de relacionamentos, aparência, saúde, habitação e outros domínios da vida (SOBAL et al. 2002, p. 378). Pela proposta de Sobal (2002 p.378) é possível apreender trajetória a partir dos convívios para refeição.

Ao se depararem com a orfandade, os jovens passam por grandes mudanças em suas trajetórias comensais. Entre alguns jovens órfãos, a trajetória comensal iniciou na instituição, sendo retratada como uma experiência negativa, onde a forma de ofertar a comida, bem como o cardápio e a ausência de companhias serviram para ilustrar a dimensão hostil nos momentos da refeição.

A hora da refeição, é o momento de recordar o registro temporal da trajetória, no caso, o retrato da segregação na infância do órfão institucionalizado. Estudo conduzido na Rússia, por exemplo, revelou que orfanatos especializados em HIV-AIDS ainda mantêm áreas isoladas, onde o único acesso ao mundo externo é uma enfermeira vestindo luvas de látex para alimentá-los (HRW, 2005 p. 11). Segregação, estigma e discriminação é mais impactante quando o órfão é soropositivo para o HIV/AIDS.

Trajetórias comensais são relações de parcerias estabelecidas para comer ao longo do tempo. Estender o conceito de trajetória para refeição fornece

oportunidades para examinar como as relações com os parceiros na hora de comer refletem diferentes organizações sociais das pessoas. Trajetória comensal pode ser visto como um componente do domínio maior daquilo que tem sido denominado "comer" (SOBAL E NELSON, 2003, p. 181).

Contudo, trajetórias comensais, segundo Sobal et al. (2002 p.378), incluem experiências e expectativas trazidas para o novo convívio, desejos, ideais e aspirações desenvolvidos no passado para interpretar o presente e planejar o futuro. Algumas pessoas tinham planos que incluíam cenários onde anteviam cenas de comensalidade familiar, tendo comprado uma casa ou com filhos (SOBAL et al., 2002, p.378). Esses achados se assemelham aos planos para o futuro descritos pelos jovens órfãos do presente estudo:

Vai ser legal com 20 anos! A gente acorda atrasada pra ir pra faculdade. Uma correria. Aí uma tomando o café da manhã. E a gente lá na cozinha, derrubando suco (Antonieta).

A gente [família], tipo final de semana, a gente ia sair assim para uma praça, ia lanchar, numa lanchonete ou então ir para um clube (Marina).

As configurações dos convívios comensais dão vida à trajetória. Comer junto de quem se ama seria mais ou menos como dar cor à fotografia em preto e branco da infância. Dar sabor e sentidos à trajetória, temperos à cotidianidade sem gosto do presente. Estão orquestrados cotidianamente de modo dinâmico no contexto urbano (espaço e temporalidade) em sincronismos para comer e conviver. O registro do cotidiano é uma forma de tornar visíveis as trajetórias destes jovens órfãos que se adaptam aos convívios em contexto urbano.

#### 4.1.4 Sincronias espaciais de refeições com jovens órfãos pela AIDS

A sincronia dos convívios comensais – encontro no tempo e no espaço – refletem as relações familiares e, de certa forma, os ritmos das refeições convertemse nas estruturas de convívios das famílias dos jovens. Os depoimentos aqui contidos tratam da cotidianidade destes jovens, com ênfase nos aspectos comensais, como forma de entender suas dinâmicas de convívio e estabelece-las no espaço e tempo.

A família é o mais importante núcleo de convivência e a casa é o primeiro ambiente de contato, onde ocorre os desencadeamentos de convívios em torno da

refeição. Entendendo a Refeição Familiar como uma das práticas que motiva a estrutura e ao mesmo tempo converte-se na própria estrutura do grupo familiar, em sincronias espaciais (1) e ritmos temporais (2). As refeições são estruturantes para a rotina familiar e em maior escala para a sociedade. Arrumar a mesa, ter que alimentar alguém ou até mesmo esperar ser alimentado por alguém favorece a continuidade da vida e implica determinado esforço e interação na organização dos arranjos familiares que se dão na materialização rotineira, de reprodução habitual do gosto pela comida e companhia às refeições.

As refeições são momentos organizados no espaço e coincide com o ponto de entrada para descrever os convívios e investigar a função da refeição no sentido de ajustar a "moral" da família e "de certa forma" prover a "adaptação" através da proteção social do jovem órfão no contexto urbano. Os espaços serão percorridos em busca da coletânea de convívios e sustentos na hora da refeição em ambiente familiar.

Os espaços sociais compartilhados pelos jovens órfãos, em suas rotinas e descobertas comensais, foram designados como sendo o espaço de convívios comensais com familiares, amigos e colegas de escola. Em todos estes convívios, a alimentação foi percorrida não apenas enquanto necessidade, mas como motivação de sociabilidade.

A televisão concentra o núcleo da interação familiar, um papel simbólico na companhia. Geralmente por ter sido apresentada pela mãe. Ou porque assistia televisão em companhia materna. É uma forma de companhia virtual que tinha o consentimento da mãe quando era viva. A presença materna legitima a instituição do "hábito" no cotidiano dos jovens.

Nossa, porque sempre foi assim, minha mãe sempre chamava a gente. Que a gente sempre gostava de assistir televisão, né? Quando minha mãe fazia, ela acostumou a gente assim, a gente ficava assistindo no quarto, a gente subia com o prato (Penélope).

A gente gostava muito de sair juntas. É, tipo, ela pensava desse jeito, ia ao mercado e comprava um monte de besteira. Ficava até tarde vendo televisão, comendo chocolate. Era, era mó legal, assim, sabe? (Diana).

A refeição familiar à mesa tende a ser substituída pelo comer em frente da televisão, um costume possivelmente adquirido em companhia da mãe, conforme relembra Diana:

Aí minha avó fica: "Diana, levanta". Aí eu acordo, vou, escovo os dentes, tomo café, aí eu fico vendo TV. Vendo, eu adoro ver desenho. Aí eu fico vendo desenho, lá. Ela fala que eu pareço criança. Que eu pego um café da manhã, vou e fico sentada lá, enrolada no edredom, vendo TV, televisão (Diana).

A realização da refeição também tende a ocorrer como um pequeno ponto de união em frente à televisão: "A gente senta aqui na cama e fica comendo e assistindo. A maioria das vezes a gente fica assistindo filme" conta Marina. Da mesma forma que abandonaram o hábito de sentar-se à mesa, substituindo-o pelo sentar-se à televisão, atualmente a tecnologia no preparo de alimentos no forno micro-ondas caracteriza o ambiente doméstico que irrompe em meio ao cotidiano dos jovens.

A televisão ocupa, durante o jantar em família, a tarefa de foco, ou seja, de aquecer e unir, alusão simbólica ao calor da lareira de tempos de outrora. A palavra "foco" deriva "lareira". Dessa maneira, televisão praticamente substitui a tarefa de foco da lareira, de união em torno da mesa; mas compete com a companhia e com a comida pelo sentido, pois o comensal contemporâneo precisa depositar toda a atenção para acompanhar os enredos. A refeição à mesa torna-se cada vez mais rara, conforme as companhias vão sendo substituídas pela televisão, pelo computador e pelo consumo de "besteiras", conforme descreveram:

Aí depois eu entro, ele entra e eu fico, às vezes, vendo um pouco de TV, fico comendo besteira (Diana);

Às vezes eu fico com fome já acordo comendo besteira e eu fico sem fome. Bolacha, bolacha recheada, pipoca e assisto televisão (Isabel).

A descrição do cotidiano do jovem remete a diversos espaços que se diferem não apenas pelas diferenças territoriais, mas também pela convivência.

Depois volto e almoço. Na hora do almoço tá a família inteira na hora do almoço. Às vezes a gente almoça na barraca da minha avó. Ela é feirante. Tem amigo da família (da Bahia) que vem pra cá sempre. Quase todo dia tá aqui (Norberto).

O convívio comensal é o que promove a estrutura das relações familiares. A comida do almoço, o compromisso da refeição, a pausa temporal para restaurar as forças, se converte na própria estrutura do indivíduo. Da mesma forma que o sustento corporal advém do abdômen, "saco vazio não para de pé" reza o ditado

popular, o vínculo familiar é produzido e reproduzido em convívio comensal diário às refeições.

Comer junto de outras pessoas é divertido e faz as pessoas comerem mais. Também promove a superação de brigas e inimizades, pois, como amigos e famílias partilham a comida, a ação de comer junto pode ritualmente expressar o que se faz, partilha e desfruta em comum; portanto, significa que as hostilidades serão deixadas de lado (VISSER, 1998 p. 85).

No grupo de jovens, a família foi a mais frequente companhia comensal durante as refeições. E isso é particularmente importante para esse grupo de jovens porque as refeições familiares exercem um papel estruturante dos convívios. É na refeição que a família institui a moral, ou seja, é quando o conjunto de regras e hábitos vão sendo instituídos em nome do grupo.

Habituar-se deriva de *habitus*, definido por (BOURDIEU, 2008, p.162) como "o princípio gerador de práticas classificáveis e, ao mesmo tempo, o sistema de classificação de tais práticas". Na relação entre as duas capacidades, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2008, p.162). As refeições diárias com a família promovem ações conciliadoras dos hábitos dos membros e com isso asseguram os convívios."O simples fato de compartir a comida fortalece a identidade e os vínculos familiares através da transmissão de uma série de padrões de conduta" (VILLARES; SEGOVIA, 2006, p.554).

A refeição em família operacionaliza o princípio da cooperação da vida em sociedade. Para Maturana (2002b) equivale a dizer que a refeição exerce o *papel fundante da cooperação* ou seja, os convívios condicionam as interações cooperativas a favor do sistema social:

Para que um sistema social exista deve ocorrer a recorrência das interações que resultam na coordenação condutual de seus membros; quer dizer, deve ocorrer a recorrência de interações cooperativas. A recorrência de interações cooperativas é sempre expressão do operar dos seres vivos participantes em um domínio de acoplamento estrutural recíproco e durará tanto quanto este dure (MATURANA, 2002b, p. 76)

As refeições ditam os estilos de vida e dos convívios que se estabelecem pela rotina diária, cotidianamente. Segundo Heller (2008, p. 34):

A vida cotidiana não está 'fora' da história, mas no 'centro' do acontecer histórico: é a verdadeira 'essência' da substância social (...) toda grande façanha histórica torna-se particular e histórica graças a seu posterior efeito na cotidianidade (HELLER, 2008, p. 34).

Padrões de conduta, costumes que são repetidos no cotidiano da vida vão se transformando em regras e normas passam a reger os convívios sociais. Para Maturana (2002b), as condutas dos membros definem o grupo, eliminando dele todos aqueles que não têm condutas apropriadas e confirmando como membros todos aqueles que as têm. Ainda segundo Maturana, (2002b) isso se deve à natureza constitutivamente conservadora dos sistemas sociais, inclusive do grupo familiar:

Se os sistemas sociais são constitutivamente conservadores, então isso também ocorre no domínio social humano. Os membros de qualquer sociedade humana realizam essa sociedade com sua conduta e, com ela, continuamente selecionam em seus membros, antigos e novos, essas mesmas condutas (comportamentos) afirma Maturana (2002b, p. 78).

A refeição familiar tem o mesmo efeito modelador e moderador do ambiente familiar conforme Câmara Cascudo a respeito do jantar (2004, p.315). No âmbito doméstico, fomos habituados às normas sociais e, dentre elas, a de sentar-se à mesa às refeições. No presente grupo de jovens o hábito de sentar-se à mesa para saborear os alimentos tende a desaparecer. Em parte isso se explica porque:

a refeição com familiares implica certa formalidade, pois envolve sentar-se, encarar-se e não se levantar antes dos demais, um tipo de coerção, algo oposto da satisfação do repentino consumo de um prato passado pelo micro-ondas em cinco minutos (VISSER,1998 p. 354).

Dessa forma, as refeições expressam "o devir histórico" da sociedade como resultado de dois processos: conservação e variação" (Maturana, 2002b, p.201). A variação ou inovação foi percebida pelo avanço tecnológico, que proporcionou senso de autonomia aos jovens comensais: ao atribuir outras funções ao forno moderno como, por exemplo, seu uso para aquecer refeições completas num único recipiente, ao torná-lo compacto permitindo acondicionar em ambientes de pouco espaço, ao esfriá-lo reduziu os riscos de manipulação tornando-o seguro e acessível pelos jovens comensais solitários como demonstra Antonieta:

Para não dar trabalho eu pego e eu esquento no micro-ondas. Aí eu como... Só hambúrguer e arroz. Sozinha (Antonieta).

A preferência pelo alimento aquecido prevaleceu no gosto do comensal contemporâneo, mesmo em meio à correria que caracteriza o estilo de vida atual.

Antonieta descreve o ritual de preparo do seu café-da-manhã, observando que este fica melhor aquecido:

Quarta-feira eu acordei 6 horas, aí me troquei, me arrumei. Tomei café e me arrumei pra ir pra escola. Café-da-manhã é pão com manteiga, às vezes é pão com presunto, às vezes é bolo. Mas quarta-feira foi pão com manteiga porque eu gosto de esquentar. Então eu que esquentei. Preparo tudo na sala, forro a mesa, pego pão, manteiga [...]

O fogo que promoveu a organização social foi gradativamente sendo substituído pela eletricidade. Contudo, o gosto pelo alimento quente se manteve inalterado. O conceito de gosto deriva do latim sapore no que se refere à "sapere del gusto" em contraste com insípido, sem sal, sem "sapientia" ou sem sabedoria do latim. O gosto, esse sentido, esse dom de discernir nossos alimentos,

[...] produziu em todos os idiomas conhecidos a metáfora expressa pela palavra gosto, o sentimento das belezas e defeitos em todas as artes: tratase de um discernimento rápido, como o da língua e do paladar, e que predispõe como ele à reflexão; como ele, é sensível e voluptuoso em relação ao bom; rejeita, como ele, o mau de forma violenta" (FLANDRIN, 1998, p.685).

O gosto pelo alimento quente se explica na história da culinária brasileira que, segundo Cascudo (2004, p. 84):

Normal e genericamente o alimento era assado, tostado, e em menor escala cozido ou passado pela fervura. Carne crua não deixou vestígios positivos na dieta ameríndia. Semi crua, sim. Nem sobreviveu nos contemporâneos primitivos. Aqueciam antes de servir bebidas, mesmo que tivessem sofrido fervura preliminar. Deixaram ao brasileiro o conceito universal e milenar da comida quente é que sustenta a gente. Esfriou, estragou (CASCUDO, 2004 p.84).

Com o uso da eletricidade para esquentar alimentos, a cozinha acaba perdendo o seu título de espaço social e fica sendo apenas um território, já que o convívio que se tinha neste local não existe mais. O individualismo dentro da família tornou-se confortável até mesmo aos que tem os pais por perto, ou seja, na cozinha não há mais a comensalidade que havia antes em que se reuniam todos para cozinhar, "beliscar", aprender e conversar.

Para Câmara Cascudo, (2004, p.350),

A alimentação da classe dos jovens fundamenta-se numa série de sucedâneos e de "provisórios", de coisas supletivas, aperitivas, respondendo à fome sem eliminá-la. Cascudo acrescenta, ainda, que "a função educadora do jantar é tão insubstituível quanto o poder

modelador/moderador do ambiente familiar, sadio e normal (CASCUDO, 2004 p. 350).

A casa se torna o espaço para dormir e a cozinha vai se tornando um local apenas de aquecer a comida pronta, servindo unicamente ao propósito de saciar uma necessidade fisiológica, e perdendo sua dimensão social e afetiva.

Viver a pressa pessoal deve ser livre e preferível porque a comida é *fast* (rápida) quando está imediatamente pronta para ser consumida. Além da renúncia ao prazer de saborear a comida preparada rapidamente o seu consumo apressado implica em "querer aceitar menos" (VISSER, 1998, p. 354).

O exercício pleno do individualismo é retratado no comer a sós, é um tipo de refeição não comensal, visto que carece do significado social de uma refeição compartilhada. Refeições em família tendem a ser mais elaboradas e conter mais variedades de alimentos. Ao comer a sós, os jovens improvisam refeições que alimentam o corpo apenas com energia, mas carecem de valor nutritivo relevante e não satisfazem o aspecto social do ato de comer. A reciprocidade parece não sustentar-se nos convívios com amigos para refeições. A seleção dos convívios comensais faz parte da trajetória dos jovens e, segundo Maturana (2002a, p.23), segue o curso das emoções na seleção dos espaços relacionais em que vivem expressando tradições e inovações inerentes ao que Maturana (2002b, p. 201) denominou como "devir histórico".

# 4.1.5 Ritmos temporais de refeições com jovens órfãos pela AIDS Os convívios nos dias da semana

Ao despertarem, a maioria dos jovens costuma abreviar o café-da-manhã e ingerem algo que possa ser preparado e consumido rapidamente, como leite acompanhado de café ou achocolatado, embora alguns simplesmente se omitam da refeição. O pão com manteiga é possível, porém a maioria estuda no período da manhã e, justificados pela falta de tempo, preferem apenas uma bebida:

Meu café da manhã é um copo de café com leite. Tem dia que eu não como nada (Benjamim).

Às vezes eu como pão, às vezes eu como bolacha, às vezes eu só tomo um copo de leite. Eu num tenho vontade de tomar café, é muito difícil eu tomar café de manhã. Eu só tomo um copo de leite (Isabel).

Entre tantos jovens entrevistados, Giovane relata um dos únicos repertórios verdadeiramente completos para o café-da-manhã:

Bom, de manhã, geralmente, eu como uma banana, mamão amassado com aveia e três fatias de pão integral com margarina ou patê. E tomo iogurte. Tomo sozinho (Giovane).

Assim como Giovane, foi observado que muitos destes jovens quando fazem a primeira refeição do dia, fazem-na sozinhos.

Acordo todo dia oito horas da manhã, tomo café sozinho porque minha avó vai trabalhar, vai para a feira de manhã e meu avô acorda cedo e sai(Norberto).

Alguns ainda contam com avós e tias para lhe preparar a refeição, outros são obrigados a cozinhar por conta própria e comer a sós:

Eu que faço o almoço e como sozinha: arroz, feijão, carne e um suco natural e descanso, que eu preciso(Joana).

Observou-se ainda a presença de uma minoria que almoça fora de casa. Entretanto, o repertório-base de arroz, feijão, bife/frango se faz presente na maioria dos depoimentos. Abreviações das refeições foram encontradas entre o almoço e o jantar, entre o meio e o fim da tarde, sendo sempre chamada de lanches, muito semelhante ao repertório do café da manhã:

Eu tomo lanche à tarde quando eu não almoço. Aí, quando é umas quatro horas eu tomo um lanche. Às vezes eu como bolacha, uma fruta, pera (Isabel).

Eu, geralmente, umas três, quatro horas, eu tomo o lanche da tarde, como uma fatia de pão, como alguma fruta (Giovane).

Durante a semana, percebe-se que o repertório do jantar é preparado com intenção de suprir o consumo do almoço no dia seguinte. Observa-se muita similaridade nas companhias, geralmente dos irmãos, e dos ingredientes:

O almoço é minha irmã. Geralmente ela faz a janta para sobrar 'pro' almoço. O almoço geralmente é o arroz, o feijão, uma mistura, alguns legumes ou salada (Fátima).

É, janto tudo, sempre no almoço e na janta: arroz, feijão, mistura, salada e suco (Norberto).

Entretanto, a escola ou trabalho em período noturno pode alterar os horários do jovem, levando-o a comer separado da família:

Aí eu vou pra escola, só quando eu chego que ai eu janto sozinha, né? Que os outros já jantaram, às vezes já tão até dormindo (Fátima).

O pulo das refeições também foi notado como opção deliberada de jovens que simplesmente se abstém da maioria das refeições em razão de perder peso e ou devido à falta de apetite ou porque enjoam dos hábitos:

Não tomo café, não almoço, não como nada o dia inteiro. Quando dá umas cinco e meia, seis horas, eu como um lanche no serviço. É para emagrecer mesmo (Olga).

Meu avô vai na padaria e minha avó faz o café. Ela acorda primeiro que todo mundo. Eu não estou tomando mais café porque eu não tenho mais vontade de tomar café. Nada. Eu enjoei de pão. Não estou gostando mais de comer pão de manhã (Celina).

Nos casos dos jovens soropositivos, como Isabel, a falta de apetite pode ser decorrente dos efeitos colaterais do coquetel de medicamentos.

Tem vez que eu num almoço porque eu não tenho vontade de comer, relata Isabel

Segundo Penélope, que tem uma irmã soropositiva, a medicação interfere na comensalidade da menina soropositiva porque precisa comer "antecipadamente" para evitar os transtornos da medicação:

Os remédios antivirais dela são muito fortes. As tias da cozinha têm que buscar ela na sala, pra descer ela pra cozinha pra comer, entendeu? (Penélope).

#### Os convívios nos finais de semana

Ao inverso do dia-a-dia comum, o sábado figura como um dia especial, reservado aos amigos; e o domingo como mais nostálgico, onde o convívio é reservado à família. Nesse dia, muitas das meninas-mulheres que cozinham durante

a semana preferem preparar lanches para todos, e assim poderão descansar das atividades repetidas; quando a situação financeira permite, saem para comer fora, comemorar o fim-de-semana:

Fui com ela [irmã órfã soropositiva] e com meu irmão. Aí eu comprei roupas pra eles. Eu levei pro Habib's. Eles saíram até felizes (Celina).

Em suma, o sábado apresenta atividades menos familiares que o domingo, que é um dia descrito como caseiro. Em geral, eles receberão visitas de parentes para o almoço, ou quem sabe, na ponta oposta, será um dia mais solitário, apenas com os outros moradores da casa.

Assim, todo sábado eu tento fazer uma coisa diferente, num sábado eu como um pão com presunto, queijo, *Coca-Cola*. Agora, domingo não, é um dia parado. Parece que o dia passa, que a gente nem vê (Marina).

O domingo é um dia tipicamente da vivência feminina, e é o dia escolhido para treinar o aprendizado de cozinhar:

Quem faz a comida? A minha avó, de vez em quando a minha tia. As duas. Ou, e quando elas deixam eu faço sempre de domingo. Eu falo pra minha avó deixar eu aprender um pouco. Ela fala: 'Tá bom, só de domingo'. Aí eu como tudo (Diana).

Eu cozinho. Eu faço o almoço só. Porque a janta quem faz é a minha avó. Porque eu invento coisa nova. Eu faço bolo ou senão eu faço risoto, faço macarrão. Tem vez que minha família vem toda. Todo mundo. Tem que cozinhar para a tropa. Eu acordo, assisto um pouco de televisão. Aí, começo a fazer o macarrão ou o que tem para fazer. Depois que eu terminar, todo mundo vem almoçar. Umas trinta (pessoas) mais ou menos. Tudo do lado da minha mãe (Celina).

A comensalidade de domingo remete a casa, à comida da mãe. Sendo o domingo um dia em que a família toda se reunia, os órfãos relatam que suas mães dedicavam um esforço extra ao ato de cozinhar, preparando os pratos preferidos de cada um e esse incremento motivava as visitas a casa. Penélope, que cuida das irmãs menores, uma delas soropositiva, narra sobre a experiência que vivenciou com a mãe aos domingos:

Então aí minha mãe acolheu todo mundo dentro da casa dela, dando comida e tudo. Todo domingo, tinha gente que até assim, tinha amigas dela, falavam: 'Ah, domingo eu venho'. Sempre escolhiam no domingo, que sabia que no domingo ali ela fazia coisa ótima (Penélope).

O domingo representa o feminino, a comida da mãe, a reciprocidade familiar, a oferta, a doação. A memória desse tempo passado relaciona-se em muitos momentos com lembranças que têm que ver com alimentos, seja no momento da eleição do que comer, no preparo, na partilha. As mães transmitem cotidianamente elementos que vão moldando o gosto dos filhos. Penélope relata o modo de preparo da lasanha e a forma como a mãe pontuava sua presença: "a lasanha é uma coisa que eu via ela fazendo e fazia então... Sempre ela fazia e eu via. Ela olhava pra mim sempre. Eu ali aprendendo".

A comensalidade de domingo também representa a oportunidade de atenuar a melancolia e nostalgia.

Tem vez que eu acordo, lembro muito da minha mãe, aí eu prefiro não sair de casa, fico dentro de casa. Ainda sobre a lasanha, diz: Ela fazia. Eu ajudava ela a fazer (Isabel).

Penélope relata: "Eu lembro dela porque só ela sabia fazer aquela lasanha, hoje ninguém, eu faço, mas nunca é o gosto, nunca fica a mesma coisa, sabe?" Ela recorda a lasanha preparada pela mãe falecida e revela que não consegue repetir a experiência materna porque, [segundo ela], "O gosto nunca é o mesmo, para mim sempre a lasanha tem que lembrar dela.

No intuito de escapar desses sentimentos, os jovens órfãos passam o dia com os familiares ainda presentes, comemorando como um feriado comum; um almoço especial, talvez um churrasco ou feijoada, alguns engradados de cerveja e todos reunidos:

Arroz, feijão, maionese, a maioria das vezes minha família gosta de fazer churrasco (Isabel).

Domingo eu acordo umas nove e meia, dez horas. Limpo minha casa. Faço almoço e tomo banho. Eu deixo a janta pronta para quando a gente chegar à noite. Minhas duas tias fazem a comida aqui [referindo-se ao quintal comum às casas]. Os meus primos que bebem, compram uma cerveja no dia que toda a família se reúne. Quando são umas sete e meia, oito horas eu vou embora, janto, assisto um pouco de televisão, tomo banho e vou dormir (Joana).

Na comensalidade de fim de semana se observa o aumento da comensalidade na rua, do "comer fora". Trata-se de uma situação festiva, que envolve muitos comensais, além de pratos diferentes dos dias da semana:

Aí tem vezes que os meninos chamam pra ir pra algum rodízio, eu vou com eles (Benjamin).

Pra mim o domingo é parado [Mas por quê? Perguntei] Ah, porque não tem, assim... Sábado passa rápido, eu gosto mais do sábado. [Ah é?] Sábado é mais movimentado, a gente acorda e é aquela correria, meu marido sai para trabalhar e dá a hora de eu ir para a igreja e eu vou para a igreja (Marina).

Enquanto o domingo representa a vivência feminina, o convívio familiar, a retração; o sábado representa o movimento, a rua, o masculino. O convívio de domingo em casa representa a comida da mãe, o convívio familiar, reafirma o pertencimento, o parentesco e se opõe ao sábado, à comida de fora da casa, da rua, o masculino, o comer a sós e o individualismo, do perigo, do risco, do ousar. O sábado representa o movimento, pela vivencia da mais completa individualização do comer:

Aí, saio do curso, passo na padaria, como, almoço. Como feijoada todo sábado na padaria. E vou pra minha avó, fico um pouco à tarde com ela, fico um pouco com ela e depois vou com o meu irmão. Fico a tarde inteira com ele e, aí volto pra casa. Aí, à noite, eu peço pizza ou alguma coisa do tipo ou eu como algum lanche aqui em casa mesmo e saio com os amigos, de vez em quando. Ou quando não saio, alugo uns DVDs e fico, aqui, assistindo com a minha tia (Giovane).

A comensalidade familiar fora de casa representa também a oportunidade de retirar dos ombros femininos, pelo menos por um dia, a tarefa de sustentar a comensalidade ao longo da semana.

Não gosto de comer comida. Gosto de comer lanche dia de sábado. Porque já basta dia de semana, a gente fazendo comida (Marina).

Como ponto comum à comensalidade de fim-de-semana, figura a existência de ritmos diferentes, de pratos diferentes, mais elaborados e talvez a presença de amigos e familiares mais distantes, como exemplificou Benjamin:

O almoço do final de semana: tem vezes que ela faz um macarrão... Tem macarronada. É, ela faz maionese. E ela faz peito de frango, né, assado. [Ah. Isso é diferente, né?] É diferente. Que daí não é arroz, feijão. Tem gente diferente que vem, às vezes, de vez em quando. Mais os meus primos (Benjamim).

O dia a dia da semana remete ao esforço e, portanto, é o tempo para se alimentar de "arroz com feijão". A comida da semana tem como propósito restaurar a força. A presença de feijão remete à comida do mundo adulto, do mundo da seriedade, do compromisso, da responsabilidade, do dia a dia. A oferta não ocorre

para exceder, para ser compartida com os outros de fora, porque é a comida básica do sustento. É como em "O Feijão e o Sonho" de Orígenes Lessa (1938). A comida do McDonalds é a comida para diversão.

Na cultura brasileira, quando a criança está apta para o consumo de feijão significa o início da comensalidade com a família, à mesa com os adultos.

A sincronia estabelecida para comer arroz e feijão se limita à ideia de sustento, de seriedade, de responsabilidade e tende a ser compartida no interior dos lares com os familiares. Enquanto o sonho remete a uma dimensão simbólica. De alguma maneira a comida para compartilhar com os amigos, é a comida para sonhar, transgredir a normalidade, porque: "hoje, no imaginário de muitos jovens, estar num McDonald's é se sentir no centro do mundo" sugere Santos (2005, p.22).

A comida compartida difere da comida cotidiana, rotineira porque agrega-se um símbolo, um *status* de pertencer a um dado gosto do jovem. Isso ocorre em dias de consumir *fast food*, *deliveries*, comer ganha uma dimensão de entretenimento e a partilha reforça a identidade do grupo:

Fui pra casa da minha amiga. Ela tava comendo um lanche do McDonald's. Aí eu comi uma batata frita com ela(Antonieta).

Todo mundo sentado, ali na esquina. Todo mundo junto. Às vezes a gente sai. Sai todo mundo... Fica tomando sorvete, açaí. Aí, às vezes, a gente compra esfirra, pizza (Diana).

#### 4.1.6 Adaptabilidade aplicada ao estudo de convívios comensais

Em ambiente urbano e no contexto da orfandade pela AIDS, entendemos a comensalidade como o principal elemento que vai desencadear ou configurar os convívios do jovem órfão face às oscilações comensais, da multiplicidade de convívios ao comer a sós.

Pensar a nutrição do ponto de vista da ecologia requer considerar a influência do ambiente circunvizinho para tentar compreender as escolhas recebidas do mundo exterior que, muitas vezes, chegam pelos quintais. Os espaços destinados aos quintais sempre desempenharam um papel complementar na dieta. Em alguns países da Europa isso ainda ocorre, mas em centro urbano como São Paulo, muito pouco espaço destinado à horta existe – o quintal é compartido e ladrilhado – serve

de trânsito à comensalidade, à pluralidade dos convívios – do repouso intercalado, do trânsito de peregrinação em busca de comida:

Todo mundo junta dinheiro, compra, faz na casa de um, faz na casa de outro (Diana).

A dinâmica do espaço comum entre as casas observada foi a pluralidade de lares do quintal. Essa conjugação de moradias favorece ao jovem comensal realizar suas refeições em mais de uma casa:

Meus irmãos... então 'todo mundo' vai almoçar na casa da avó quase todo dia. Aí eu vou jantar quase todo dia na minha mãe. E janto na minha avó, também. Eu sempre janto nas duas casas. Só arroz e feijão. E salada. Alface e esqueci: tem uma salada de repolho (Benjamim).

O quintal quando existia era sempre compartilhado pelas várias casas dos familiares e cuidadores:

Que nem assim: no quintal tem três casas. Entendeu? A minha tia mora numa casa; minha outra tia mora em outra e minha prima mora em outra. Tem dia que eu durmo na minha tia e tem dia que eu durmo na minha avó (Humberto).

Neste caso, a hora da refeição configurou uma lógica de adaptabilidade aos diferentes espaços pela pluralidade de lares e convívios com "todo mundo" e, muitas vezes, com ninguém. Nessas oscilações de convívios, as refeições com suas sincronias comensais funcionariam como forma de regulação da pessoa ou de ajustes em relação aos outros membros da família modelando costumes e proporcionando a adaptabilidade dos grupos através dos ritmos em convívios urbanos.

A refeição funcionou como um ponto de entrada e adaptação aos convívios servindo para amolecer a dureza do modo de vida nas moradas urbanas. Os resultados encontrados no presente estudo eles demonstram a comensalidade como principal motivação dos compartilhamentos de comida nos convívios, transitam entre os lares, e esse acesso favorece as repetições de refeições pelos jovens em diferentes lares.

A fome, instância vazia, impele o roteiro de convívio, mas "apenas a comida – absolutamente necessária, visível, divisível, objeto externo que se torna interno e,

depois se transforma na própria substância de quem a come – poderia dar lugar a um ritual tão claro, mas misterioso e eficaz ao mesmo tempo". Visser afirma: "Comer quando temos fome é um alívio; comer junto com outras pessoas é, além disso, divertido" (VISSER, 1998, p. 86). A comensalidade parece funcionar como uma forma de ajuste regulador (e adaptabilidade) aos múltiplos lares que se desdobram pelo quintal. Nos convívios estabelecidos no quintal, a comensalidade também atuou como lógica de adaptabilidade aos diferentes espaços pela pluralidade de lares e convívios com "todo mundo".

A adaptação humana, segundo Moran (2010, p. 21), é resultante da interação dinâmica entre pessoas e o ambiente. A abordagem dos estudos sobre a adaptabilidade humana trata dos problemas específicos enfrentados pelos habitantes de diversos meios ambientes quando interagem entre si e com o próprio ambiente. A abordagem da adaptabilidade pela antropologia ecológica prevê a identificação de fatores de limitação claramente definidos, ou seja, estresses ou problemas que exijam respostas humanas.

Segundo Moran (2010, p. 117), a adaptabilidade humana tende a enfatizar a flexibilidade da reação humana frente ao ambiente. As adaptações são decorrentes da interação com outros indivíduos da mesma espécie (MORAN, 2010, p. 118). Ajustes comportamentais, sociais e culturais são as formas mais comuns de ajustes de regulação. Ajustes de regulação são mais flexíveis porque dependem menos do organismo físico e podem ser aprendidos rapidamente (MORAN, 2010, p. 118). Moran (2010, p. 27) destaca o papel da cultura no processo de adaptação. Segundo ele, o aprendizado social é um mecanismo de adaptação rápida e comportamentos inadequados podem ser transmitidos. Na aplicação do método da Ecologia Cultural, Moran (2010, p. 67) descreveu as práticas de partilhas de alimentos como uma forma de ajuste regulador da vida coletiva entre caçadores-coletores:

Os homens caçam e as mulheres coletam plantas silvestres, partindo de campos-base para reunir os alimentos que serão divididos pela coletividade. Em geral, os grupos mantêm-se pequenos para evitar o esgotamento da caça ou dos produtos primários (os vegetais), mas o tamanho dos bandos flutua conforme a disponibilidade de fontes alimentícias. Esta variação na abundância também parece favorecer o desenvolvimento de práticas de partilha de alimentos com vizinhos e convidados. Os conflitos em geral são evitados, e as cisões (divisões do grupo) são um tipo comum de resposta quando emergem atritos sociais (MORAN, 2010, p. 68).

No prólogo da obra intitulada "Somos lo que comemos" de Gracia-Arnáiz (2002, p. 9), Igor de Garine afirma que a alimentação participa da essência profunda dos indivíduos e reflete as características íntimas do ambiente cultural. Corrobora o pensamento de Dória (2009, p. 35):

Se tomarmos o princípio da incorporação como algo mais ou menos universal: "eu sou o que eu como". Os organismos "se modificam ou se metamorfoseiam pela alimentação" – serve para determinar "o nosso humor, os nossos desejos e, por último, estados mais duradouros relacionados ao caráter" (DÓRIA, 2009, p. 35).

Para entendermos o modo como os jovens se lançam aos convívios comensais em grupos e o que o grupo representa para o jovem, metaforicamente jovens humanos e jovens pássaros têm mais em comum do que a relação com nicho alimentar. A fragilidade durante o período da juventude com altas taxas de mortalidade ocorre nessa fase da vida nas duas espécies. Talvez porque, seja nessa fase da vida que ocorra o primeiro voo. Alçar o primeiro voo parece ser a prova de fogo entre sobreviver e morrer jovem. Da mesma forma que na espécie de aves, a juventude segundo Paugam (2003, p. 107) também é o período de mais exposição aos riscos da espécie humana.

Há pelo menos um milhão de anos, locais de acampamento foram usados pelos antigos Homo sapiens. Locais de acampamento eram, em essência, ninhos feitos por seres humanos. Criavam os jovens no ninho, forrageavam longe dele em busca de comida, e traziam o butim de volta para dividir com os demais (WILSON, 2013, p. 45). As espécies de aves nidícolas – aquelas que cuidam dos filhotes indefesos – possuem uma pré-adaptação similar à espécie humana. Em algumas poucas espécies, os adultos jovens permanecem com os pais por um tempo para ajudar a cuidar dos irmãos (WILSON, 2013, p. 45).

Na espécie humana, compartilha-se comida para marcar rituais de passagem, comemorar, mostrar gratidão e para demarcar socialmente os grupos. A refeição funciona como uma forma de ajuste regulador em termos de substâncias consumidas, excesso de companhias ou falta delas, espaços conjugados e limitados, sozinho e com todo mundo, revezando-se como gaivotas: "faz na casa de cada um, faz na casa de outro".

Colecionam substâncias de casa em casa, "de grão em grão", como capões. Resistem ao ambiente e adaptam-se aos quadriculados urbanos como pombos que se adaptaram aos espaços urbanos.

Na hora da refeição, observando o comportamento de jovens pombos, eles voam, tem a vida livre, afastam-se grande parte do tempo, dos pais e, no entanto, na hora da alimentação eles retornam para junto da família e buscam ativamente o alimento no interior do papo da mãe ou do pai. O vínculo de família é mantido enquanto o jovem pombo não tem maturidade para processar por si mesmo os grãos que compõem a sua dieta. A independência e a individualização não são absolutas: a dependência entre filhos e pais é constatada no momento da alimentação.

Tanto o vínculo quanto o início da independência familiar é assinalado pelo domínio ou autonomia com a alimentação. Reza o ditado popular: "quando a menina aprende a cozinhar ela está apta a constituir uma nova família. "Já está pronta para casar-se", insinuam os mais velhos. Entre pombos, a entrada na vida adulta significa o rompimento do hábito dele retornar ao papo e ao ninho familiar, para comer e dormir.

A variação na composição dos padrões comensais incluindo o comer a sós e a natureza das companhias (familiares, amigos e colegas) e o número de comensais foi interpretado por Poulain e Proença (2003, p. 381) como sendo um descritor do "meio ambiente social", uma medida proposta para apreender o comportamento alimentar. Pela proposta de dimensões elaboradas por Herpin (1988 p. 503) seria equivalente a admitir uma dimensão ambiental a partir dos grupos sociais.

Dessa forma, a comensalidade paulistana, assim como em outras metrópoles, apresenta características ambientais e de convivência únicas que expressam o contexto urbano. A vivência em grupo, a vivência em bando notada na expressão: "todo o mundo" representa a identidade social coletiva do ser jovem e equivale dizer: "partilhamos do ideal de juventude, partilhamos da mesma comida, indo além, bebemos da mesma fonte, que através do simbólico equivale a sonhar, voar junto e com isso ultrapassar os limites do espaço e do tempo".

### 4.1.7 Percepção de risco e estratégias comensais em contexto do HIV/AIDS

A partir dos convívios comensais no contexto de HIV/AIDS, quais seriam os riscos identificados pelos jovens em relação a comer com soropositivos e quais seriam as estratégias adotadas nos convívios comensais?

Através dos meios de comunicação, são popularmente difundidas as formas de transmissão do vírus. E as informações são claras. Tocar pessoas soropositivas, abraçá-las, beijá-las ou usar os mesmos utensílios de mesa (talheres, pratos ou copos) são situações que não oferecem riscos de transmissão. Também o sabem famílias que convivem com a enfermidade cotidianamente. Ainda assim, encontramos relatos que as estratégias de convivência comensal, no âmbito doméstico ou familiar, direcionam-se em três vertentes que parecem desconhecer essa informação: separação de utensílios de mesa, restrição do contato de soropositivos com alimentos da família, e, em casos extremos, a limitação do toque.

Meu pai [falecido] estava ficando um tempo na casa dela [a tia]. Ela brigava muito com ele. Tipo copo, prato, talher, tudo separado. O dele é o dele. O meu é o meu! Era tudo separado: cobertor, talheres, copos, prato, tudo, tudo separado" (Olga).

Ela [a tia] acha que comer na mesma colher que a pessoa come, vai pegar. Isso não, porque eu comia na mesma colher que minha mãe e graças a Deus não deu nada. Ela tem esse medo, por isso que ela é preconceituosa desse jeito (Joana).

A comida é inutilizada pelo fato de ter sido tocada pelo enfermo. Gabriel relata que já vivenciou desrespeito e discriminação em casa devido à soropositividade da mãe, principalmente por parte da avó, que dizia que não queria que ela tocasse nas comidas. Verificamos uma ocorrência extrema na narrativa de Fátima, na qual apenas o contato de sua mãe [soropositiva] com os utensílios de mesa era razão para nojo ou para inutilizá-los. Mesmo o toque da cuidadora da mãe [uma tia soronegativa] com os alimentos no momento do preparo era suficiente para que fossem descartados como lixo.

A minha tia não podia fazer um prato de comida pra minha mãe levar pra casa que meu primo, se o prato voltasse, jogava o prato fora. É porque minha mãe tinha comido ali, no caso. Minha tia achava aquilo um absurdo assim, até, até da mãe dele ele tinha nojo, sabe? Porque minha tia fazia uma comida, e colocava num prato e se relasse o dedo no arroz já não queria mais comer aquela comida, entendeu? (Fátima).

Celina recorda que: Teve um dia que eu peguei o sorvete da minha irmã [soropositiva]. Minha avó olhou assim pra minha cara com uma raiva.

Estratégias para evitar o contato também foram notadas nos relatos de Celina e de Joana:

Meu tio ele é assim. Ele tem certo preconceito [sobre o HIV]. Ele é natural com a minha irmã [órfã soropositiva]. Ele é assim. Ele é normal com a minha irmã, mas assim ele não pega nada dela, nada mesmo. Ele não gosta de encostar nela (Celina).

Ela tem nojo. [Joana se refere a tia]. Ela acha que vai passar para ela. Porque ela acha que pega, qualquer besteira pega. Acha que tem jeito certo para pegar. Ela acha que do vento, qualquer coisa já vai pegar nela. Mas, pra mim isso é besteira (Joana).

Estes achados são consistentes com os dados encontrados por Ayres et al. (2003, p. 28), que registraram relatos de portadores do HIV/AIDS descrevendo estratégias por parte de seus familiares em relação à separação de utensílios de cozinha utilizados pelos portadores. Essas pessoas, não raro em nossa sociedade, são vistas como potenciais agentes de risco, apenas lhes restando o isolamento.

A despeito de campanhas públicas de esclarecimento sobre formas de transmissão do HIV, o estigma do HIV/AIDS permanece de distintas formas em todo o mundo. Conforme percebemos nos relatos acima transcritos, comportamento semelhante foi observado nesta pesquisa. Letícia, insatisfeita com a realidade da discriminação, indica a falta de informação como uma de suas causas:

Acho que hoje as pessoas pensam assim: não pode estar muito perto de uma pessoa com HIV, porque passa, porque pega. É falta de informação porque a pessoa não conviveu. A gente só procura informação, só temos acesso às informações quando passamos por determinados problemas. Uma pessoa que nem sabe, só sabe que essa doença mata e que ela é transmissível, então vem na cabeça da pessoa: se eu tocar em você, eu vou pegar HIV.

Aqui a jovem órfã justifica a falta de informação daqueles que não conviveram com a realidade de HIV/AIDS, o que não seria o caso dos familiares de pessoas com diagnóstico para soropositividade. Os rituaiscomensais abrangem desde a escolha do cardápio, a compra de alimentos, a reserva dos espaços, o ato de preparar, servir até a partilha. A cozinha revela os bastidores da preparação do alimento ao comensal, configurando estratégias relacionais do grupo familiar.

Acordos são previamente pactuados entre comensais para advertir sobre algum cuidado ou evitar riscos desnecessários. Nos convívios com soropositivos para HIV/AIDS, acordos estratégicos são estabelecidos, muitas vezes de forma nãoverbal, com o intuito primário de reduzir riscos aos membros soronegativos.

Acordos restritivos no convívio doméstico com soropositivos têm sido documentados em vários países da África. Estudo em Gana com soropositivas registrou que a restrição em partilhar refeições é interpretada como humilhação e reforça o sigilo do diagnóstico (MILL, 2003, p. 6). Num estudo conduzido por Letamo, em Botsuana, com 448 adolescentes para investigar a discriminação mediante o HIV/AIDS, registrou que quase 70% deles não comprariam hortaliças de vendedor soropositivo (LETAMO, 2004, p. 191).

Para Peretti-Wattel (2000), o contexto da AIDS aponta os dois aspectos mais importantes da teoria cultural do risco: apreender o risco de acordo com nosso sistema de valores e crenças e a nossa posição social e pessoal. Esses valores — variáveis ao longo do tempo — são organizados em sistemas complexos adquiridos pela socialização ou aculturação, e acabarão por determinar se um comportamento ou objeto é preferível ou não. Assim, cada cultura estabelece o limite do risco aceitável. Os limites aceitáveis do risco são definidos através de acordos estratégicos de convivência. Esses acordos acobertam inconvenientes.

A percepção de risco deflagra um movimento diferenciado e a discriminação emerge justamente dessa tomada de atitude diferenciada, tangível, que se dá no campo das ações sem fundamento médico-científico vigente. Pesquisadores da Saúde definem seus consensos e os divulgam à sociedade. O que tampouco elimina o medo e a insegurança, visto que as opiniões mudam rapidamente, como se o que fora informado fosse, como denominara Bauman (1998), uma "modernidade líquida". As condutas nutricionais tendem a oscilações desconfortáveis para as populações a quem se dirigem.

O conhecimento sobre formas de transmissão de HIV/AIDS enunciado hoje pode amanhã ser diferente. Nesse caso, o melhor a fazer, pensaria talvez aquele que convive com um familiar soropositivo, é precaver-se de todas as formas de contato: "É melhor prevenir do que remediar", porque, afinal, "seguro morreu de velho", rezam os ensinamentos populares.

Há a necessidade de se estabelecerem critérios que pautarão a vida em sociedade. As famílias lançam mão, portanto, das estratégias de convivência. Na relação corpo e comida estão ponderados elementos de controle social e da percepção de risco à saúde (SOBAL, 2000, p. 119; SILVA, 2007, p. 51). Então, as estratégias de convivência são acordadas com intuito de conviver com o doente sob

controle pelo cuidado. Mesmo o tratamento de HIV/AIDS não implicando em restrição alimentar, é comum o emprego de alguma estratégia como medida de cuidado. Cuidados restritivos em relação a um membro podem gerar modificações para todos os membros, mesmo que não partam deles. Numa família, mediante a restrição alimentar de um dos membros, todos os demais tendem a modificar suas dietas (SOBAL E NELSON, 2003, p. 41).

Em meio à anomia da sociedade pós-industrial, onde impera a pressa e a individualização, "as pessoas comem evitando trocar olhares com os que estejam por perto" (FERNÁNDES-ARMESTO, 2004). Mas, ao comerem juntas, as pessoas ganham mais importância do que a comida; comer junto implica seletividade (VISSER, 1998).

Comer junto é uma poderosa expressão de comunidade. O alimento é sagrado e deve também ser puro, limpo e inviolado. Ele atravessa o limite da boca, entra e pode alimentar ou contaminar o indivíduo que o consome: qualquer coisa que nos é apresentada como comestível, mas que percebemos ser impura em qualquer sentido, de imediato nos repugna (VISSER, 1998). O que nós comemos torna-se literalmente uma parte de nós.

O convívio doméstico expressa a intimidade e identidade com a família. Relações de sentimento de reconhecimento envolvem o contato. É esse toque que constrói a família, produzindo uma solidariedade duradoura. Portanto, se a relação envolve um contato, uma pessoa deve ser considerada como pertencendo à família, pois "há uma relação contínua" (o contato é o afeto, diz o provérbio). A família é construída por contatos, por afinidade, assim como as relações sociais (BESTARD E CONTRERAS, 1995, p. 77). A casa, a família e a cozinha materna representam a ideia de segurança. Comer com os membros da família tende a ser mais saudável e mais adaptável do que comer sozinho ou com estranhos (SOBAL E NELSON, 2003).

Ao analisar os relatos obtidos através das entrevistas, notamos que as famílias, em muitos casos, lidam com receio frente à soropositividade. E, neste âmbito, o corpo detém um papel central. Interpõe-se como agente contaminante de tudo que toca, seja no preparo dos alimentos, seja na interação dos comensais à mesa. É ele que carrega a doença. Assim, o "corpo saudável" — no qual está enraizada a consciência, segundo Merleau-Ponty (1991) — toma distância, afasta-se do "corpo doente" (MERLEAU-PONTY, 1991).

Merleau-Ponty (1994), que apresenta uma visão de corpo diferente da tradição cartesiana, considerando-o, dentre outras coisas, como associado à experiência vivida. Para ele, "a compreensão de corpo não se reduz ao conhecimento anatômico, ao estado neural ou aos processos fisiológicos, abrange também o simbólico" (NÓBREGA, 2000, p. 95). Não há como separar corpo e alma. Negar o corpo poderia ser entendido como a negação à pessoa. Porque "o corpo é um modelo por excelência de qualquer sistema finito", assinala Mary Douglas (1973a, p. 32).

Pelo contato, o corpo estabelece seus limites, suas fronteiras. Como o corpo tem uma estrutura complexa, as funções das diferentes partes e as relações entre elas podem servir como símbolos a outras estruturas complexas. É impossível interpretar os ritos que recorrem aos excrementos, ao leite materno, à saliva, se ignorarmos que "o corpo é um símbolo da sociedade, que o corpo humano reproduz em escala reduzida os poderes e os perigos que se atribui à estrutura social", explica Mary Douglas (1973a, p. 32).

O impedimento ao uso do bebedouro, em comum, materializa a percepção de risco, mediante a atitude de impor barreira ou separar, que, em outras palavras, materializa a discriminação. Em espaço público, estratégias de restrição ao contato corporal entre soro-discordantes por meio da separação do bebedouro da escola:

Teve uma época que eu dei uma entrevista, o pessoal viu. Aí cheguei na escola e fui tomar água no bebedouro. Eles haviam separado o bebedouro. Todos os professores, os alunos. Todo trabalho em grupo eu faço sozinho (Humberto).

Outras demandas são sentidas pela experiência do corpo. O estigma compreendido, segundo Goffman (2008, p. 34), como demandas feitas em relação ao caráter que imputamos ao indivíduo, numa caracterização "efetiva" que só é possível pela experiência de corporeidade. O corpo no contexto do HIV/AIDS desencadeia o "retrospecto potencial", expressão utilizada por Goffman para se referir à identidade imaginária. Em face dos diferentes, do estrangeiro, da homossexualidade, da prostituição, dos usuários de drogas injetáveis, ocorrem as conjecturas da percepção de risco que alimentam o "retrospecto". Assim, pela proposta de Goffman, no que tange à corporeidade no contexto do HIV/AIDS: "deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída". De acordo com Goffman, não é a presença do atributo

depreciativo que configura o estigma, mas como se operacionalizam as relações; trata-se de "uma linguagem de relações e não de atributos" (GOFFMAN, 2008, p. 34).

Para Merleau-Ponty (1994), os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais. E não seria diferente em relação ao contexto do HIV/AIDS.

Também no âmbito público mediante a revelação do diagnóstico de soropositividade para o HIV/AIDS, a comensalidade serviu para preservar a convivência e na escola com os colegas, conforme demonstra o relato de Isabel:

No começo que eu descobri eu estudava aqui. Daí as meninas daqui moram tudo nos Jardins. Algumas sabiam e me trataram normal. Até na escola eu tava bebendo alguma coisa, elas bebiam. Comer, elas comiam. Se eu sentia alguma dorzinha assim, elas já ficavam preocupadas, tratavam normal.

Em contato face-a-face, a pessoa tende a desempenhar um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa uma linha — opinião, avaliação dos outros e de si mesma. Todos esses aspectos compõem o que Goffman denominou de "fachada" (GOFFMAN, 2011). Segundo Goffman, na impossibilidade de proceder a evitação, tende a ocorrer o processo de correção da fachada, para restabelecimento da ordem dos rituais de interação. Estratégias de convivência com propósito corretivo da fachada foram identificadas em dois diálogos.

A restrição como negativa ao ritual convida o corpo ao movimento de exclusão. E essa repartição, como forma de cuidado exagerado, de certa forma se coaduna com a concepção mecanicista da ciência que é legitimada na assistência. Essa repartição se dá, pela teoria da percepção em Merleau-Ponty (1994), porque desaprendemos a conviver com a realidade corpórea, com a experiência dos sentidos, pois privilegiamos uma razão sem corpo.

Estratégias de convívio que imponham restrições podem determinar a exclusão dos rituais de alimentação. A recusa em comer na companhia de determinada pessoa pode ser interpretada como um sinal de hostilidade. Aquele que recebe a restrição sente-se "o diferente". Não comer a mesma comida passa a ser algo distinto, antissocial. Uma evidência à discriminação.

O corpo nega o contato — legitimado pela cultura. Valores morais são colocados em xeque quando alguém é identificado como soropositivo para HIV. De acordo com Bimbela (2002, p. 38), o movimento se pauta pela conduta do indivíduo. Célia Amorós (2007) discute crenças, sob o pensamento de Lévi-Strauss, e comenta que a moral não seria compreendida, por aqueles imersos na cultura, de forma transparente e consciente. Está alocada, todavia, à estrutura do pensamento simbólico, sendo este da ordem do inconsciente. A ritualização das refeições com atribuição de regras dietéticas foi documentada desde as primeiras civilizações como expressão de religiosidade. Tal caráter religioso, em parte, explica os sentidos de apropriado, puro, sagrado assim como de impuro, profano que podem ter sido originados a partir das leis de contaminação judaicas-cristãs, conforme Mary Douglas, 1973b em sua obra "Pureza y peligro". As leis dietéticas foram elaboradas para permitir a travessia do deserto do Egito para a Terra Prometida durante 40 anos.

Desta forma, a percepção de risco convida o corpo à retirada, pois na corporeidade está contida a experiência do sujeito como potencial de risco aos convívios e impróprio aos rituais comensais. Acordos estratégicos são estabelecidos nos convívios com jovens soropositivos e partem do pressuposto que o corpo pode ser um agente contaminante. As estratégias são pautadas pela restrição ao toque e ao contato com o indivíduo soropositivo. Separar utensílios e inutilizar a comida são estratégias de organização da vida compartilhada. As estratégias restritivas dos convívios são motivadas pelas incertezas do conhecimento cientifico, tornando as crenças mais seguras na percepção de risco e na perpetuação do estigma. Estratégias corretivas são empreendidas para restabelecer o ritual e preservar a fachada dos convívios.

#### 4.1.8 Meninas órfãs herdeiras do cuidado

Na conformação da orfandade, o cuidado permanece como um legado no qual a execução de tarefas maternas tende a recair como obrigação para as filhas, que tenderão a desempenhar com o próprio ser, existência, presença, permanência, o sentido de família e de lar para os irmãos menores.

O que incomoda essas meninas não é o fato de terem de realizar tarefas desse tipo, mas o fato de essas tarefas serem tomadas como inerentemente delas, como uma espécie de herança da habilidade para cuidar. Cuidar, no sentido mais prático no contexto da Aids, que envolve o remediar, alimentar e acolher entre os dois mundos: o que se despede da vida, que se refere ao processo de adoecimento das mães:

Come, mãe. E ela: não, eu não quero comer. (Elis); completa Fátima: E eu com dez, 12 anos, com 11 anos de idade, cuidava da minha mãe doente na cama, cuidava da minha irmã também; e o que as transforma em sujeitos responsáveis pelo cuidado das vidas que seguem, seus irmãos. Celina diz: No hospital, eu fico das seis da manhã até duas horas da tarde. Uma vez por mês. Agora ela está melhor porque ela está tomando o remédio certinho. Eu pego no pé dela.

A jovem de 16 anos é responsável pelo cuidado da irmã menor, com nove anos de idade e soropositiva. Entre os órfãos no contexto de HIV/AIDS que entrevistamos, não se identifica entendimento contrário a esse. Principalmente entre os meninos, percebe-se um discurso que entende que ser mulher institui uma predisposição para a lida doméstica:

Mulher é melhor com o serviço da casa. Já sabe fazer tudo! Limpar a casa inteira. Se for mulher, já sabe fazer o serviço, já é diferente! diz Norberto. Humberto pensa da mesma maneira: Mulher é mais organizada, mais decidida. Mulher é mais caseira, mais espírito família.

É como se as tarefas desenvolvidas fossem fruto de um fluxo natural das coisas, que constroem uma situação estática:

Mulher é da casa, homem é da rua, deduz Benjamim; há as tarefas de homens e as de mulheres. Benjamim relata como se dá a divisão de tarefas na sua casa, na ocasião de uma festa: Os meninos colocam a lâmpada e saem de perto pra não atrapalhar. As mulheres fazem almoço [...] Os homens vão zoar. É, a gente fica só: 'Ô, cuidado pra não queimar, tal. Vai lá, coloca o fogo'.

A memória materna se faz presente na fala de Penélope, demonstra a tentativa de repetição dos mesmos procedimentos que a mãe adotava:

É uma coisa que quando eu faço tem que tentar fazer do jeito que ela fazia. Ela admite que, mesmo na execução de outras receitas, o sucesso materno parece insubstituível: Ela fazia também o sagu. Eu tentei fazer uma vez, não deu certo, ficou tudo grudado. Várias coisas, entendeu? Penélope recorda do contexto doméstico, do olhar, da presença materna, do aprendizado pela observação: Que eu via ela fazendo e fazia então. Sempre ela fazia, eu via, ela olhava pra mim sempre. Eu ali, aprendendo.

Penélope atribui a dificuldade de conseguir executar alguns pratos a aspectos afetivos, que vão muito além da saudade, e da memória do gosto e da perfeição culinária que remete à mãe.

Entendendo que o monopólio da cozinha não é algo inato a elas, pelo simples fato de serem mulheres, as meninas-jovens-mulheres demonstram o desejo de mudança na divisão de tarefas. A insatisfação quanto às partes que cabem a elas na pluralidade do espaço da casa não raras vezes emerge no discurso no momento em que elas passam a enumerar as vantagens de ser homem: "Para o homem (a realização de planos) talvez seja mais fácil. Homem consegue arrumar trabalho mais facilmente," infere Olga. Enquanto Celina aponta como vantagem o fato de que "menino pode estar em qualquer lugar". Ou ainda quando elas passam diretamente a questionar as inumeráveis tarefas que cabem a elas por serem mulheres, como é o caso de Joana: "

Por que queriam exigir só de mim? Eu tinha que cuidar da minha avó, tinha que cuidar da casa. Elis refere que sempre ouvia da tia frases tais como: Você é a menina da casa! Você tem que dar respeito! Essas meninas-jovens-mulheres assumem o cuidado desde cedo e revelam desvantagens de gênero na lida doméstica. Elis, com apenas 16 anos, compara: Você vê seus irmãos tudo feliz, curtindo. Você ali tendo que trabalhar o dia-a-dia para ter o pão de cada dia. Assim, o cuidado parece reproduzir-se pela hierarquia feminina como um elo de resistência e responsabilidade, precocemente reverenciado nas práticas femininas: Com dez anos de idade eu já fazia tudo pra minha mãe, conclui Fátima, de 17 anos.

Cuidar do outro, mais que gentileza, ser colo que acolhe, afetar-se e sentir-se afetado, envolve realizar tarefas cotidianas tidas como "coisa de mulher". Assim, não há "uma natureza feminina imanente e estável que destinaria definitivamente as mulheres aos trabalhos domésticos" (GIARD, 2008, p.211). Não se trata disso. Antes, será feito o esforço para se compreender pelo menos uma das razões que relegam à mulher a tarefa do cuidado da família, do monopólio da cozinha, e, entrecruzando esses dois papéis, da direção dos ritos de comensalidade e, ainda, sobre a divisão de tarefas domésticas.

É fato que o papel da mulher como administradora da casa, ocupada das coisas do lar, é bastante antigo. Já na pré-história a mulher tinha múltiplas funções, e, para assegurar o crescimento do grupo, era "criadora, fixadora e transmissora de hábitos culturais", o que contribuiu na passagem à Revolução Neolítica, pois

"domesticavam animais (pecuária), fabricavam cerâmica, tecidos e exerciam medicina caseira" (SÁ, 1996, p.160). Sua atuação como dona de casa foi fixando-se com o passar da história, a tal ponto que Markham, escritor inglês de livros de cozinha, em 1615, na sua obra *The EnglishHus-wife*, retrata sobre:

Todas lascualidades interiores y exteriores que deberíanencontrarseen una mujerperfecta: su competência en medicina, cocina, pastelería, destilación, perfumes, lana, cáñamo, lino, lechería, cervecería, panadería y otras cosas referidas a laadministracióndelhogar(SAMPER, 1997, p.129).

Dessa maneira, "trabalho doméstico" e "ofício de mulher" foram expressões que caminharam juntas durante anos e anos. Tarefas consideradas menores, porque exercidas gratuitamente, sempre estiveram atreladas ao papel da mulher. Certo é que a sociedade, hoje, assiste a mudanças nessa configuração, mas o senso comum nos mostra que a tarefa cotidiana de cozinhar é apreendida e compreendida como de mulheres. Cuidam em todos os gestos, administram cada detalhe, cozinham e servem. O mais triste é que esse trabalho não conduz a uma criação duradoura.

A mulher é tentada - tanto mais quanto mais cuidado nela pôs - a considerar sua obra como um fim em si. Contemplando o bolo que ela tira do forno, ela suspira: é realmente uma pena comê-lo! [...] É preciso, portanto, que o produto do trabalho doméstico se consuma; uma renúncia constante é exigida da mulher, cujas operações só terminam com a destruição (BEAUVOIR, 1980, p. 207).

Indo em caminho divergente às demandas impostas pelo cotidiano, as meninas passam a cultivar no sonho a vida que gostariam de ter no futuro. Esses discursos, quando comparados com a realidade cotidiana em que vivem, mostram quão distantes de uma situação desejável elas vivem. Foram analisados o discurso das meninas para mostrar como elas entendem a obrigação do cuidar da família, através das tarefas que transitam na cozinha.

Ainda que esteja complexamente relacionada com pertencimentos identitários, crenças, reciprocidade e cuidado, ou seja, mostre-se intrínseca à vida humana, a comensalidade custa algo. No "invisível do cotidiano", tarefas são executadas maquinalmente (GIARD, 2008, p.234). Arrumar para, em seguida, desarrumar, limpar para sujar, cozinhar para devorar: o cuidado da família por fornecer alimentos que serão consumidos em âmbito doméstico é tarefa que cabe às mulheres na

divisão de tarefas corrente, divisão que se reproduz neste microcosmo da orfandade no contexto de HIV/AIDS. A elas, essas mulheres, é cobrado o preço:

Porque a pesar que sonlos indivíduos los que actúan, sus prácticas están fuertemente condicionadas por lãs decisiones del colectivo, así se explica que haya estrategias familiares que 'condenan' a alguno de sus miembros - el caso de la madre sacrificada (AGUIRRE, 2004, p. 11).

Cuidar, por e pela comensalidade, custa abrir mão de possibilidades outras. "Assumem responsabilidades que vão muito além das suas capacidades como crianças" para exercerem o papel de cuidadoras (KELLY, 2000, p.41). Portanto, a abordagem do cuidado no cotidiano feminino requer, de acordo com Bourdieu (1998, p.21), "a percepção de que ser homem ou mulher é parte e parcela do objeto que tentamos compreender."

O adentramento destas meninas-jovens para a lida com o "monopólio da cozinha" assemelha-se, simbolicamente, ao pensamento indígena documentado por Lévi-Strauss em *O cru e o cozido*: Cozinham-se indivíduos intensamente engajados num processo biológico [...] menina púbere.

A conjunção de um membro do grupo social com a natureza deve ser mediatizada pela intervenção do fogo da cozinha, normalmente encarregado de mediatizar a conjunção do produto cru com o consumidor humano, e por cuja operação um ser natural é, ao mesmo tempo, cozido e socializado (LÉVI-STRAUSS, 2004, p.380).

Similar ao pensamento indígena, a lida com as operações culinárias é vista como "atividades mediadoras entre o céu e a terra, a vida e a morte, a natureza e a sociedade" (LÉVI-STRAUSS, 2004, p.89). Assim, o encargo prematuro da menina mais velha à lida com "o monopólio culinário" estabelece a passagem do seu estado de menina, relativo ao estado cru do universo infantil, e conduz ao estado de menina-jovem-mulher, portanto, apta para cuidar.

A comensalidade seria a manifestação prática do cuidado, a medida de amolecimento do cotidiano bruto da vida que responsabiliza, antes da hora, pela fome do outro. Então, a comida precisa ser cozida, diluída, repartida, para converterse em companhia, como legado que bastasse por si só em suas trajetórias rumo ao universo adulto.

A irmã mais velha, em particular, é assim amiúde associada às tarefas maternas. Ela é então precocemente integrada no universo da seriedade. Ela experimenta o orgulho de ser eficiente como um adulto e regozija-se de

ser solidária com as pessoas "grandes." [...] Permite-se, pede-se mesmo à irmã, que varra, tire o pó, limpe os legumes [...] tome conta da sopa (BEAUVOIR, 1980, p.27).

Esse evento da brusca transição de universos, do infantil ao adulto, ter de cuidar sem ter cuidador, foi previsto de ocorrer no Brasil, há mais de uma década. a Buchalla previa que a elevada mortalidade de adultos jovens faria aumentar o número de órfãos:

Em algumas áreas, a morte dos pais significa que as crianças serão responsáveis por seus irmãos menores, tendo que desempenhar, precocemente, o papel de chefes de família, abandonar os estudos e assumir responsabilidades para as quais não estão preparadas (BUCHALLA, 2000, p. 331).

Essa circunstância, onde os horizontes e projetos de pessoas jovens são preteridos em razão do cuidado familiar como legado, é chamada por Ayres (2006) de restrição de horizontes. Das cinco recomendações listadas aos serviços e programas direcionados às pessoas jovens com sorologia para HIV/AIDS, a segunda refere-se à:

Expandir o debate em setores relevantes sobre o estigma e a discriminação relacionados com AIDS, desencorajando ativamente e reprimindo qualquer exclusão ou restrição de horizontes e projetos dos jovens com base no estado sorológico (AYRES, 2006, p.1005).

O número de meninas trabalhadoras é menor do que o de meninos. Este fato não significa que elas trabalhem menos. A dedicação exclusiva aos afazeres domésticos, sem escola, atinge quase dois milhões de crianças e adolescentes entre dez e 17 anos. Temos um enorme contingente de crianças e adolescentes, principalmente meninas, que cuida da casa e dos irmãos. O trabalho dessas meninas é exaustivo e fundamental para a manutenção das famílias, já que representa a única opção de cuidado.

[...] Escolhendo cuidar dos assuntos do lar e da educação da família, como primeira exigência de seu empenho durante muitos anos de sua vida [...] renunciam não a todos os objetivos e ocupações, mas a todos os que não são consistentes com as necessidades de cuidar do lar (MILL, 2006, p. 73).

Uma das perdas mais impactantes sentida pelas jovens e atribuída à falta dos pais consistia na dificuldade para estudar. No caso dessas jovens, a morte dos pais e a herança do cuidado criam obstáculos à educação, impedindo-as de usufruírem

das conquistas públicas alcançadas por outras mulheres no passado. No presente ensaio, as meninas-mulheres-jovens referem ter abandonado os estudos com o fim de responder às demandas que exigiam delas seu "braço de mulher". O problema não está **com** as responsabilidades que transacionam cuidado e comensalidade, é, na verdade, o **como** elas se apresentam na vida delas.

Enquanto desempenham o cuidado, sonham com uma vida polifônica, de vozes que se encontram em seus pertencimentos múltiplos, onde cada um e todos os campos de suas vidas poderiam se unir para dar-lhes uma vida mais flexível e realizada. Hoje, têm o direito de estudar, mas elas não estão disponíveis para usufruí-lo. Ainda que a ingenuidade da visão de que uma experiência múltipla não preterisse nenhuma esfera da vida, é essa a vida que as jovens relatam em sonho. Querem ser mães, donas de casa, ter independência, seu próprio dinheiro, curtir com amigos, estudar, ter uma carreira, comprar um carro.

## 4.1.9 Meninas órfãs guardiãs da memória culinária

A ligação existente entre memória e fazer culinário guarda aspectos subjetivos do gosto e dos hábitos familiares dos comensais. A depender de outros convívios, a morte materna pode modificar o gosto de costume e motivar novos modos de fazer culinário. No contexto dos órfãos, a falta da mãe pode ser revivida pela culinária em busca do gosto da comida materna, preservando as receitas familiares. Jovens órfãos no contexto de HIV/AIDS relatam a influência da memória sobre o seu fazer culinário.

O "gosto gostoso" surge nos relatos quando eles se referem ao tempo (passado) em convivência com os pais vivos, principalmente a mãe. Letícia conta que "quando temos independência dos pais é uma independência gostosa porque temos aquele cuidado, os pais ali protegendo, caminhando e te auxiliando". Esta distribuição dos papéis fica clara em diversos depoimentos, principalmente dos jovens garotos:

Humberto pensa que se ele "fosse mulher seria um pouco melhor porque mulher é mais organizada, mais decidida. Mulher é mais caseira, mais espírito família". Benjamin resume este pensamento em: "As mulheres cozinham... Os homens zoam".

Nesse caso, as mulheres-mães-filhas seriam as guardiãs da memória das comidas, essencialmente relacionadas à figura de suas mães. Simbolizam o tempo, a companhia, a segurança do lar. Na relação com o tempo passado, os estímulos são, a cada instante, captados pelos sujeitos em comensalidade através dos "órgãos de nutrição" e armazenados na memória para que os jovens digam algo sobre quem foram, por que são, e o que pretendem ser.

"No artifício da cultura, a eleição de certos sabores constitui alicerce do patrimônio seletivo no domínio familiar. O paladar é um agente milenar, condicionador, poderoso em sua suficiência" (CASCUDO, 2004, p. 14). Enquanto "o gesto só dura enquanto durar sua função de utilidade, sustentado pelos milhares de reatualizações de seus praticantes [...] só é refeito se [...] ainda for de necessidade real em vista do esforço que exige" (GIARD, 2008, p. 273). O gesto exige esforço, e só é refeito se necessário. Se esta condição é satisfeita, vai reproduzir-se até criar cultura. É a repetição de gestos que constrói a vida e suas memórias. É o que preenche os relatos desses jovens.

Nesse ínterim, as mães exercem um papel significativo na transmissão do fazer culinário aos seus filhos. Elas transmitem cotidianamente uma gama de informações e uma parte significativa dessas será na cozinha e sobre a cozinha. A forma como farão isso será um importante indicador do papel da mãe como transmissora e formadora do gosto dos filhos. Penélope relata o modo de preparo da lasanha e a forma como a mãe pontuava sua presença: "A lasanha é uma coisa que eu via ela fazendo e fazia então... Sempre ela fazia e eu via. Ela olhava pra mim sempre. Eu ali aprendendo".

Logrará ela o feito de que o olhar memorize o fazer culinário ensinado? O gesto faz parte da transmissão da receita para que as memórias e gostos sigam se perpetuando de geração em geração, exige paciência, delicadeza e o olhar pontuam a pertença familiar.

A falta da presença materna ecoa como uma ameaça sobre o registro da história individual e familiar. Equivale a dizer que o presente foi roubado da juventude órfã, porque há uma preocupação a mais em recorrer ao passado ou projetar-se para o futuro. Assim, as memórias apresentam-se como um fio que liga presente, passado e futuro através do gosto. A memória desse tempo passado relaciona-se em muitos momentos com lembranças que têm que ver com alimentos, seja no momento da eleição do que comer, no preparo, na partilha.

De acordo ao empírico, a perda da mãe representa uma ruptura da comensalidade familiar. A profundidade dessa ruptura repousa sobre o papel das mulheres-mães-filhas enquanto guardiãs dos gostos memoráveis ideais. Tornam-se responsáveis por manter acesa a chama da comensalidade, das receitas de família, do convívio e, por extensão, da cultura alimentar como um todo. Gostos memoráveis motivam a réplica da culinária no presente. Do ponto de vista teórico, reafirmamos: na memória alimentar estão contidos elementos saborosos marcados pelos convívios e motivadores de diálogos terapêuticos.

É fácil constatar que os costumes culinários estão regidos pela cultura à qual pertencemos. Essa tradução pode ser realizada através da reprodução de gestos, modos de fazer, de cultivar e de servir alimentos. As predileções por gostos, bem como o modo de preparo ficam no imaginário e de alguma maneira se vinculam às pessoas que nos apresentaram pela primeira vez a determinadas comidas, em determinado tempo, em certos lugares ou lares, permanecendo para sempre na memória.

A cozinha materna reconduz mensagens de segurança advindas do campo do imaginário. Remete àquilo que foi consumido na infância em ambiente tranquilo, com pessoas experientes, ternas, que participaram da construção do gosto, que dotaram o paladar e a predileção por sabores. Foi desenvolvida com base na observação de consumo pelas gerações anteriores. Receitas com gostos de outrora que permanecerão para sempre na memória, instigando a réplica da culinária.

#### 4.2 Resultados e discussão da abordagem quantitativa

## 4.2.1 Perfil sócio demográfico da amostra de jovens

A população da amostra é composta por 276 jovens. Todos são órfãos pela AIDS, mas nenhum deles era soropositivo para o HIV/AIDS. De acordo com a Tabela 1, a maioria deles tinha idade entre 19 a 24 anos de idade no momento de realização do estudo. Mais da metade deles era do sexo feminino. Havia a mesma proporção entre brancos, pretos e pardos. Em relação ao estado civil, a maioria era solteiro, com o ensino médio completo, não trabalhava e em relação à religião se diziam católicos.

De acordo à Tabela 2, entre os jovens da fase quantitativa, diferentemente da fase qualitativa, a orfandade por parte de pai era a mais frequente. A maioria deles morava com a família e recebia cuidado por parte de algum familiar consanguíneo. Observou-se que 42% deles já se diziam aptos a cuidar de si mesmos. Um total de 78% deles relatou alguma experiência no preparo de alimentos por conta própria.

Tabela 1 - Frequências, proporções e intervalo de confiança das características sócio demográficas dos jovens órfãos por AIDS. São Paulo. 2009. (n=276)\*

Variáveis	n	%	IC (95%)
Idade (anos)			
15 a 18	91	32,2	39,4;54,7
19 a 24	185	67,8	45,3;60,5
Sexo			
Masculino	129	47,0	26,7;38,2
Feminino	147	53,0	61,8;73,3
Cor de pele			
Branca	98	36,2	2,8;44,9
Preta	68	25,1	18,7;32,7
Parda	110	38,6	33,4;44,2
Estado civil			
Solteiro	233	85,0	79,4;88,9
Casado	43	15,0	11,0;20,5
Escolaridade** (n=274)			
1° grau	82	28,6	2,3;34,9
2º grau	173	64,3	58,6;69,6
3° grau	19	7,0	4,3;11,2
Trabalha fora			
Sim	111	40,0	34,4;46,4
Não	165	60,0	53,6;65,5
Religião			
Católica	111	40,6	35,2;46,4
Evangélica	82	28,3	22,6;34,6
Outras	83	31,0	24,4;38,4

Fonte: Pesquisa Comensalidade de jovens órfãos pela AIDS (MOREIRA, 2009). Notas: \* 2 jovens não informaram a escolaridade.

Tabela 2 - Frequências, proporções e intervalo de confiança das variáveis relativas à orfandade,

cuidado e convívio dos jovens. São Paulo. \*2009. (n=276)

Variáveis	n	%	IC (95%)
Tipo de orfandade			
Paterna	128	47,5	39,0;56,1
Materna	61	22,5	16,4;30,0
Dupla	87	30,0	23,6;37,1
Condição de moradia			
Sem família	81	30,2	2,4;37,1
Com família	195	69,8	62,8;76,0
Cuidado			
Família	142	51,4	44,7;57,9
Autonomia para se cuidar	116	42,1	36,7;47,0
Outros	18	6,5	3,8;11,0
Autonomia para cozinhar*			
Sempre/às vezes	215	78,6	16,7;26,8
Nunca	60	21,3	73,2;83,2

Nota: \*1 não informou sobre autonomia para cozinhar. Fonte: Pesquisa Comensalidade de jovens órfãos pela AIDS (MOREIRA, 2009).

## 4.2.2 Padrão de convívio comensal dos jovens órfãos pela AIDS

É possível constatar que o padrão de convívio comensal do jovem durante o café da manhã é familiar, ou seja, a grande maioria deles afirmou tomar o café da manhã com familiares diariamente tanto em dias da semana (48%), quanto nos finais de semana (51%). Contudo, observou-se uma tendência, entre eles, a ingerir o café da manhã a sós, com mais frequência durante a semana (30%) do que em finais de semana (16%). No final de semana, o pulo do café da manhã foi mais frequente (22%) do que durante a semana (11%). A casa foi o local mais frequente de realização do café da manhã tanto durante a semana (97%), quanto no final de semana (94%). Em torno de 3 a 5% de jovens tomaram o café da manhã fora de casa, nos dias da semana e do final de semana, respectivamente. Em relação ao teor da refeição, 60% disseram ter consumido café da manhã completo durante a semana, contendo geralmente café com leite, pão com margarina. Muito raramente foi relatado o consumo de frutas no café da manhã. As vezes em forma de suco. Enquanto, que quase 40% disseram ter abreviado o café da manhã durante a semana, consumindo apenas um único ingrediente líquido (xícara de café, ou café com leite ou um copo de leite com achocolatado e ou chá mate).

Para verificar associação entre temporalidade (calendário da semana e fim de semana e ritmo diário) e ocorrência de refeições observou-se que em relação ao final de semana, ocorre o inverso, pois 53% abreviaram o café da manhã enquanto 46% relataram o consumo de refeição mais completa no café da manhã. Uma baixa frequência de comensalidade com amigos, menos de 10%, tanto no café da manhã da semana quanto no final de semana(Tabela 3). Contudo, foram encontradas associações estatisticamente significante entre o tipo de convívio comensal e temporalidade. Convívio comensal com a família no café da manhã está associado aos dias da semana e do final de semana (p<0,001) e convívio comensal familiar se mostrou associado ao teor da refeiçãocompleta (p<0,001). No entanto, não foi encontrado resultado estatisticamente significante entre convívio comensal e local de realização das refeições, em casa ou fora de casa (p>0,001).

O "pulo", conforme descrito no método, refere-se ao ato de o jovem ter se alimentado somente no período de refeição seguinte. O teste de hipótese de Rao Scott demonstrou que os convívios comensais estão associados ao tempo (semana e fim de semana) e aos ritmos diários (café, almoço ou jantar).

Tabela 3 - Sincronia do café da manhã com jovens órfãos pela AIDS. São Paulo, 2009

		Café da manhã						
		Semana			Fim de semana			
Comensais	n	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)		
Familiares	133	48,2	42,3; 54,0	140	51,2	44,3;58,1		
Amigos	29	9,8	6,5; 14,3	26	9,7	6,4;14,6		
A sós	81	30,4	25,3; 36,2	47	16,3	11,0;22,3		
Pulo	32	11,3	7,8; 15,9	63	22,6	17,6;28,5		
р						0,001		
						_		
Refeição familiar								
Em casa	129	97,0	92,5; 98,8	133	94,8	90,2;97,3		
Fora	4	3,0	1,2; 7,5	7	5,2	2,7;9,8		
Total	133	100		140	100			
р						0,6792		
Refeição familiar								
Abreviada	50	39,3	31,6; 47,5	71	53,4	43,8;62,7		
Completa	83	60,7	52,5; 68,4	69	46,6	37,3;56,2		
Total	133	100		140	100			
р						0,0012		

Fonte: Pesquisa Comensalidade de jovens órfãos pela AIDS (MOREIRA, 2009).

O padrão de convívio comensal do jovem durante o almoço é familiar. Mais da metade da amostra, ou seja, quase 52% deles, afirmou ter almoçado com familiares

em dias da semana e 70% nos finais de semana. Observou-se que o almoço a sós, foi mais frequente durante a semana (18,9%) do que em finais de semana (8,2%). O convívio com amigos durante o almoço da semana (16,7%) e do final de semana (13,7) foi mais frequente que no café da manhã. O pulo do almoço foi mais frequente durante a semana (12,4%) do que no almoço do final de semana (7,6).

A casa foi o local mais frequente de realização do almoço durante a semana e durante o final de semana, comportando-se de modo semelhante, em torno de 91%, enquanto que o almoço fora também foi semelhante durante a semana e no final de semana em torno de 9%. Em relação ao cardápio consumido no almoço, disseram ter consumido um almoço em forma de refeição completa na semana (86,8%) e um pouco menos (73,8) referiu ter ingerido uma refeição completa no final de semana. Enquanto que, 13,2% abreviaram o almoço da semana e 26,2% abreviaram o almoço do final de semana.

O cardápio consumido nas refeições do almoço era basicamente arroz e feijão ou macarrão, ou ambos, acompanhados de uma carne bovina ou de frango e de pouca variedade de vegetais (batatas, cenouras, alface e tomate). O consumo de frutas ocorria mais em forma de suco. As abreviações de refeições correspondiam ao consumo de hambúrguer com pão, com arroz ou com macarrão instantâneo, ou sanduiches de embutidos, com pouco ou nenhum acompanhamento de vegetais. De acordo com o método, o cardápio da refeição familiar foi categorizado em relação à proveniência (alimentos da terra, industrializados), variedade e grau de elaboração em forma de refeição completa e ou abreviação (fast food) para facilitar a análise dos dados.

De acordo a Tabela 4, foram encontradas associações estatisticamente significantes entre o convívio familiar no almoço e temporalidade (calendário dos dias da semana e do final de semana). Convívio comensal com a família no almoço está associado aos dias da semana e do final de semana (p>0,001) e ao ritmo diário do almoço (p>0,005). O convívio familiar não se mostrou associado à refeição completa no almoço (p>0,001). Tampouco foi obtido resultado estatisticamente significante entre convívio comensal e local de realização do almoço, em casa ou fora de casa (p>0,001).

Tabela 4 - Sincronia do Almoço com jovens órfãos pela AIDS. São Paulo, 2009

				Almoço		_
		Seman	а		Fim de sema	na
Comensais	n	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)
Familiares	143	51,9	45,0;58,7	193	70,3	63,0;76,0
Amigos	44	16,7	12,0;22,6	38	13,7	9,9;18,7
A sós	54	18,9	14,0;24,0	23	8,2	5,4;12,3
Pulo	35	12,4	9,1;16,6	22	7,6	4,9;11,5
р						0,002
Refeição familiar						
Em casa	132	90,7	82,7;95,2	179	91,3	84,1;95,5
Fora	11	9,3	4,8;17,3	14	8,7	4,5;15,9
Total	143	100	, , ,	193	100	, , ,
p						0,0517
Refeição familiar						
Abreviada	19	13,2	8,3;20,4	48	26,2	19,8;33,7
Completa	122	86,8	79,6;91,7	145	73,8	66,3;80,2
Total	141*	100	-,-,-	193	100	, - , ,—
р						0,6776

Nota:\*não inform. Fonte: Pesquisa Comensalidade de jovens órfãos pela AIDS (MOREIRA, 2009).

Durante o jantar, o padrão de convívio comensal do jovem ainda é familiar. Pois, mais da metade da amostra relatou ter jantado com familiares durante a semana (57,9%) e durante o final de semana (52,7%). Em seguida, o pulo do jantar foi a opção mais frequente durante a semana (18,3) e durante o final de semana foi ainda maior (26%). Observou-se que o jantar a sós, foi mais frequente durante a semana (14,8%) do que em finais de semana (9%). O convívio com amigos durante o jantar também foi pouco frequente na semana (8,8%) e no final de semana (11,8%).

A casa se manteve como o local mais frequente para o jantar, comportando-se de modo semelhante na semana e no final de semana, em torno de 96%. O jantar fora foi pouco frequente e muito semelhante na semana e no final de semana em torno de 4%.

Em relação ao cardápio do jantar, 74% disseram ter consumido um jantar completo na semana (86,8%) e um jantar completo no final de semana foi relatado por 58,7% deles.

A frequência de abreviações do jantar do final de semana foi maior (41,3%) do que a abreviação do jantar durante a semana (25,7%). O cardápio consumido no jantar da semana era basicamente a repetição dos itens consumidos no almoço. No entanto, em alguns casos, era a repetição do que foi consumido no jantar. Enquanto

que, as abreviações do jantar incluíam o consumo de *fast food*, pizzas e outros *deliveries*.

Com o objetivo de verificar associação entre temporalidade (variável medida pelo contraste entre semana e fim de semana e ritmo diário), constatou-se, de acordo a Tabela 5, que existe associação estatisticamente significante entre o convívio comensal no jantar e temporalidade. O convívio comensal familiar está associado ao jantar em dias da semana e do final de semana (p<0,001). O convívio familiar não se mostrou associado à refeição completa no jantar (p>0,001) e também não há associação estatisticamente significante entre convívio comensal familiar e local de realização do jantar, em casa ou fora de casa (p>0,001).

Tabela 5 - Sincronia do jantar com jovens órfãos pela AIDS. São Paulo, 2009

					Jantar		
			Semar	na		Fim de Sema	ına
Comensais		n	%	IC (95%)	n	%	IC (95%)
Familiares		159	57,9	50,7; 64,0	145	52,7	47,0; 58,3
Amigos		24	8,8	5,8; 13,3	35	11,8	8,5; 16,0
A sós		42	14,8	10,8; 19,8	24	9,0	6,0; 13,2
Pulo		51	18,3	13,4; 24,5	71	26,0	21,0; 31,7
	р		-			· 	0,001
Refeição Familia	ar						
Em casa		153	96,2	90,9; 98,5	138	95,3	89,1; 98,1
Fora		6	3,8	1,5; 9,1	7	4,7	1,9; 10,9
То	tal	159	100		145	100	
	р						0,6247
Refeição familia	r						
Abreviada		41	25,7	18,8; 34,1	59	41,3	33,8; 49,1
Completa		117	74,3	65,9; 81,2	86	58,7	50,9; 66,2
•	tal	158*	100		145	100	. , ,
	р						0,7000

Nota:\* Sem resposta. Fonte: Pesquisa Comensalidade de jovens órfãos pela AIDS (MOREIRA, 2009).

#### 4.2.3 Ritmos temporais e o papel estruturante da refeição para a família

A análise dos dados quantitativos sob a perspectiva da temporalidade permitiu observar que a estrutura dos convívios emerge na atenção que é dada ao compromisso temporal às refeições. Os convívios são sincronizados durante a semana e no fim de semana. Observa-se que as refeições familiares se mantêm estruturada em três ritmos diários de convívios familiares (café da manhã, almoço e jantar).

É possível inferir que as refeições familiares estavam fortemente associadas à temporalidade. O compromisso de comer junto com a família está vinculado a sincronia do calendário da semana e do final de semana e aos ritmos temporais que são demarcados pelos compromissos diários: café da manhã, almoço e jantar. A partir dessas informações é possível inferir que as refeições exercem papel estruturante na sincronização dos convívios comensais entre jovens órfãos pela AIDS.

Não foi encontrada associação entre convívios familiares e local da realização das refeições (em casa ou fora de casa) em nenhuma das refeições. Contudo, observa-se que a casa foi identificada como o local mais frequente de encontro para Refeição Familiar tanto na semana quanto no fim de semana. Os cardápios das refeições completas eram muito mais frequentes diariamente na população de jovens paulistanos, mesmo órfãos da AIDS, divergindo da literatura internacional que apontava a frequência de consumo de refeições completas de 2 a 3 vezes, semanalmente.

O cardápio relatado ainda se dá em forma de refeição, embora tenha sido notória, durante a classificação dos alimentos, uma mescla de componentes de origem da terra disputando o mesmo prato com hambúrgueres e salsichas. O grau de elaboração do repertório tende a ser maior; entretanto, foi observado que o teor das refeições apresentava pouca ou nenhuma variedade de hortaliças e frutas. O grau de elaboração do cardápio ainda se dá em forma de refeição, embora tenha sido notória, durante a classificação dos repertórios, uma mescla de componentes de origem da terra disputando o mesmo prato com hambúrgueres e salsichas.

O pulo do café da manhã foi o relato mais frequente entre os jovens e corrobora com os achados na literatura. Também foi frequente entre os jovens da Fase Qualitativa, o pulo de refeições, principalmente do café da manhã. Os resultados obtidos assemelham-se àqueles encontrados por Sobal e Nelson (2003, p. 181), nos quais a família também dominou a composição de companhias comensais. A comensalidade familiar foi medida, por eles, apenas com os membros imediatos da família que constituía o círculo regular de comensais. Tanto a frequência de pulo do café da manhã quanto sua abreviação coincidem com a premissa levantada por Fernández-Armesto (2004, p. 45) a respeito do comensal contemporâneo:

Antes de sair de casa, não tomam o café da manhã com os demais membros da família porque os horários de trabalho atuais não coincidem ou porque já não há mais tempo na rotina diária para momentos de lazer no café da manhã (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2004, p. 45).

De acordo com Pliner e Rozin (2000, p.19), o desjejum americano é a refeição mais frequentemente abreviada, ignorada e sem alimentos especiais. Parece tratarse também de uma anomalia comensal, pois é a refeição menos social, em geral tomada isoladamente pela maioria dos indivíduos.

Videon e Manning (2003, p. 365), em estudo envolvendo padrões alimentares de adolescentes, constataram que a presença dos pais durante o jantar se associava a um maior consumo de frutas, legumes e laticínios, e tornava estes jovens menos propensos a pularem o café da manhã.

Uma propensão crescente dos escolares não realizarem mais o café da manhã em suas casas também foi evidenciada no Japão, pois, em 1999, 26% deles já haviam aderido à tendência (KUSANO-TSUNOH et al, 2001, p. 194). As mudanças no ritmo de tomada do desjejum decorrem, ainda de acordo Kusano-Tsunoh e col., (2001, p. 194), do crescimento econômico japonês, que provocou a migração do campo para a cidade e a quebra das unidades familiares extensas para as nucleares.

No presente estudo, os cardápios ainda se mantinham estruturados em forma de refeição, com poucas abreviações, no entanto o teor dos menus evidencia que, atualmente, uma alimentação de transição da regionalista (brasileira) para a globalizada. Esta tendência está de acordo com que foi apontado por Monteiro, (2000): "No Brasil, devido à transição nutricional, a tendência é reduzir o consumo de cereais e tubérculos, substituir carboidratos por lipídios e trocar proteínas vegetais por proteínas animais" (MONTEIRO, 2000, p.85).

O compromisso temporal em refeições foi constatado pelo comer em companhia de familiares, em casa, nas três principais refeições da semana e do final de semana. Essa informação condiz com os resultados dos testes estatísticos no qual o padrão do convívio familiar estava associado estatisticamente de modo significativo à temporalidade (semana ou fim de semana) e com os horários e ou ritmos de realizar refeições diariamente. Em relação ao espaço, as refeições se dão preferencialmente em casa e a elaboração dos alimentos que compõem o cardápio

compartilhado ocorre em forma de refeição, favorece a socialização com os membros da família.

No entanto, foram notadas frequências muito baixas de convívios comensais com amigos. As refeições com amigos tendem a diminuir e o comer a sós surge como categoria dentro do espaço de convívio da família. A reciprocidade, que promoveu a organização humana, outrora promulgada pela obra de Mauss (2001, p. 52); a capacidade de repartir, "de esperar sua vez", como função de um sentimento progressivo de reciprocidade, que por si mesmo resulta de uma experiência vívida do fato coletivo e de um mecanismo mais profundo de identificação com o outro vai se tornando escasso nos convívios comensais. Os convívios contemporâneos, conforme notaram Sobal e Nelson (2003, p. 181), "muitas vezes não atingem o nível de intimidade da comensalidade".

### 4.2.4 Aspectos condicionantes das refeições de jovens com seus familiares

Para verificar se a ocorrência de refeição familiar estaria associada a alguma variável sócio demográfica foram realizados testes de hipótese de Rao Scott (STATA, 2010). De acordo com a Tabela 6, nenhuma variável sócio demográfica incluindo sexo, idade, trabalho remunerado, escolaridade, estado marital, religião e cor da pele se mostrou associada à refeição familiar. Não foram encontrados resultados estatisticamente significantes entre refeição familiar em relação às variáveis sócio demográficas (p>0,005). Além do compromisso temporal da família em se reunir para comer evidenciado anteriormente, o compromisso de coabitação com familiar foi associado estatisticamente à realização da refeição familiar, mas somente nos dias da semana (p<0,005).

É possível inferir que a refeição familiar tem um papel estruturante em torno da temporalidade (ciclos de fome) e da biologia da consanguinidade. As realizações das refeições familiares estão associadas em torno das sincronias temporais, ou seja, com compromissos para comer com a própria família.

A coabitação ou o fato do jovem residir ou não em companhia familiar se mostrou associado estatisticamente à comensalidade familiar. Esse resultado pode levar a sugestão de que a comensalidade familiar é fundamental para a organização dos convívios domésticos. Assim, é possível aferir uma grande influência à

companhia, ou falta dela, durante as refeições, no sentido de influenciar largamente na escolha da qualidade e quantidade dos alimentos que serão ingeridos.

Tabela 6 - Frequências, proporções e intervalos de confiança da comensalidade familiar dos jovens órfãos por AIDS na semana e no final de semana segundo perfil sócio demográfico. São Paulo, 2009

Variáveis							Refeição f	amiliar					
				Sema	ana					Final de	e semana	3	
			Não			Sim	1		Nã	0		Sim	1
		n	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)
Sexo							_	-			-		
Masculino		10	35,9	20,0;55,5	103	47,2	39,4;55,2	8	58,1	27,4;83,6	110	47,1	39,3;55,0
Feminino		16	64,1	44,5;79,9	118	52,8	44,8;60,6	5	41,9	16,4;72,6	126	52,9	45,0;60,7
	р						0,2179						0,4505
Idade													
15-18		7	28,6	15,2;47,4	78	34,1	27,1;41,9	5	39,8	18,6;65,6	83	34,3	27,9;41,3
19-24		19	71,4	52,6;84,8	143	65,9	58,1;72,9	8	60,2	34,4;81,4	153	65,7	58,7;72,1
	р						0,5928						0,6698
Trabalho													
Sim		14	52,7	29,6;74,7	77	35,0	28,9;41,7	7	50,1	22,6;77,6	88	37,4	30,9;44,4
Não		12	47,3	25,3;70,4	144	65,0	58,3;71,1	6	49,9	22,4;77,4	148	62,6	55,6;69,0
1100	р		17,0	20,0,70,1		00,0	0,1682	Ŭ	10,0	, ,,,,,,	110	02,0	0,4106
	Р						0,1662						0,4100
Escolaridade													
1º grau		9	33,3	21,2;48,0	67	29,6	23,1;36,9	5	35,6	16,1;61,3	67	27,4	21,5;34,2
2º grau		13	51,9	32,5;70,8	141	65,3	59,0;71,1	7	56,4	31,5;78,4	153	66,6	60,3;72,4
3º grau		4	14,8	5,8;32,6	11	5,1	2,7;9,3	1	8,0	1,0;42,5	14	6,0	3,4;10,3
	р						0,0961						0,7539
Estado marita	I												
Solteiro		25	94,5	67,8;99,3	180	82,1	76,0;86,9	12	92,0	57,5;98,9	195	83,2	77,2;87,9
Casado/unido		1	5,5	0,7;32,2	41	17,9	13,1;24,0	1	8,0	1,0;42,5	41	16,8	12,1;22,8
	р						0,1910						0,4390

Tabela 6 - Frequências, proporções e intervalos de confiança da comensalidade familiar dos jovens órfãos por AIDS na semana e no final de semana segundo perfil sócio demográfico.São Paulo, 2009

Variáveis						Refeição f	familiar					
			Sema	ana					Final de	e semana	3	
		Não			Sim	1		Nã	0		Sim	1
	n	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)	n	%	IC(95%)
Religião												
Evangélica	6	22,3	11,0;40,1	66	28,2	21,4;36,3	3	23,0	8,1;50,4	74	29,8	23,2;37,3
Católica	8	33,4	15,1;58,5	95	43,4	37,5;49,4	3	22,9	6,9;54,3	100	42,9	36,9;49,2
Nenhuma/outras	12	44,3	25,1;65,4	60	28,4	22,5;35,2	7	54,1	29,5;76,8	62	27,3	21,2;34,3
р						0,3157						0,1283
Cor de Pele												
Branca	7	28,4	12,4;52,6	81	37,1	29,3;45,7	4	31,1	12,9;57,9	81	34,8	26,5;44,1
Preta	7	25,2	12,9;43,2	51	24,1	17,4;32,4	2	14,6	3,3;46,1	61	26,8	20,1;34,6
Parda/amarela	12	46,5	29,1;64,7	89	38,8	33,1;44,7	7	54,2	29,7;76,9	94	34,4	32,4;44,9
р						0,6018						0,3891
Com quem mora												
Não familiar	14	52,3	32,9;71,0	55	26,3	20,2;33,5	7	52,6	24,1;79,5	62	27,1	20,7;34,6
Familiar	12	47,7	28,9;67,1	166	73,7	66,5;79,8	6	47,4	20,5;75,9	174	72,9	65,3;79,3
р						0,0043						0,0722

Fonte: Pesquisa Comensalidade de jovens órfãos pela AIDS (MOREIRA, 2009).

Embora para o presente estudo não tenhamos encontrado resultados estatisticamente significantes entre refeição familiar em relação aos condicionantes sócio demográficos, existe uma vasta literatura apontando efeitos de interações sociais na alimentação e influências de determinantes externos nos convívios comensais. Em parte, os resultados estatísticos se devem a uma caracterização muito homogênea da população da amostra.

Todos nós, seres humanos, temos necessidade biológica para comer, entretanto, refeição familiar, convivência motivada pelo comer, pode ser modificada em função de condições sócio demográficas (SOBAL; NELSON, 2003, p. 181). O convívio familiar e a coabitação são partes de um *continuum* de relações de afetividade, pois grande parte do relacionamento familiar é influenciada pela comensalidade (SOBAL et al., 2002, p. 378). Desta forma, alguns aspectos da alimentação em família também podem ser prejudiciais à saúde, como demonstraram Ristovski-Slijepcevic e Chapman, (2005, p. 301) afirmando que a percepção de refeição saudável pode variar, devido ao conjunto de fatores que pesariam sobre todo o núcleo familiar. Da mesma forma, Bove et al. (2003, p. 25) mostraram como a coabitação pode levar a uma variedade de padrões de convergência em relação à escolha de alimentos.

A coabitação pode ser vista como uma importante mudança de vida, podendo funcionar como uma oportunidade de rever valores e, possivelmente, alterar hábitos alimentares, renegociando-os em conjunto e/ou modificando-os. Em combinação com outros fatores, a coabitação fornece uma possibilidade para tornar a alimentação mais saudável, pois tem o potencial de levar a mudanças positivas sobre o comer.

O casamento representa um período de transformação nos mais diversos aspectos da vida de um indivíduo, inclusive em seus hábitos alimentares. A literatura aponta que a comensalidade, enquanto cuidado, está incutida no próprio significado deste compromisso, pois o casamento significa, para um homem, que uma mulher vai cozinhar para ele e, para uma mulher, que ela vai alimentar um homem: comerem e dormirem juntos são dois lados da mesma moeda. Assim, a situação de um casal que vive junto pode expressar-se pela comida, pelo sexo e pelo abrigo comum (VISSER, 1998, p.78). Eis, como exemplo, alguns versos de uma canção de amor de Papua-Nova Guiné:

Você me disse: 'Vou cozinhar para você em meu fogão' Você me disse: 'Vou cozinhar para você em meu fogo...'

Nesses casos sucede que, se a mulher decidir parar de cozinhar para seu homem ou se ele recusar-se a ser alimentado por ela ou insistir em cozinhar para si mesmo, a interrupção é sinal externo de uma séria falha no relacionamento dos dois; uma ação desse tipo significa o início de um divórcio (VISSER, 1998, p. 78).

Após o casamento, forma-se uma nova unidade familiar, uma rotina comensal determinada; a entrada numa família é uma transformação significativa na trajetória comensal que muda os padrões, expectativas e interpretações do convívio à mesa (SOBAL et al., 2002, p. 378).

O casamento em si foi um projeto de comensais, onde as pessoas estabeleciam e aspiravam aos ideais de comer com seus cônjuges. Isto é congruente com outros trabalhos sobre a 'refeição apropriada', que enfatiza que as pessoas têm um modelo cultural sobre os ideais de refeições adequadas (MURCOTT, 1997, p. 32).

A concepção de refeição adequada inclui comer com as pessoas certas, neste caso, o cônjuge. A comensalidade é um componente importante de como as pessoas esperam e realizam a vida conjugal. "No mundo inteiro, as cerimônias de casamento incluem a partilha de comida e bebida entre as duas famílias e seus amigos; frequentemente, o consumo de comida e bebida juntos, pela noiva e o noivo, é o casamento em si" (VISSER, 1998, p. 87).

Introduzir-se num relacionamento marital significa uma refeição mais regular, mais elaborada e até obrigatória, o que pode modelar a incorporação de novos hábitos. As pessoas casadas têm café da manhã e jantar com mais frequência, refletindo a importância dos relacionamentos para a alimentação (SOBAL et al., 2002, p. 378). A literatura revela que recém-casados nem sempre tomavam café-damanhã e/ou almoçavam durante a semana com seus parceiros, mas constantemente procuravam jantar juntos (SOBAL et al., 2002, p. 378). Em uma diferente análise, indivíduos solteiros parecem compensar sua falta de comensalidade marital, sendo mais propensos a comer com os amigos (HOLM, 2001a, p. 159).

Não obstante, além de alterar a rotina das refeições, o início da coabitação representa um ponto onde as abordagens individuais são renegociadas com a finalidade de rever o consumo anterior de alimentos versus manter práticas alimentares saudáveis. Simultaneamente, o casamento também favorece a

regularidade de compras e hábitos alimentares (RISTOVSKI-SLIJEPCEVIC ECHAPMAN, 2005, p. 301).

A coabitação tem grande potencial direcionador dos convívios comensais. Um dos motivos deve-se à regularidade, pois coabitantes tendem a comerem regularmente à hora do jantar, um momento que pode ser considerado especial, inclusive. Outro aspecto diz respeito ao preparo de uma "refeição real", pois podem sentir-se responsáveis pelo bem-estar da outra pessoa, escolhendo expressar o seu amor e cuidados através da preparação de refeições; todavia, quando vivem sozinhos, pode ser mais frequente o hábito de "pegar" uma "coisa rápida", sem se importarem com a qualidade do alimento. De fato, o aumento da regularidade da refeição está intimamente entrelaçado com o aumento da elaboração da mesma (SOBAL et al, 2002, p. 378).

Os indivíduos que trabalham fora tendem a compartilhar suas refeições com seus colegas de trabalho, conquanto, outros aspectos parecem influenciar o comer em conjunto, tais como o tipo de ocupação, a jornada de trabalho e a regularidade. Outro fato a ser observado é uma menor frequência de comensalidade durante o dia devido à demanda do trabalho (DEVINE et al., 2003, p. 617; HOLM, 2001a, p. 159), e uma maior prevalência da comensalidade noturna devido às normas de alimentação adequada e jantares em família refletindo, assim, a predominância da família e os papéis do trabalho na sociedade contemporânea (DEVINE et al., 2003, p. 617; HOLM, 2001b, p. 199, MURCOTT, 2000, p. 78).

A falta de jovens estudantes em refeições com a família também pode ocorrer em razão de atividades extra curriculares, pois estas podem, inclusive, levar adultos a perderem suas refeições, devido ao transporte e acompanhamento dos estudantes em atividades diversas fora da família (SOBAL e NELSON, 2003, p. 181). Também é durante este período que os alunos começam a ter mais independência, prolongam suas jornadas até tarde da noite e começam a preparar-se para o vestibular. Segundo uma pesquisa de estilos de vida e de alocação de tempo, 10% dos estudantes da escola secundária relataram que ainda estudam à meia-noite (KUSANO-TSUNOH et al., 2001, p. 121).

Patricia Pliner e colaboradores(2006, p. 189) examinaram a duração da refeição em relação à quantidade de comida ingerida e o número de comensais numa amostra de 70 homens e 62 mulheres. O estudo concluiu que a

comensalidade influencia na escolha e, principalmente, na quantidade dos alimentos ingeridos por um indivíduo, pois os resultados demonstraram consistentemente que os participantes relataram comer mais quando estão na presença de, pelo menos, um acompanhante do que quando estão sozinhos.

Para os indivíduos pertencentes a diferentes culturas, repartir a comida é uma forma de transmitir suas identidades étnicas, e comer de maneira regular com os parentes parece ser parte desse processo. Afro-americanos relataram, com maior frequência, refeições realizadas na casa de familiares, reforçando a ideia sobre a força das relações de parentesco étnico nos EUA, cujo foco na partilha dos alimentos é a família (DEVINE et al., 1999, p. 86).

## 4.2.5 Frequências de refeições familiares e benefícios para o jovem

No presente grupo de jovens, o padrão de convívio comensal é familiar, ou seja, eles realizam mais frequentemente as refeições com, pelo menos, algum membro da família, tanto nos dias da semana (80%), quanto nos dias dos finais de semana (85%). Enquanto que os convívios comensais com amigos ocorreram com menor frequência, em torno de 10%, na semana e no final de semana. Quase 10% deles disseram ter realizado pelo menos uma refeição a sós na semana e quase 5,0% comeu a sós no final de semana (Tabela 7).

Tabela 7 - Frequências, proporções e intervalos de confiança da comensalidade entre jovens órfãos por AIDS. São Paulo, SP (2009)

Variáveis	n	%	IC(95%)
Comensalidade da Semana			
Comeu a sós	26	9,6	6,8;13,4
Comeu, pelo menos, 1 vez com a família	221	80,0	74,1;84,8
Comeu apenas com amigos	29	10,4	6,9;15,5
Comensalidade do Fim de Semana			
Comeu a sós	13	4,7	2,8;7,6
Comeu, pelo menos, 1 vez com a família	236	85,5	81,5;88,7
Comeu apenas com amigos	27	9,9	6,6;14,5

Fonte: Pesquisa Comensalidade de jovens órfãos pela AIDS (MOREIRA, 2009).

A maioria dos jovens respondeu que costuma fazer, pelo menos, uma refeição com a família diariamente na semana (80%) e pelo menos uma refeição em dias do

final de semana (85%). Diverge do estudo de Neumark-Sztainer e colaboradores (2003, p. 317) cujos resultados constataram que os adolescentes norte-americanos consomem, em média, apenas 3 a 4 refeições na semana com familiares e em casa.

O número de vezes que os jovens fazem refeições com a família, parece ter impacto significativo na qualidade de vida dos mesmos. Uma maior frequência de refeições em família está associada a um maior consumo de frutas, legumes e leite, com menor ingestão de alimentos fritos e bebidas gaseificadas (NEUMARK-SZTAINER et al., 2003, p. 317; VIDEON e MANNING, 2003, p. 365). Entretanto, a entrada na adolescência é o marco da diminuição da refeição familiar (KUSANO-TSUNOH et al., 2001, p.121, NEUMARK-SZTAINER et al., 2000, p. 317). Paralelamente, a insatisfação em relação ao corpo, a omissão de certas refeições ou redução no número de vezes que come com a família também aumenta o risco do consumo inadequado de frutas, verduras e laticínios (DWYER et al., 2001, p. 747, GILLMAN et al., 2000, p. 235).

Em geral, a entrada na adolescência repercute numa dieta de qualidade inferior à de quando era criança (CASON, 2006, p. 532). A adolescência é uma época de crescente autonomia incluindo o aumento de oportunidades para tomar decisões sobre o que, quando e onde comer. A quantidade de tempo que um adolescente dispõe e/ou deseja gastar em sua alimentação, somada ao fato de passarem mais tempo longe de casa pode impactar a participação nas refeições familiares. Quedas drásticas na realização de refeições familiares também são frequentes entre os adolescentes mais velhos, pois as agendas lotadas de pais e filhos impedem o momento de reunião (NEUMARK-SZTAINER et al., 2000, p. 317; KUSANO-TSUNOH et al., 2001, p. 121).

Estudo realizado por Neumark-Sztainer e colaboradores (2000, p. 317) indicou que, embora 74% dos adolescentes tenham relatado que gostam de comer com suas famílias, 53% não costumam comer juntos. Tal observação se explica pelo desafio contemporâneo das famílias em encontrar tempo para sentar-se à mesa, devido às demandas da escola, trabalho e envolvimento em atividades extracurriculares, sugere Cason, (2006, p. 532).

Kusano-Tsunoh et al., (2001, p. 121) em estudo transversal para esclarecer as mudanças que ocorrem no jantar de estudantes da escola primária e secundária em um distrito da região nordeste-moderna do Japão, realizou estudo para ver como os

alimentos eram selecionados de acordo com a união da família, no café da manhã e jantar. Eles investigaram as refeições de oito mil estudantes do ensino fundamental e quatro mil estudantes da escola secundária através de um questionário. Cerca de 70% dos estudantes da escola fundamental e menos de 50% dos estudantes do segundo grau tomavam o café da manhã com sua família, confirmando a hipótese de que a entrada na adolescência reduzia a frequência de comensalidade familiar que ocorria, principalmente, na refeição do café da manhã.

Entre meninas ocorre uma queda na qualidade e na frequência das refeições. Esta diferença pode ser explicada pelo fato de que, enquanto as mães tendem preparar as refeições para os meninos, geralmente preferem incentivar as meninas a cozinhar por si mesmas. Além disso, as meninas têm menos tempo para alimentarem-se na parte da manhã, pois procuram se arrumar com maior dedicação, maquiando-se e penteando os cabelos, como exemplos (KUSANO-TSUNOH et al., 2001, p. 121).

Notou-se, também, no estudo realizado no Japão, que a proporção dos jovens que comiam refeições com suas famílias diminuía consideravelmente entre o 6º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Tal mudança pode ser explicada devido a uma mudança no estilo de vida, causada pela entrada na adolescência, o acesso à cantina, uma maior autonomia para decidir o que comer, entre outros fatores (KUSANO-TSUNOH et al., 2001, p. 121).

A busca por autonomia para escolher e preparar as refeições por conta própria apresenta um risco significativo para saltar refeições. O pulo do café da manhã é uma decisão que os jovens fazem frequentemente, o que pode resultar em ingestão inadequada de nutrientes e consequente comprometimento do desenvolvimento esperado (DWYER et al., 2001, p. 747). Outra pesquisa envolvendo adolescentes encontrou associação entre presença familiar e consumo do café da manhã, pois estes, quando dispunham de maior autonomia, apresentaram 25% mais chances de saltar o café da manhã. Estes achados sugerem que o fornecimento de algumas diretrizes ao adolescente, em vez da autonomia completa, pode resultar em melhores padrões de consumo, como foi notado nos grupos focais, onde os adolescentes associaram a escolha de alimentos saudáveis com a refeição da família (NEUMARK-SZTAINER et al, 1999, p. 937) e identificam os pais como influências importantes em seus padrões de consumo (NEUMARK-SZTAINER et al., 2003, p. 317).

Para aferir a frequência das refeições em família com adolescentes Videon e Manning (2003, p.365) questionaram quantas vezes, pelo menos, um dos pais estava presente quando comeram a refeição da noite nos últimos sete dias; assim, os entrevistados foram divididos em três grupos: "sete ou seis refeições", "cinco ou quatro refeições" e "três refeições ou menos" — sendo que a última categoria constituiu o grupo de referência para todas as análises. A análise mostrou que a presença de pelo menos um dos pais durante a refeição da noite foi associada com uma probabilidade ampliada do consumo de frutas, verduras e laticínios e uma baixa probabilidade de saltar o café da manhã (VIDEON E MANNING, 2003, p. 365).

Absolon et al. (1988, p. 77) investigaram alguns fatores em casa e na escola para analisar o comportamento alimentar, bem como a qualidade da dieta de um grupo de 111 adolescentes do sexo feminino em Ontário para identificar os fatores comportamentais que foram associados à qualidade da dieta. Em relação ao café da manhã, foi constatado que a maioria delas preparava o próprio desjejum, embora uma minoria fizesse a refeição sozinha. Durante a análise, foi encontrada associação estatisticamente significante entre a participação dos pais no preparo do café da manhã e a qualidade da dieta consumida pelas mesmas.

Gillespie e Achterberg (1989, p. 509) examinaram padrões de interação familiar relacionadas à alimentação e nutrição e verificaram que o jantar é a refeição mais frequentemente compartilhada: 95% por cento das mães e 83% dos pais com filhos jovens da amostra transversal comeram a refeição da noite juntos. Ainda verificaram que as mães que trabalham em tempo parcial mostraram atitudes mais positivas em relação à nutrição e os escores mais altos de interação familiar (GILLESPIE EACHTERBERG, 1989, p. 509).

De acordo com a literatura, a refeição familiar ainda se constitui o padrão mais frequente de refeições e a família também foi retratada como sendo a companhia ideal. No entanto, a individualização das refeições tem sido comum na cultura alimentar contemporânea (BOVE et al., 2003, p. 25), e inclui a perda de tradicionais identidades coletivas para comer e compartilhar regularmente das refeições comensais (WARDE E MARTENS, 2000, p. 92). Pessoas que moram sozinhas comem diferentemente do que aquelas que vivem com outros (HOLM, 2001ª, p. 159), mas não necessariamente comem regularmente sozinhos (HOLM, 2001ª, p. 159).

A temporalidade medida pelo contraste do calendário semanal (semana versus final de semana) tem sido utilizada em investigações para avaliar diferenças de consumo entre as populações. Uma pesquisa estadunidense explorou a possibilidade do calendário semanal ter larga influência sobre a alimentação, quando comparado ao consumo diário registrado, em amostra representativa, no período de 1996 (HAINES et al., 2003, p. 945). Os resultados obtidos indicam que o americano, em média, consome 82 kcal a mais sobre cada dia do final de semana em relação ao consumo em dias da semana. Grupos etários mais jovens consumiram 115 calorias adicionais no fim de semana em comparação aos dias da semana, com os maiores aumentos provenientes de consumo de álcool (HAINES et al., 2003, p. 945). As principais diferenças na alimentação entre os dias da semana e do fim de semana são no total energético e no consumo de macronutrientes fornecedores de energia: nos fins de semana, o consumo de calorias, gordura e álcool elevam-se, enquanto o consumo de carboidratos e proteínas diminui (HAINES et al., 2003, p. 945).

A redução na frequência de refeições com a família vem sendo demonstrada por vários estudos em várias culturas, acentuando-se a cada década. Famílias nucleares norte-americanas compartilham menos refeições semanais com seus familiares quando comparadas com o Reino Unido, por exemplo. No Reino Unido, 80% dos homens e 73% das mulheres afirmaram que a família inteira tende a partilhar uma refeição todos os dias, na maioria das vezes, o jantar (WARDE E MARTENS, 2000, p. 92).

Contudo, nos Estados Unidos, 95% das mães e 85% dos pais disseram comer a refeição da noite junto com filhos mais novos (GILLESPIE E ACHTERBERG, 1989, p. 509). Em estudo realizado por Herzler (1976, p. 92), 88% dos adolescentes afirmaram que normalmente jantavam com seus pais, enquanto apenas 54% tinham o mesmo comportamento para o café da manhã.

Rodrigues e Almeida (1996, p. 387), em estudo sobre habilidades domésticas entre adolescentes em Portugal, revelaram que um terço dos entrevistados comia a sós durante a semana; contudo, nos finais de semana comiam sozinhos com menos frequência. E ainda segundo o mesmo estudo, o tipo de refeição mais frequente era com a família; seguido das refeições a sós e, por fim, com amigos. Pesquisa estadunidense mais recente concluiu que o total de adolescentes que relataram comer com a família, cinco ou mais vezes por semana, foi de 12% para o desjejum,

5% para almoço, e 69% para o jantar (ACKARD E NEUMARK-SZTAINER, 2001, p. 239).

Em relação à omissão familiar às refeições, Franco afirma que: "Nos grandes centros urbanos, a refeição familiar, símbolo da vida doméstica, tenderá a ser semanal. Quando a família se reunir diariamente para comer, será provavelmente ao jantar" (FRANCO, 2004, p. 247). Fernández-Armesto (2004) ainda sugere: "Quando chegam em casa à noite, pode não haver uma refeição a ser compartilhada — ou, se houver, podem não haver pessoas para compartilhá-la" (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2004, p. 45)

A capacidade de repartir inerente à reciprocidade promulgada pela obra de Mauss (2001, p. 52), tende a desaparecer, assim como as refeições com amigos darão lugar ao individualismo dentro da família. De acordo com os resultados do estudo de Sobal e Nelson (2003, p. 181), a comensalidade tende a se concentrar cada vez mais nos núcleos de convívios domésticos e nos gostos das pessoas envolvidas, talvez até pelos custos e disponibilidade de tempo e cuidado. Em decorrência do tempo necessário para o preparo das refeições, tanto o convite quanto os convívios para comer com amigos em casa tende a se esvaziar dos convívios contemporâneos.

Embora a família tenha sido a principal companhia comensal, um considerável consumo de alimentos a sós foi relatado e este ponto também assemelha-se ao individualismo observado no estudo de Sobal e Nelson (2003, p. 181), que atribuíram o resultado encontrado à composição das famílias norte-americanas, cerca de um quarto das famílias são compostas de apenas uma pessoa, em geral idosos ou jovens, que moravam sozinhos.

O pleno exercício do individualismo é retratado no comer a sós, é um tipo de refeição não comensal, visto que carece do significado social de uma refeição compartilhada. No comer solitário, os jovens improvisam refeições que alimentam o corpo apenas com energia, mas carecem de valor nutritivo relevante e não satisfazem o aspecto social do ato de comer. Refeições em família tendem a ser mais elaboradas e conter mais variedades de alimentos e seguirá a tendência apontada por Sobal (2000, p. 119) de que o jantar será particularmente "a refeição mais social do dia".

Os resultados do presente estudo, em relação ao convívio alimentar com amigos, corrobora os resultados encontrados por Sobal e Nelson (2003, p. 181). Os convívios contemporâneos, conforme eles notaram, "muitas vezes não atingem o nível de intimidade da comensalidade". A promulgação da amizade envolve frequentemente um comer mais informal (HOLM, 2001a, p. 159) e, talvez por conta dos contextos urbanos contemporâneos focados em torno dos interesses familiares, a reciprocidade parece não sustentar-se nos convívios com amigos para refeições. Contudo, fazem-se necessários outros tipos de instrumentos que permitirão apreender o cotidiano de uma maneira mais profunda em abordagens quantitativas.

Altruísmo e reciprocidade são habilidades que fizeram parte da evolução humana em sua sociabilidade. No entanto, o individualismo dentro da própria família é uma característica dos convívios contemporâneos. Ao mesmo tempo que a sincronia para comer é utilizada pelos familiares mais velhos, principalmente mulheres, como ajuste e manutenção dos convívios com os jovens. Eles se mantem residindo próximo aos familiares, zelam pelos vínculos consanguíneos com os quais tem afinidades para partilhar alimentos até que venham a ter autonomia para formar um novo ciclo comensal, com cônjuges, ainda que seja no quintal do familiar.

# **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O comportamento alimentar do jovem órfão pela AIDS em São Paulo caracteriza-se pelo convívio comensal em companhia familiar. Os convívios para refeições estão estruturados pela temporalidade. As sincronias para comer com a família são estabelecidas e cumpridas rotineiramente no tempo e no espaço, com ritmos de refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar) e distinções entre as refeições do dia da semana e do fim de semana.

Apesar das tendências aos individualismos (comer a sós e pular as refeições) dentro do espaço de convívio familiar, os resultados evidenciaram um forte vínculo de comensalidade do jovem com família. As sincronias espaciais e os ritmos temporais das refeições são responsáveis pela estrutura familiar porque atuam como causa e efeito do convívio familiar. As refeições são os compromissos sociais que mais demonstrem a estrutura organizacional da família. A refeição é a maneira de se manter juntos e se manter juntos é a maneira de ir além.

A temporalidade atua como eixo da sincronização dos convívios em ritmos temporais e espaciais. A temporalidade expressa o compromisso dos jovens às refeições. Do ponto de vista metodológico, a temporalidade foi uma das perspectivas mais eficazes para se avaliar comportamentos alimentares tanto de abordagem qualitativa quanto de abordagem quantitativa. O compromisso temporal expresso pelos ritmos diários para refeições (café da manhã, almoço e jantar) durante a semana e o fim de semana demonstrou que a temporalidade é uma das mais importantes perspectivas para se estudar comportamentos alimentares e ou convívios comensais urbanos.

No contexto do HIV/AIDS, os familiares adotam estratégias de convívios comensais com intuito de reduzir riscos ao evitar contatos de soropositivos com alimentos e utensílios. No contexto do HIV/AIDS as famílias ajustam estratégias para evitar o contato e o toque e assim preservar os convívios comensais. O impacto da orfandade parece maior para as meninas que herdam a responsabilidade de cuidar por meio dos convívios comensais, abrindo mão do direito aos estudos. As meninas órfãs perdem o gosto gostoso atribuído à culinária em convívio com as mães.

As refeições são fortemente legitimadas pela temporalidade das relações cíclicas e biológicas de fome e reforçam a unidade do grupo consanguíneo. A socialização se dá em função de valores morais estabelecidos pela própria família,

com surgimentos de individualismos dentro dos espaços de domínio do grupo familiar. O compromisso de moradia com um familiar se mostrou mais significante para a realização de refeição do jovem com a família do que o espaço casa. O vínculo comensal está associado ao compromisso de morar com um familiar cuidadoso e essa influência pode ocorrer independentemente da realização do convívio ocorrer em casa ou fora dela.

A casa enquanto local de refeições não, necessariamente, pode representar um melhor consumo de variedades de alimentos além de responsabilizar jovens meninas pela tarefa de prover os convívios comensais. Eles se mantêm mais restritos a casa, talvez representando uma tendência do comensal urbano e não somente uma característica do ser órfão, porém outros estudos precisam ser feitos para analisar a permanência em casa, principalmente nos finais de semana.

A orfandade, ao contrário do pressuposto inicial admitido como impactante ao convívio para refeição familiar, promoveu uma ampla valorização das refeições em família e em casa, até mesmo, durante os finais de semana. A perda dos pais pode ter levado os jovens a superestimar a valorização da realização das refeições em companhia familiar e motivado a assiduidade dos convívios comensais.

Devido ao adoecimento e morte dos pais por HIV/AIDS, os jovens continuam convivendo próximo, residindo, muitas vezes no mesmo quintal de um familiar com o qual mantinha vínculo consanguíneo. Mesmo depois de casados eles continuavam vivendo no mesmo quintal da casa do familiar consanguíneo com o qual tinha afinidade de cuidado.

Os gostos dos comensais urbanos são muito homogêneos e, por conta disso, pode não ocorrer grandes diferenças entre jovens órfãos em convívios contemporâneos. Outros estudos são necessários para investigar o processo de transição doméstico-industrial nas refeições urbanas e os efeitos da globalização sobre os cardápios regionais.

A despeito de todos os esforços literários que apontam a cultura como determinante dos modos de vida em espaço privado, ainda que sofra influências externas da globalização, as refeições familiares mantem a unidade do grupo unido pelo parentesco e mantido por meio de um conjunto de códigos morais modeladores da preservação do convívio no grupo familiar.

O principal achado do trabalho, a despeito da literatura que proclama sobre determinantes sociais e o papel social da alimentação, é a dimensão biológica que

se manteve acima de todas as variáveis sócio demográficas dos jovens. A refeição (usada para fins sociais) é estruturada em torno de dois fundamentos biológicos: pela dimensão da fome, condição fisiológica da natureza do indivíduo enquanto organismo vivo e para manter os compromissos da unidade do grupo familiar que se funda no parentesco e se mantém por afinidades dos hábitos ou valores morais da própria família.

A refeição cumpre um papel estruturante e reflete a disposição do grupo familiar em se manter unido. Os convívios comensais são modeladores e moderadores dos hábitos e afinidades dos jovens comensais com seus familiares. A certeza cíclica da ocorrência da refeição é estruturante para a intensa subjetividade inerente a condição do ser órfão. A refeição é uma resposta real que se reproduz em torno de condicionantes fisiológicos, como fome e saciedade, tendência secular de convívios. Os compromissos temporais com a família favorecem a adaptabilidade do jovem órfão em contexto urbano.

Condicionantes sociais da refeição são regidos pelo conjunto de valores morais de controle do grupo familiar. Comer, aparentemente social, se dá por dois condicionamentos do parentesco e do vínculo de conviver. Refletem o devir histórico, com atributos culturais e elementos subjetivos da experiência familiar. A refeição guarda a memória social da família e através dos convívios operacionalizam os instrumentos da cultura, registra, aprimora e retransmite os códigos morais da cultura familiar. O saber coletivo rege a refeição de modo cíclico e rotineiro como uma reprodução secular no cotidiano da vida, numa constante dualidade entre fome e saciedade, individualismo e comensalidade, ritmo e pausa, natureza e cultura que compõe o devir histórico expresso pelo devir histórico.

# **REFERÊNCIAS**

ABAD, M. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, M.V.; PAPA, F.C. **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2003. p.25.

ABRAMO, H. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita,1994. p.1-46.

ABSOLON, J.S.; WEARRING, G.A. BEHME, M.T. Dietary quality and eating patterns of adolescent girls in Southwestern Ontario. **Journal of Nutrition Education**, Amsterdam, v.20, n.2, p.77-81, 1988.

ACKARD, D.; NEUMARK-SZTAINER, D. Family mealtime while growing up: associations with symptoms of bulimia nervosa. **Eating Disorders**, Amsterdam, v.9, n.3, p.239-249, 2001.

AGUIRRE, P. **Seguridad Alimentaria.** Una visión desde la antropología alimentaria. Desarrollo Integral en la Infancia: El Futuro Comprometido. Córdoba: Fundación CLACYD, 2004. p.11-12.

AMORÓS, C. **Ética y Antropología**. In: SÁNCHEZ, C.G; CARPINTIER, J.M. La aventura de la moralidad. Paradigmas, fronteras y problemas de la ética. Madrid: Alianza Editorial, 2007. c.7, 552p.

AYRES, J.R.C.M. **Sobre o Risco**: para compreender a epidemiologia. São Paulo: Hucitec, 2002. 327p.

AYRES, J.R.C.M; PAIVA, V.; FRANÇA-JR, I.; GRAVATO, N.; LACERDA,R.; DELLA-NEGRA, M; MARQUES, H.H.S; GALANO, E.; LECUSSAN, P.; SEGURADO, A.C.; SILVA, M.H.Vulnerability, human rights, and comprehensive health care needs of young people living with HIV/AIDS. **American Journal of Public Health**, Washington, v.96, n.6, p.1001-1006, 2006.

ALLEN, D.E.; PATTERSON, Z.J.; WARREN, G.L. "Nutrition, family commensality, and academic performance among high school youth". **Journal of Home Economics**, Washington/New York, v. 62, p.333, 1970.

ALMEIDA, M.R. Cultura como mediação: configurações territoriais e juventude na favela. In: BARROS, J.M. **As mediações da cultura**: Arte, processo e cidadania. Belo Horizonte: Editora PucMinas, 2009. p.91-92.

BAHIA, J.A.V. O tiro da bruxa. O olhar mágico das pomeranas sobre o seu cotidiano camponês. In: WOORTMANN, E.F.; MENASCHE, R.; HEREDIA, B.; ALVES, M. Coletânea sobre estudos rurais e gênero. Brasília: MDA/IICA, 2006. 356p.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1998. 272p.

BEAUVOIR, S. O Segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p.27-207.

BERGER, P.; BERGER, B. Socialização: Como ser um membro da sociedade. In:FORRACCI, M.L.; MARTINS, J.S. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 204-206.

BESTARD, J.; CONTRERAS, J. La casa pairal en Catalogneurbaine. In: GULLESTARD, M; SEGALEN, M. **La famille en Europe.** Parenté el perpétuation familiale. Paris: Éditions La Découverte, 1995. 77p.

BIMBELA, J.L. **Sociologia del sida**. Jóvenes y sexualidad en Andalucía. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002. 210p.

BOURDIEU, P. La dominationmasculine. Paris: Seuil, 1998. 21p.

BOURDIEU, P.**A Distinção.** Crítica Social do Julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.162p.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.410p.

BOVE, C.F.; SOBAL, J.; RAUSCHENBACH, B.S. Food choices among newly married couples: convergence, conflict, individualism, and projetcts. **Appetite**, Philadelphia, v. 40,n.1,p. 25-41, 2003.

BOVÉ, J.; DUFOUR, F. **O mundo não é uma mercadoria.** Camponeses contra a comida ruim. São Paulo: Editora UNESP, 2001.85p.

BRILLAT-SAVARIN, J.A. Fisiología del gusto. Barcelona: Ibéria, 1999.336p.

BUCHALLA, C.M. Aids: o surgimento e a evolução da doença. In: MONTEIRO, C.A. **Velhos e Novos Males de Saúde no Brasil**: a evolução do país e de suas doenças. São Paulo: Hucitec, 2000. 359p.

CANESQUI, A.M; DIEZ-GARCIA, R.W. **Antropologia e Nutrição**: um diálogo possível. Antropologia e Saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.306p.

CARNEIRO, H. **Comida e Sociedade**: uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Elsevier; 2003. 200p.

CARNEIRO, M.H.S.; GASTAL, M.L. História e filosofia das ciências no ensino de biologia. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 1, p. 33-39, 2005.

CARRASCO, S. Pontos de Partida Teórico-metodológicos para o Estudo Sociocultural da Alimentação em um Contexto de Transformação. In: CANESQUI, A.M.;DIEZ-GARCIA, R.W. **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. Antropologia e Saúde.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ,2005. p.103-110.

CASCUDO, L.C. História da alimentação no Brasil. São Paulo: Global, 2004.960p.

CASEY, J. A história da família. São Paulo: Editora Ática, 1992. p.13-15.

CASON, K.L. Family Mealtimes: More than Just Eating Together. **Journal of the American Dietetic Association**, Philadelphia, v.106, n.4, p.532-533, 2006.

CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano 1. Artes de fazer. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v.1. p. 202.

COLLAÇO, J.H.L. Restaurantes de comida rápida: soluções à moda da casa – representações do comer em restaurantes de "comida rápida" em praças de alimentação em shopping-centers.2003. 201p. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) –PPGAS – Faculdade de Filosofia Letras Ciências História – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CONTRERAS, J.; GRÁCIA-ARNÁIZ, M. **Alimentación y cultura**. Perspectivas Antropológicas: Barcelona: Ariel, 2005.505p.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997. 164p.

D'AGOSTINO, F. Filosofia de la familia. Madrid: Ediciones RIALP; 2006. p.20-29.

DEVINE, C.M. CONNORS, M.;SOBAL, J.; BISOGNI, C.A. Sandwiching it in: spillover of work onto food choices and family roles in low and moderate –income urban households. **Social Science and Medicine**, Philadelphia, v.56, p. 617-630, 2003.

DEVINE, C.M.; SOBAL, J.; BISOGNI, C.A.; CONNORS, M. Food choices in three ethnic groups: Interactions of ideals, identities, and roles. **Journal of Nutrition Education**, Philadelphia,v.31, n.2, p. 86-93, 1999.

DIEZ-GARCIA, R.W. A antropologia aplicada às diferentes áreas da nutrição. In: CANESQUI, A.M.; DIEZ-GARCIA, R.W. **Antropologia e Nutrição**: um diálogo possível. Antropologia e Saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p.275-286.

DIEZ-GARCIA, R.W. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.16, n.4, p.483-492, 2003.

DIEZ-GARCIA, R.W. **A comida, a dieta, o gosto. Mudanças na cultura alimentar urbana.** 1999. 305p. (Tese de Doutorado na área de Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1999.

DÓRIA, C.A. **A Culinária Materialista.** Construção racional do alimento e do prazer gastronômico: Incorporação e Nutrição: O comer e o não comer. São Paulo: Editora Senac; 2009. 264p.

DORING, M. Situação dos órfãos em decorrência da aids em Porto Alegre/RS e fatores associados à institucionalização. 2004.98p. (Tese de Doutorado na área de Saúde Materno Infantil) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade São Paulo, 2004.

DOUGLAS, M. **Natural Symbols – Explorations in cosmology.** Harmondsworth: Penguin Books, 1973a. 315p.

DOUGLAS, M. Pureza y peligro – un análisis de los conceptos de contaminación y tabu. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1973b. 208p.

DWYER, J.T.; EVANS, M.; STONE E.J.; FELDMAN, H.A.; LYTLE, L.; HOELSCHER, D. et al. Adolescents' eating patterns influence their nutrient intakes. **Journal of the American Dietetic Association**, Philadelphia, v.101,n.7, p.798–801, 2001.

DURKHEIN, E. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. 536p.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1994. v.1. 277p.

ELIAS, N. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1998.165p.

ENGELS, F. **A Origem da família, da propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984. 211p.

FERNANDES, A.T. Ritualização da Comensalidade. Separata da **Revista da Faculdade de Letras, Sociologia do Porto**, Porto, v.1, 7p., 1997.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. **Comida – Uma história.** Rio de Janeiro: Record, 2004. 362p.

FERRY, L. **Famílias, amo vocês**. Política e vida privada na era da globalização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.144p.

FISCHLER, C. **El (h)omnínovoro**: El gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.421p.

FISCHLER, C. A 'McDonaldização" dos costumes. In: FLADRIN, J.L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.885p.

FLADRIN, J.L. Da dietética à gastronomia, ou a libertação da gula. In: FLADRIN, J.L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 885p.

FLADRIN, J.L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 885p.

FRANÇA-JR, I. **Estigma e discriminação relacionados ao HIV/AIDS**: impactos da epidemia em crianças e jovens na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP; 2005. 2p.

FRANCO, A. **De Caçador a Gourmet.** Uma história da gastronomia. São Paulo: Editora Senac, 2004. 270p.

FULKERSON, J.A.; NEUMARK-SZTAINER, D. Adolescent and Parent Views of Family Meals. **Journal of the American Dietetic Association**, Philadelphia, v.106, p. 526-532, 2006.

GIARD, L. Cozinhar. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano.** 8. ed. Petropolis: Vozes; 2008. v. 2: Morar e cozinhar. p.211-273.

GILLESPIE, A.; ACHTERBERG, C.L. Comparison of family interaction patterns related to food and nutrition. **Journal of the American Dietetic Association**, Philadelphia, v.89, n.4.p.509-512, 1989.

GILLESPIE, S.; HADDAD, L.; JACKSON, R. **HIV/AIDS, Food and Nutrition Security**: Impacts and actions. In: Nutrition and HIV/AIDS. Nutrition Policy. Geneva: United Nations SCN, 2001.p.4-6. (Discussion Paper, 20.)

GILLESPIE, S.; KADIYALA, S. **HIV/AIDS** and Food and Nutrition Security From Evidence to Action. Washington: International Food Policy Research Institute, 2005,150p.

GILLMAN, M.W.; RIFAS-SHIMAN, S.L.; FRAZIER, A.L.; ROCKETT, H.R.H.; CAMARGO-JR, C.A.; FIELD, A.E.; BERKEY, C.S.; GRAHAM, A.; COLDITS, G.A. Family dinner and diet quality among older children and adolescents. **Archives of Family Medicine**, Stanford, v.9, n.3, p.235–240, 2000.

GRACIA-ARNAIZ, M. **Somos lo que comemos**. Estudios de alimentación y cultura en España. Barcelona: Ariel Antropología, 2002.384p.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 158p.

GOFFMAN, E. Ritual de Interação. Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 256p.

GUATTARI, F. Interdisciplinaridade. **RevistaTempo Brasileiro**, Laranjeiras, v.108, p.19-26,1992.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action.** Reason and the rationalization of society. Boston: Beacon Press, 1984.v.1. p.99-392.

HAINES, P.S.; HAMA, M.Y.; GUILKEY, D.K.; POPKIN, B.M. Weekend Eating in the United States Is Linked with Greater Energy, Fat, and Alcohol Intake. **Obesity Research**, Malden, v.11, n.8, p.945-949, 2003.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes,2009. 600p.

HELLER, A. O Cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra. 2008. 158p.

HELMAN, C.G. Cultura, Saúde & Doença. Porto Alegre: Artmed, 2009. p.345-347.

HERPIN, N. Le repas comme institution, compte rendu d'une enquête exploratoire. **Revue Française de Sociologie,** Paris, v.24, p.503-521, 1988.

HERPIN, N.; VERGER, D. La consommation des français. Paris: La découverte, 1991. 128p.

HERTZLER, A.A.; YAMANAKA W.; NENNINGER C.; ABERNATHY A. Iron status and family structure of teenage girls in a low-income area. **Home Economics Research Journal**, Redwood City, v.5, p.92-99, 1976.

HERTZLER, A.A.; VAUGHAN, C.E. The relationship of family structure and interaction to nutrition. **Journal of the American Dietetic Association**, Philadelphia, v.74 p.23-27, 1979.

HINTON, M.A.; CHADDERDON, H.; EPPRIGHT, E.; WOLINS, L. Influences on girls' eating behavior. **Journal of Home Economics**, Washington/New York, v.54, n.1, p.842-846, 1962.

HOLM, L. The Social context of eating. In: KJAERNES, U. **Eating patterns**: A day in the lives of Nordic peoples. National Institute for Consumer Research. Lysaker, Norway, v.7, p.159-198,2001a.

HOLM, L. **Family meals.** In: KJAERNES, U. Eating patterns: A day in the lives of Nordic peoples. National Institute for Consumer Research, Lysaker, Norway,v.7, p.199-212, 2001b.

[HRW] Human Rights Watch. **Positively abandoned**. Stigma and discrimination against HIV-Positive mothers and their children in Rússia. Human Rights Watch, New York, v.17, n.4, p.11, 2005.

HUBERMAN, L. História da Riqueza do Homem. Rio de Janeiro: LTC,1986. 286p.

KORMONDY, E.J.; BROWN, D.E. **Ecologia Humana**. São Paulo: Editora Atheneu, 2002. 503p.

JACOB, H.E. **Seis mil anos de pão**. A civilização humana através de seu principal alimento. São Paulo: Nova Alexandria, 2003. 584p.

KALTON, G. Compensating for Missing Survey Data. Institute for Social Research. Michigan: The University of Michigan. Ann Arbor, 1983. 157p.

KELLY, M.J. **Planear para Educação no Contexto do HIV/SIDA**. Paris: UNESCO/IIPE, 2000. p.41

KISH, L. Weighting for unequal Pi. **Journal of official statistics**, Stockholm/Örebro, v.8, p.183-200, 1992.

KORN, E.L.; GRAUBARD, B.I. **Analysis of Health Survey**. New Jersey: John Wiley, 1999. 359p.

KUSANO-TSUNOH, A.; NAKATSUKA, H.; SATOH, H. Effects of Family-Togetherness on the Food Selection by Primary and Junior High School Students: Family-Togetherness Means Better Food.**Tohoku Journal of Experimental Medicine**, Seiryo-Machi, v.194, p.121-127, 2001.

LEFF, E. Saber Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2001.343p.

LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura**: A territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis:Vozes, 2009. 439p.

LELEU, M. Modelos Familiares: Diversidad: Presentación. Famílias mosaico, Generaciones mosaico. Famílias útiles, famílias fútiles. **Políticas Sociales en Europa**, Barcelona, n.7. p.6. Marzo 2000.

LETAMO, G. HIV/AIDS-related stigma and discrimination among adolescents in Botswana. **African Population Studies**, Johannesburg, v.19, p.191–203,2004.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.126-451.

LÉVI-STRAUSS, C. O cru e o cozido. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p.89-380.

LÉVI-STRAUSS, C. **A origem dos modos à mesa**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. 448p.

LÉVI-STRAUSS, C. O Pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 2010. 33p.

MMA/MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Agenda 21.MMA: Brasília, 2006. 14p.

MS/MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico – Aids e DST. Brasília, Ano II, n.1. 2013. p.24.

MARSHALL, F. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, v. 20, p. 13-23, 2005.

MATHER, D.; DONOVAN, M.; WEBER, H.M.; ALAGE, A. **Prime age adult mortality and household livelihood in rural Mozambique:** Preliminary results and implications for HIV/AIDS mitigation efforts. Oxford: Reprint of paper prepared for the Annual Conference of the Centre for the Study of African Economies, 2004.58p.

MATURANA, H. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 203p.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002a. 98p.

MATURANA, H. Biologia do fenômeno social. In: MATURANA, H. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002b. 350p.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva.** Perspectivas do homem. As culturas. As sociedades. Lisboa: Edições 70, 2001. 224p.

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 536p.

MEINTJESS, H.; GIESE, S. Spinning Epidemic. The making of mythologies of orphanhood in the context of AIDS.**SAGE Publications**, London,v.13, n.3,p. 407-430, 2006.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.5 n.6, p. 5-14, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. Signos. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 392p.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 170p.

MILL, J. E.Shrouded in secrecy: Breaking the news of HIV infection to Ghanaian women. **Journal of Transcultural Nursing**, Thousand Oaks, v.4, n.1, p.6-16, 2003.

MILL, J.S. **A sujeição das mulheres**. São Paulo: Editora Escala, 2006. 226p. MILLS, W. **Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 89p.

MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 239-362, 1993.

MONK, N. Enumerating Children Orphaned by HIV/AIDS: Counting a Human Cost. A critique of statistical accounts of the HIV/AIDS orphan crisis. Sion: Association François-Xavier Bagnoud, 2002. 10p.

MONTANARI, M. **Comida como Cultura.** São Paulo: Editora Senac, 2008. 207p. MONTEIRO, C.A. **Velhos e Novos Males de Saúde no Brasil**: a evolução do país e de suas doenças. São Paulo: Hucitec, 2000. 359p.

MORAN, E.F. **Adaptabilidade humana**: Uma introdução à antropologia ecológica. São Paulo: Edusp/Editora Senac, 2010. p.21-117.

MOREIRA, S.A. Comensalidade de jovens órfãos pela Aids em São Paulo. Brasília: CNPq/COSAU, 2009. 30p.

MOREIRA, S.A.; FRANÇA-JÚNIOR, I.; AYRES, J.R.; MEDEIROS, M.; Comensalidade e cuidado: meninas-jovens-mulheres órfãs no contexto de HIV/Aids. **Interface**, Botucatu. v.16, n.42, p. 651-664, 2012.

MOREIRA,S.A. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência eCultura**,Campinas,v.62, n.4, p. 23-26,2010.

MORELL, M.G.G.; LACERDA, R.M.; SILVA, N.G.; COSTA, M.A. **Órfãos e AIDS**: Um desafio para o Brasil. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais –ABEP; 2004 set 20- 24; Caxambu, 2004. 20p.

MORIN, E. **O Método 4:** As idéias. Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1997. 274p.

MORIN, E. **Complexidade e Transdisciplinaridade**: A Reforma da Universidade e do Ensino Fundamental. Natal: EdUFRN, 1999. 57p.

MORIN, E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 128p.

MORIN, E. **As duas globalizações:** complexidade e comunicação. 3.ed. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2007. 85p.

MURCOTT, A. **Family meals**: A thing of the past? In: CAPLAN, P. Food, Health and Identity. London/New York: Routledge, 1997. 267p.

MURCOTT, A. **Invited presentation**: Is it still a pleasure to cook for him? Social changes in the household and the family. **Journal of Consumer Studies & Home Economics,** Malden, v.24, n.2, p. 78-84, 2000.

NEUMARK-SZTAINER, D.; STORY, M.; PERRY, C.; CASEY, M.A. Factors influencing food choices of adolescents: Findings from focus-group discussions with adolescents. **Journal American Dietetic Association**, Philadelphia, v.99, n.8. p.929–937, 1999.

NEUMARK-SZTAINER, D.; STORY, M.; ACKARD, D.; MOE, J.; PERRY, C. The "Family Meal:" Views of adolescents. **Journal Nutrition Education**, Philadelphia, v.32, n. 6,p. 329–334,2000.

NEUMARK-SZTAINER, D.; HANNAN, P.J.; STORY, M.; CROLL, J.; PERRY, C. Family meal patterns: associations with sociodemographic characteristics and improved energy intake among adolescents. **Journal of the American Dietetic Association**, Philadelphia, v.103, p.317–322,2003.

NÓBREGA, T.; MERLEAU-PONTY: O Corpo Como Obra de Arte. **Princípios**, Natal, v.7, n.8, p.95-108, 2000.

PAIS, J.M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993. 401p.

PAUGAM, S. **Desqualificação social**: ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo: Educ/Cortez, 2003. p.94-107.

PERETTI-WATTEL, P. Sociologie du risque. Paris: Armand Colin, 2000. 286p.

PLINER, P.; BELL, R.; HIRSCH, E.S.; KINCHLA, M. Meal duration mediates the effect of "social facilitation" on eating in humans. **Appetite**, Philadelphia,v. 46, p.189-198, 2006.

PLINER, P.; ROZIN, P. The psychology of the meal.IN: MEISELMAN, H.L. **Dimensions of the meal**: The science, culture, business, and art of eating.Aspen Publishers, Gaithersburg, MD; 2000.p.19–46.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro/Brasília, v.1, n.1, p.3-15, 2005.

POLLAN, M. O dilema do onívoro. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006. 272p.

POULAIN, J.P. **Sociologias da alimentação**. Os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004. p.19-243.

POULAIN, J.P.;PROENCA, R.P.C. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.16, n.4, p. 365-86,2003.

PRIORY GROUP. Lovesick tens turn to junk food. Reino Unido: BBC News, 2005. p.1

REICHEMBACH, M.T. A refeição em família: Um lugar de encontro entre a história da alimentação e da enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba,v.9,n.2, p.53-65, 2004.

RITZER, G. **The McDonaldization of Society**. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC: Sage Publications, 2013. 283p.

RISTOVSKI-SLIJEPCEVIC, S.; CHAPMAN, G.E. Integration and individuality in healthy eating: meanings, values, and approaches of childless, dual earner couples. **Journal of Human Nutrition and Dietetics**, Malden, v.18, p. 301–309, 2005.

RODRIGUES, S.S.P.; ALMEIDA, M.D.V. Food habits: concepts and practices of two different age groups. In: EDWARDS, J.S.A. **Culinary Arts and sciences**: Global and national perspectives. Boston: Computacional Mechanics Publicacions, 1996. 536p.

ROMAGNOLI, D. Guarda no siivilan: as boas maneiras à mesa. In: FLANDRIN, J.L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 885p.

SÁ, C.A.M. O Universo, a vida, a sociedade e a sexualidade humana. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo,v.7, n.2, p.157-163, 1996.

SAMPER, M.A.P. Los recetarios de mujeres y para mujeres. Sobre la conservación y transmisión de los saberes domésticos en la época moderna. **Cuadernos de Historia Moderna**, Madrid, v.19, p.121-154, 1997.

SANTOS, B.S. **A globalização e as ciências sociais.** São Paulo: Cortêz, 2005. 572p.

SANTOS, B.S. **A Gramática do Tempo**: Para uma nova cultura política. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática. Porto: Edições Afrontamento, 2006a. 177p.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortêz, 2006b.88p.

SANTOS, B.S. A sociologia das ausências e a sociologia das emergências: para uma ecologia de saberes: In: SANTOS, B.S. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Editora Boitempo, 2007. 128p.

SANTOS, C.R.A. A comida como lugar de história: As dimensões do gosto. **História:** Questões & Debate, Curitiba, n.54 p.103-124, 2011.

SARAMAGO, J. **O evangelho segundo Jesus Cristo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.448p.

SARTI, C.A. **A Família como Espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2003. 152p.

SARTI, C.A. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A.R.; VITALE, M.A.F. **Famílias:** redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP, 2008. 316p.

SEGALEN, M. **Antropología histórica de la familia.** Madrid: Taurus Universitária; 2004. 264p.

SICHIERI, R; CASTRO, J.F.G; MOURA, A.S. Fatores associados ao padrão de consumo alimentar da população brasileira urbana. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.S47-S53, 2003.

SILVA, V.P.; CÁRDENAS, C.J. A comida e a sociabilidade na velhice. **Revista Kairós**, São Paulo, v.10, n.1, p.51-69, 2007.

SILVA, N.N. **Amostragem Probabilística**: Um curso introdutório. São Paulo: EDUSP, 2000. 120p.

SILVA, M.R.F. **Ciência, natureza e sociedade**: diálogo entre sabores. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. 152p.

SOBAL, J.; BOVE, C.F.; RAUCHENBACH, B.S. Commensal careers at entry into marriage: establishing commensal units and managing commensal circles. **The Sociological Review**, Berlin/Cambridge,50 n.3, p. 378-397, 2002.

SOBAL, J.; NELSON, M.K. Commensal eating patterns: a community study. **Appetite**, Philadelphia, v.41.p.181-190, 2003.

SOBAL, J. Sociability and meals: Facilitation, commensality, and interaction. In: MEISELMAN, H.L. **Dimensions of the meal:** The science, culture, business, and art of eating. Gaithersburg, MD: Aspen Publishers, 2000. p.119-133.

STANDAGE, T. **Uma história comestível da humanidade**. Rio de Janeiro: Zahar; 2010. 239p.

STATACORP. **Statistical software**: release 10.0. College Station: Stata Corporation; 2010.1 CD-ROM.

STORT, E.V.R. **Cultura**, **imaginação e conhecimento**: a educação e a formalização da experiência. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.153p.

VIDEON, T.M.; MANNING, C.K. Influences on Adolescent Eating Patterns: The Importance of Family Meals. **Journal of Adolescent Health**, New York/Philadelphia,v.32, p.365–373, 2003.

VILLAR, B.S. **Desenvolvimento e validação de um questionário semiquantitativo de freqüência alimentar para adolescentes**. 2001.133p. (Tese de Doutorado na área de Nutrição) – Faculdade de Saúde Pública – Universidade de São Paulo, 2001.

VILLARES J.M.M.; SEGOVIA, M.J.G. La comida en familia Algo más que comer juntos. **Acta Pediátrica Española,** Barcelona, v.64, n.11, p. 554-558, 2006.

VISSER, M. **O Ritual do Jantar**. As origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras à mesa. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998. 430p.

WARDE, A.; MARTENS, L. **Eating out:** Social differentiation, consumption, and pleasure. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.325p.WILSON, E.O. **A Conquista Social da Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 392p.

WOORTMANN, E.F. Da complementaridade à dependência. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo,v.18,n.7. p.41-61,1992.

WOORTMANN, K. A Família das Mulheres. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/CNPq, Laranjeiras/Brasília, 1987.316p.

YAMANO, T.; JAYNE, T.S. "Measuring the Impacts of Working-age Adult Death on Rural Households in Kenya." **World Development**, Philadelphia, v.32,n.1. p.91-119, 2004.

# **APÊNDICES**

# APÊNDICE A - Roteiro de entrevista da fase qualitativa

#### Aquecimento

- Apresente-se ao entrevistado ... Falar do objetivo da pesquisa etc.
- Fazer o possível para deixar o jovem o mais confortável possível.

#### Processo de Consentimento:

- Falar da pesquisa (nome, objetivos e instituição responsável), dos direitos à recusa, interrupção da participação em qualquer momento, do sigilo das informações prestadas e de que, em caso de recusa, não haverá NENHUM problema no seu atendimento.
- Assinar o termo de consentimento e entregar uma cópia para o jovem.
- Falar do gravador...

## I INTRODUÇÃO

- Falar dos dois momentos da entrevista:
- Primeiro será mais livre e a gente vai conversar sobre você <nome do jovem> livremente, do jeito que você quiser ir falando....
- Depois, vamos conversar sobre questões mais específicas...

#### **II DISCURSO LIVRE**

- Que dia você nasceu? Idade? Como você definiria sua cor?
- Com quem você mora? Você estuda?
- Conte-me um pouco, sobre a sua vida... Como se você fosse umfilme. O que você falaria?

#### **III CENAS DO COTIDIANO**

- Me conta como é seu dia a dia. Escolha um dia e me conte da hora que você acorda até a hora que você vai dormir.
- Esse é um dia comum? -Se não for, me conte um dia comum.
- O que você costuma comer no dia-a-dia? Quem prepara? Onde? Com quem você come? (café, almoço e jantar) -Se for, me conte um dia especial, diferente desse. Por que você escolheu esse dia?
- Agora vamos pensar no seu fim de semana. Como são as refeições? Você poderia escolher uma das refeições e descrevê-la?

## **IV PLANOS PARA O FUTURO**

- Quais são os sonhos e planos para sua vida?
- Como você imagina que será sua vida daqui a 5 anos? Você com X anos...
- Imagine uma cena. E dagui a 10 anos? Com X anos...?

## **VCONTRASTES COM A ORFANDADE**

- Você disse que daqui 5 anos você gostaria de (sonho)
- Se seu(s) pai(s)/mãe estivessem vivos?
- O que é ser órfão pra você?
- Se você fosse menino (a), mudaria alguma coisa?
- Contrastar outras situações...

#### VI SIMBOLISMOS DA AIDS

- Quando você pensa em AIDS, o que te vem à cabeça?
- Você já vivenciou algum tipo de preconceito por causa do HIV/Aids
- Por que as pessoas tem preconceito ou discriminam crianças e jovens nesta situação?
- \*Informar sobre os contatos da FSP/USP, convidar para o evento final e agradecer.

# APÊNDICE B - Formulárioda fase quantitativa

FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA			
Saúde de crianças e jovens que perderam	n algum de seus p	ais em São	Paulo
QUESTIONÁRIO COM JOVENS (15-24 a			
I. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	/		
Número do questionário:			
2. Entrevistador (a):			
3.Data da entrevista: / /			
4.Identificação do jovem:			
(SOMENTÉ O PRÍMEIRO NOME)			
4a. Identificação do	responsável	pelo	jovem:
(SOMENTE O PRIMEIRO NOME)			_
5.Identificação da	pessoa	(0.4.0.0 (N.D.)	falecida:
(NOME COMPLETO)		(CASO ÍNDI	CE)
(NOME COMPLETO)			
6. Sexo: 1. Masculino 2. Feminino 6.			
7.Data de nascimento: / / (dd/m		^ ENTDE\//	
(SE NÃO SOUBER, ANOTAR A IDADE N meses/anos	NO MOMENTO DA	AENIREVI	or A) luade
9.Qual a cor de sua pele? 1. Branca 2. Pro	oto 2 Amerola 1	Dordo E Ind	ígono
10. Qual é o seu estado marital?			
consensual/mora junto	i. Suiteilu/a 2.	Casauora	J. Ulliau
4. Viúvo/a 5. Separado/divorciado/a			
11. Atualmente, qual é sua religião?	1 Evangélica h	istórica 2	Evangélica
pentecostal 3 Umbanda 4. Candomblé			
Judaica 8. Acredita em Deus, sem religiá			
10. Nenhuma 11. Outra. Qual?	,	specificar) [	
22. Atualmente qual é a sua ocupação/tra			
por benefício 2. Trabalho regu			
bico 7. Procurando emprego 4. Trabalho I			
DE 7 A 10) 9. Dona de casa PULAR PARA			` ,
88. Não sabe 99. Outro: Recusou-se a res	sponder []		
93. Qual a série que você está freqüenta	ando agora ou a i	última que fr	eqüentou?
(série/grau)			
27. Quem mora atualmente com você? (N	MARCAR TODAS	AS RESPOS	STAS)
A) Mãe (PULAR PARA 34) ( ) B) Pai ( )	C) Filhos ( ) D) I	lrmã ( ) E) Ir	mão ( ) F)
Tios paternos ( ) G) Tios maternos ( ) H)			
paterno ( ) L) Avô materno ( ) M) Família			
família ( ) P) Outros adultos não parentes	_	` ' '	• `
de apoio, abrigo e orfanato) ( ) R) Vizinho	os ( ) S) Sozinho		
Esposa / esposo ( ) V) Outros.		( ) (espe	cificar) []
31. Quem é o seu/sua principal cuidador/a			
1. Mãe (PULAR PARA 34) 2. Pai (PULA			
maternos 6. Tios paternos 7. Avó materna	•		
paterno 11. Família substituta 12. Primos			
15. Adultos não parentes consangüíneo			II (PULAR
PARA 34) 18. Outros. Quem?	(espe	cificar) []	
70. Situação da mãe			

1. Viva 2. Óbito (PULAR PARA 72) 8. Não sabe 9. Recusou-se a responder .
78. Condições sorológicas da sua mãe para o HIV: 1. Soronegativa para o HIV 2.
Soropositiva para o HIV
8. Não sabe 9. Recusou-se a responder.
79. Situação do pai
1. Vivo 2. Óbito (PULAR PARA 81) 8. Não sabe 9. Não respondeu
87. Condições sorológicas do seu pai para o HIV: 1. Soronegativo para o HIV 8.
Não sabe 2. Soropositivo para o HIV 9. Recusou-se a responder .
II – COMENSALIDADE
172. Onde você tomou café da manhã ontem (ou sexta-feira)?
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D)
Padaria / lanchonete ( )
E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de
vizinhos ( )
I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outro
(especificar) ()
L) Não tomei (PULAR PARA 175) ( )
173. Com quem você tomou café da manhã ontem (ou sexta-feira)?
A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C)
Sozinho, fora de casa () D) Mãe () E) Pai () F) Irmã () G) Irmão () H) Avó ()
I) Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos/colegas ( )
L) Outros (especificar)
174. O que você comeu/bebeu de café da manhã ontem (ou sexta feira)?
COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra
175. Onde você almoçou ontem (ou sexta-feira)?
A) Em casa/moradia () B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D)
Padaria / lanchonete ()
E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares G) Casa de amigos ( ) H) Casa de
vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a)
J) Na rua ( ) K) Outros (especificar)
L) Não almocei. (PULAR PARA 178) ()
176. Com quem você almoçou ontem (ou sexta-feira)?
A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C)
Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( )E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I)
Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos/colegas ( )
L) Outros (especificar) ()
177. O que você comeu/bebeu no almoço ontem (ou sexta feira)?
COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra
178. Onde você comeu na hora do jantar ontem (ou sexta-feira)?
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D)
Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de
amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K)
Outros (especificar) ( )
L) Não jantei (PULAR PARA 181) ( )
179. Com quem você jantou/lanchou ontem (ou sexta-feira)?
A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C)
Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I)
Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos/colegas ( )
L) Outros (especificar) ( )

180. O que você comeu/bebeu no jantar ontem (ou sexta feira)?
COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra
181. Onde você tomou café da manhã no último domingo?
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( )
D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa
de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) J)
K) Outros (especificar) ( ) L) Não tomei
(PULAR PARA 184)
182. Com quem você tomou café da manhã no último domingo?
A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C)
Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I)
Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) L) Outros
(especificar) ( )
183. O que você comeu/bebeu no café da manhã no último domingo?
COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra
184. Onde você almoçou no último domingo?
A) Em casa/moradia ( ) A) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D)
Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de
amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) J)
K) Outros (especificar) ()
L) Não almocei (PULAR PARA 187) ( )
185. Com quem você almoçou no último domingo?
A) Sozinho, com alguém na casa () B) Sozinho, sem ninguém na casa () C)
Sozinho, fora de casa () D) Mãe () E) Pai () F) Irmã () G) Irmão () H) Avó () I)
Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) L) Outros
(especificar) ( ) 186. O que você comeu/bebeu no almoço no último domingo?
COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra
187. Onde você comeu no jantar domingo passado?
101. Office 1000 conficultio fairful domingo passado:
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D)
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( )
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( )
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( ) L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( )
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( ) L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( ) 188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( ) L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( ) 188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( ) E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( ) L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( ) 188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado? A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C) Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I)
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( )  E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( )  L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( )  188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?  A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C) Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I) Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) K)L) Outros:
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( )  E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( )  L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( )  188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?  A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C) Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I) Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) K) L) Outros:189. O que você comeu/bebeu na hora do jantar domingo passado?
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( )  E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( )  L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( )  188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?  A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C) Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I) Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) K) L) Outros:  189. O que você comeu/bebeu na hora do jantar domingo passado?  COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra  39. Com que freqüência você costuma aquecer/fazer comida na sua casa?  1. sempre 2. de vez em quando 3. nunca
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( )  E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( )  L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( )  188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?  A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C) Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I) Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) K) L) Outros:  189. O que você comeu/bebeu na hora do jantar domingo passado?  COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra  39. Com que freqüência você costuma aquecer/fazer comida na sua casa?  1. sempre 2. de vez em quando 3. nunca
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( )  E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( )  L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( )  188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?  A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C) Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I) Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) K) L) Outros:  189. O que você comeu/bebeu na hora do jantar domingo passado?  COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra  39. Com que freqüência você costuma aquecer/fazer comida na sua casa?  1. sempre 2. de vez em quando 3. nunca  202. Você conhece alguma pessoa que acha que pode contrair HIV pelo copo/colher/prato usados por um portador do HIV/AIDS? 1. Sim 2. Não (PULE
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( )  E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( )  L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( )  188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?  A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C) Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I) Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) K) ( ) L) Outros:  189. O que você comeu/bebeu na hora do jantar domingo passado?  COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra  39. Com que freqüência você costuma aquecer/fazer comida na sua casa?  1. sempre 2. de vez em quando 3. nunca  202. Você conhece alguma pessoa que acha que pode contrair HIV pelo copo/colher/prato usados por um portador do HIV/AIDS? 1. Sim 2. Não (PULE PARA 204)
A) Em casa/moradia ( ) B) Refeitório Escola ( ) C) Refeitório Trabalho ( ) D) Padaria / lanchonete ( )  E) Restaurante ( ) F) Casa de Familiares ( ) G) Casa de amigos ( ) H) Casa de vizinhos ( ) I) Casa de namorado (a) ( ) J) Na rua ( ) K) Outros (especificar) ( )  L) Não jantei (PULAR PARA 190) ( )  188. Com quem você jantou/lanchou domingo passado?  A) Sozinho, com alguém na casa ( ) B) Sozinho, sem ninguém na casa ( ) C) Sozinho, fora de casa ( ) D) Mãe ( ) E) Pai ( ) F) Irmã ( ) G) Irmão ( ) H) Avó ( ) I) Cônjuge ( ) J) Namorado (a) ( ) K) Amigos / colegas ( ) K) L) Outros:  189. O que você comeu/bebeu na hora do jantar domingo passado?  COMEU OU BEBEU MAIS ALGUMA COISA? 8. Não lembra  39. Com que freqüência você costuma aquecer/fazer comida na sua casa?  1. sempre 2. de vez em quando 3. nunca  202. Você conhece alguma pessoa que acha que pode contrair HIV pelo copo/colher/prato usados por um portador do HIV/AIDS? 1. Sim 2. Não (PULE